

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação de Mestrado

Os Dias Antigos da Terra-média:

Bíblia e mitologias em O Silmarillion, de J. R. R. Tolkien

Isabela Brito Oliveira

Pelotas, 2020

Isabela Brito Oliveira

Os Dias Antigos da Terra-média:

Bíblia e mitologias em *O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O48d Oliveira, Isabela Brito

Os dias antigos da terra-média : bíblia e mitologias em O
silmarillion, de J. R. R. Tolkien / Isabela Brito Oliveira ;
Eduardo Marks de Marques, orientador. — Pelotas, 2020.
125 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2020.

1. O silmarillion. 2. Tolkien. 3. Bíblia. 4. Mitologias. 5.
Letras. I. Marques, Eduardo Marks de, orient. II. Título.

CDD : 809

Elaborada por Aline Herbstrith Batista CRB: 10/1737

Isabela Brito Oliveira

“Os Dias Antigos da Terra-média: *Bíblia* e mitologias em *O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien”

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 18 de setembro de 2020

Banca examinadora:



Profa. Dra. EDUARDO MARKS DE MARQUES

Orientadora/Presidente da banca

Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. DANIELE GALLINDO GONÇALVES

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. RENATA KABKE PINHEIRO

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, professor Eduardo Marks de Marques, por aceitar embarcar nesta jornada pela Terra-média e por todo o apoio durante o processo de elaboração do projeto e desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço a minha mãe, minha irmã, meu cunhado e meu pai por toda a ajuda, paciência e conselhos.

Agradeço aos amigos Érica Carvalho, pela ajuda com os textos em língua inglesa; Daniel Farias, pela consultoria bíblica; Aline Coelho, Carim Rodrigues, Bruna Passos, Juliane Cardoso, Luciane Sinott, Marcelle von Pfeil e Wendel Buchweitz, por todos os momentos compartilhados.

Agradeço aos companheiros tolkienianos Cássio Cabral, Enilson Rodrigues e Fernando Branco pela ajuda com “As cartas de J. R. R. Tolkien”.

Sem vocês, isso não teria sido possível.

Obrigada!

*“La fantasía no es simple entretenimiento: nos permite
entender el mundo y el lugar que la humanidad ocupa en él.”
(HOWE, 2012)*

Resumo

OLIVEIRA, Isabela Brito. **Os Dias Antigos da Terra-média: Bíblia e mitologias em O Silmarillion**, de J. R. R. Tolkien. Orientador: Eduardo Marks de Marques. 2020. 125 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Neste trabalho, analisamos parte da obra que abre cronologicamente o legendário de J. R. R. Tolkien, *O Silmarillion* (1977), com o objetivo de estudar a confluência entre as mitologias bíblica, celta, grega e nórdica na construção desta narrativa. O recorte estabelecido inclui as três primeiras seções do livro, que foi publicado quatro anos após a morte do autor com edição realizada por seu filho Christopher Tolkien. No primeiro capítulo, apresentamos algumas questões para nortear a análise: a cosmogonia, a relação entre religião e mitologia, os deuses mitológicos e os mitemas. Para isso, utilizamos trabalhos de Mircea Eliade, Joseph Campbell, Claude Lévi-Strauss, dentre outros. No segundo capítulo, ainda trazemos questões para nortear a discussão, mas relacionadas à vida de Tolkien e sua visão sobre mitologia. No capítulo final, fazemos a análise de *O Silmarillion*, partindo da cosmogonia de Arda até o final da Primeira Era, seguindo os eventos relacionados ao destino das Silmarils e levando em consideração, além do referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, outros trabalhos que se relacionem de uma forma ou de outra com o texto tolkieniano. Nesta análise, apontamos alguns paralelos que nos permitem mostrar como a fé católica que Tolkien professava e as obras mitológicas que o autor lia influenciam na elaboração de seu legendário.

Palavras-chave: O Silmarillion. Tolkien. Mitologia. Bíblia.

Resumen

OLIVEIRA, Isabela Brito. **Los Días Antiguos de la Tierra media: Biblia y mitologías en *El Silmarillion*** de J. R. R. Tolkien. Orientador: Eduardo Marks de Marques. 2020. 125h. Disertación de Maestría (Maestría en Letras) – Centro de Letras y Comunicación, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

En este trabajo, analizamos parte de la obra que abre cronológicamente el legendario de J. R. R. Tolkien, *El Silmarillion* (1977), con el objetivo de estudiar la confluencia entre las mitologías bíblica, celta, griega y nórdica en la construcción de esta narrativa. El recorte establecido incluye las tres primeras secciones del libro, que fue publicado cuatro años después de la muerte del autor con edición realizada por su hijo Christopher Tolkien. En el primer capítulo, presentamos algunas cuestiones para nortear el análisis: la cosmogonía, la relación entre religión y mitología, los dioses mitológicos y los mitemas. Para eso, utilizamos trabajos de Mircea Eliade, Joseph Campbell, Claude Lévi-Strauss, entre otros. En el segundo capítulo, aún traemos cuestiones para nortear la discusión, pero relacionadas a la vida de Tolkien y su visión sobre mitología. En el capítulo final, hacemos el análisis de *El Silmarillion* a partir de la cosmogonía de Arda hasta el final de la Primera Edad, acompañando los eventos relacionados al destino de las Silmarils y considerando, además del referencial teórico presentado en los capítulos anteriores, a otros trabajos que se relacionen de una manera u otra con el texto tolkeneano. En este análisis, apuntamos algunos paralelos que nos permiten mostrar como la fe católica que Tolkien profesaba y las obras mitológicas que el autor leía influyen en la elaboración de su legendario.

Palabras-clave: El Silmarillion. Tolkien. Biblia. Mitologías.

Sumário

| | |
|---|-----|
| 1. Introdução..... | 11 |
| 2. Um norte para a discussão | 16 |
| 2.1 Cosmogonia: uma resposta aos anseios humanos | 16 |
| 2.2 Verdade, crença, ficção: a relação entre religião e mitologia | 18 |
| 2.3 Deuses mitológicos: exemplos para os homens | 24 |
| 2.4 Mitemas: o esqueleto do mito..... | 27 |
| 3. A jornada de Tolkien | 30 |
| 4. <i>O Silmarillion</i> : a História da Terra-média no legendário de Tolkien | 40 |
| 4.1 Os deuses da mitologia tolkieniana | 45 |
| 4.1.1 Eru Ilúvatar: o Ser Superior | 46 |
| 4.1.2 Valar e Maiar: deuses inferiores | 47 |
| 4.1.3 Sauron e Melkor: os inimigos..... | 61 |
| 4.2 O “Quenta Silmarillion” e a <i>Bíblia</i> | 63 |
| 4.3 <i>O Silmarillion</i> e outras mitologias | 104 |
| 5. Considerações finais | 117 |
| Referências bibliográficas | 122 |

Uma versão prévia da seção 2.4 foi publicada em OLIVEIRA, Isabela Brito. A queda de Númenor: o dilúvio na mitologia tolkieniana. **Revista Travessias**, Cascavel, v.13, n.2, p. 68-80, maio/ago. 2019. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/22918/14605>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

1. Introdução

O legendário tolkieniano nasce do desejo de J. R. R. Tolkien de criar uma mitologia para a Inglaterra, seu país de origem, e de um chamado de seu amigo G. B. Smith. (CARPENTER, 2018, p. 127) Cronologicamente, os relatos começam em *O Silmarillion* (1977), mas o primeiro livro publicado foi *O Hobbit* (1937), seguido de *O Senhor dos Anéis* (1954-1955). Além dessas obras, há também histórias sobre a Terra-média e seus povos em outros escritos de Tolkien, como *Contos inacabados* (1954) e a série de doze volumes *The History of Middle-earth* (1983-1996), ambos editados pelo filho do autor, Christopher Tolkien, assim como *O Silmarillion*.

Curiosamente, *O Hobbit* não foi escrito para fazer parte dessa mitologia, mas teve de ser adaptado para isso em sua segunda edição devido ao pedido do editor de Tolkien por uma sequência para ele, o que gerou *O Senhor dos Anéis*. Estas duas obras são as mais conhecidas de Tolkien pelo grande público não só por suas publicações como também por suas adaptações cinematográficas. Mas a mitologia tolkieniana como um todo povoa a cultura pop na atualidade e possui muitos fãs ao redor do mundo que não apenas consomem suas obras literárias, como todo e qualquer conteúdo que se relacione a ela. Há diversos sites, blogs, fóruns e canais no YouTube dedicados a discutir o assunto Tolkien. Para citar apenas um exemplo, no Brasil, o canal do YouTube Tolkien Talk conta com 79,6 mil inscritos e mais de cinco milhões de visualizações em seus vídeos¹.

Neste trabalho, estudaremos a obra de abertura do legendário de Tolkien, *O Silmarillion*, com o objetivo de analisar como religião e mitologia, ambas de importância significativa na vida do autor, confluem para a criação da chamada mitologia tolkieniana. A motivação para tal escolha parte de uma questão pessoal. Após a leitura de *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*, houve a descoberta de *O Silmarillion*, que causou grande impressão por se tratar de algo tão diferente do lido até então – não somente em se tratando de Tolkien – e logo se tornou o livro preferido. Era possível ver que as histórias tratavam do mesmo mundo, mas eram diferentes. Nestas, havia deuses que decidiam o destino através da música, que desciam do vazio para construir cada elemento da terra, do céu e do mar e esperar ansiosamente pelo surgimento dos habitantes desse território. Havia também um

¹ Dados disponíveis em: <<https://www.youtube.com/c/TolkienTalk/about>>. Acesso em: 26 ago. 2020

deus rebelde que se dedicava à destruição. E tudo narrado de uma forma tão profunda que prende a atenção do leitor e desperta o desejo de saber mais sobre Arda e seus povos. A isso, somou-se o descobrimento posterior de que tudo estava interligado, *O Silmarillion*, *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e outros livros lidos mais tarde: *Os filhos de Húrin* e *Contos Inacabados*.

Na primeira leitura de *O Silmarillion*, já foi possível perceber que havia uma relação com a *Bíblia* e com outras mitologias. Mesmo sem o conhecimento da biografia de Tolkien e, conseqüentemente, da importância dessas narrativas para ele e sem um conhecimento profundo sobre relatos bíblicos e mitológicos, havia ecos claros nessa obra. As primeiras percepções foram logo no início: em “Ainulindalë”, a relação foi feita com a Bíblia já nas palavras iniciais “[h]avia Eru, o Único, que em Arda é chamado Ilúvatar” (TOLKIEN, 2011, p. 3) que de imediato foram ligadas a “[n]o princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo.” (JOÃO 1,1) devido ao ritmo do texto; e, em “Valaquenta”, onde se detalham quem são os deuses tolkienianos e suas funções, já foi possível traçar, mesmo que superficialmente, um paralelo entre eles e os deuses gregos. Assim, surgiu o interesse em estudar quão profundas são as relações entre a mitologia tolkieniana e os outros relatos mitológicos. Por uma questão de lógica, o estudo começa pela obra que abre cronologicamente o legendário.

Mais complexo do que *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, *O Silmarillion* reúne relatos do que ocorreu no Mundo Secundário de Tolkien durante milhares de anos. Dividido em cinco seções, começa com a narrativa da cosmogonia de Arda e a apresentação dos deuses que trabalharão na construção desse mundo, passando por ocorrências de toda a Primeira Era, pela queda de Númenor até chegar a uma introdução à Terceira Era.

Este talvez seja o livro de Tolkien de mais difícil leitura. Primeiramente, é inacabado. Christopher editou-o a partir de manuscritos e apontamentos deixados por seu pai quatro anos após sua morte e organizou-os de forma que se tornassem coerentes e consistentes internamente. Mas, ainda assim, há uma lacuna temporal entre os relatos da terceira e da quarta seção e entre esta e a quinta, o que, apesar de não tornar o texto incoerente ou ininteligível, pode causar problemas a um leitor desavisado, que espere encontrar um romance completo como os publicados durante a vida de Tolkien.

Em segundo lugar, há uma característica dos textos tolkienianos, a riqueza de detalhes, que, em *O Silmarillion*, unida à incompletude do texto, pode causar certa confusão e atrapalhar a fluência da leitura para os iniciantes em Tolkien – e mesmo para os já acostumados com os trabalhos do autor. Parágrafos inteiros são dedicados a descrições, como ocorre em “Da chegada dos homens ao oeste”, em que é apresentada parte da árvore genealógica de uma das famílias dos homens a partir do personagem Hador. (TOLKIEN, 2011, p. 184) Há, também, uma grande quantidade de nomes – tanto de personagens quanto de locais, que fizeram com que Christopher, ao editar a obra, incluísse um extenso glossário em seu final – e longas descrições geográficas, que tornaram necessárias as inclusões de mapas de Arda nas publicações.

Por outro lado, esse cuidado de Tolkien para com os detalhes favorece a percepção dos elementos que aqui analisaremos. Um leitor que conhece minimamente o texto bíblico, já na primeira leitura, percebe as semelhanças entre os relatos tolkienianos e bíblicos. O mesmo ocorrerá com os leitores familiarizados a outras mitologias. E, em uma análise pormenorizada, é possível notar a existência de paralelos entre estas narrativas que, muitas vezes, incluem até mesmo esses detalhes, como ocorre, por exemplo, no retorno dos noldor à Terra-média em que até a posição geográfica reforça a aproximação entre a punição destes elfos e a de Caim. Assim, tais descrições, que podem parecer excessivas e maçantes, são importantes para a compreensão da obra internamente e também para a percepção de sua relação com outros textos.

Devido aos limites dimensionais impostos por uma Dissertação de Mestrado, estabelecemos um recorte para a análise, começando pela cosmogonia tolkieniana até o final da Primeira Era e, dentro desta, tendo como fio condutor os relatos sobre o destino das Silmarils, de forma que não abordaremos a sina de Túrin Turambar, com exceção do trecho em que se refere à queda de Nargothrond e o caso do colar Nauglamír. Também por razão da dimensão, não será possível abordar todos os paralelos encontrados, ainda que estes estejam dentro das seções trabalhadas.

Para empreender esta análise, temos como base as teorias sobre mito e religião de Mircea Eliade e Joseph Campbell, sobre mitemas de Claude Lévi-Strauss e sobre estórias de fadas do próprio Tolkien, tendo em vista que, para ele, os mitos que compõem sua mitologia formam esse tipo de narrativa. Também utilizaremos textos críticos sobre a obra de Tolkien – dos quais destacamos *Biblical Parallels in*

the Silmarillion, de Alfred Byrd – e trabalhos sobre a vida do autor, que tem grande influência sobre seu legendário. Em seu livro, Byrd apresenta uma série de paralelos entre os relatos bíblicos e as histórias de *O Silmarillion*, porém, se limita a apontar tal relação. Diferentemente do que este autor faz, aqui, discutiremos a presença dos mitemas na obra tolkieniana.

Assim, no primeiro capítulo deste trabalho, “Um norte para a discussão”, falaremos sobre cosmogonia e cosmovisão, a relação entre religião e mitologia, o papel dos deuses nos mitos e os mitemas. Veremos que as cosmogonias são os relatos sobre a criação do cosmos, compostos por homens para explicar a existência do mundo e que geram uma cosmovisão. Nestas narrativas, os personagens principais são os deuses que, através de seus atos, servem de exemplo aos indivíduos, que depositam suas crenças nestas divindades. Com base nas cosmogonias, os homens constroem outras narrativas para explicar ocorrências no espaço em que vivem também pela ação de seus deuses. São esses relatos que se tornam mitos e, deles, são retiradas suas estruturas, os mitemas utilizados nas mais diversas narrativas, como as lendas heroicas e as histórias de fadas.

No segundo capítulo, “A jornada de Tolkien”, falaremos sobre o autor: sua relação com a religião católica, que ocupa um espaço importante em sua vida após o falecimento dos pais; com a mitologia, as obras literárias de que mais gostava; e com a família e amigos, que também influenciaram em seu trabalho, seja inspirando passagens ou estimulando-o. Além disso, abordaremos sua visão sobre as histórias de fadas que, para ele, não são narrativas destinadas exclusivamente às crianças, mas sim uma evolução dos mitos primordiais passando pelos épicos, lendas e sagas heroicas e que, agora, ocupam o lugar pertencente aos mitos nas sociedades primitivas, do ponto de vista que trazem ensinamentos ao ser humano, seja ele de qualquer idade.

Por fim, no terceiro capítulo, “*O Silmarillion*: a História da Terra-média no legendário tolkieniano”, analisaremos as três primeiras seções do livro de Tolkien, “Ainulindalë”, “Valaquenta” e “Quenta Silmarillion”. Na análise da primeira destas, veremos como Eru/Ilúvatar orquestrou a Música dos Ainur para definir o destino de Arda e seus povos e qual cosmovisão pode ser encontrada no mito cosmogônico de Tolkien. Além disso, mostraremos quais paralelos estão presentes nesta narrativa; como as dissonâncias de Melkor podem ser vistas na prática; que Eru/Ilúvatar é um *deus otiosus*; e traçaremos um paralelo entre esta divindade e o Deus bíblico.

Já no estudo do “Valaquenta”, faremos uma comparação entre os deuses tolkienianos Valar e Maiar com os anjos bíblicos e os deuses gregos. A opção por esta mitologia e não outra se deu por percebermos ser possível fazer uma análise mais completa a partir dela. Apontaremos também a relação que pode ser feita entre essas divindades e as nórdicas e indicaremos quem são os inimigos que tentarão se tornar os Senhores do Mundo no decorrer da mitologia tolkieniana: Melkor na Primeira Era e Sauron na Segunda e na Terceira.

A abordagem dos contos que formam o “Quenta Silmarillion” se dará de forma diferente do que foi feito com as outras seções. Esta será dividida em dois momentos. No primeiro, analisaremos os paralelos bíblicos encontrados e, no segundo, os de outras mitologias. Para isso, a narrativa será considerada como um todo contínuo, seguindo os eventos que tenham relação com o destino das pedras preciosas Silmarils. Mas não trabalharemos apenas com paralelos, também serão analisados mitos tolkienianos nos quais não foi possível encontrar uma relação com outras narrativas mitológicas e refletiremos sobre algumas questões internas da obra.

2. Um norte para a discussão

2.1 Cosmogonia: uma resposta aos anseios humanos

O homem tem a necessidade de encontrar uma explicação para tudo o que acontece em sua volta, incluindo seu surgimento e a criação do mundo em que vive. Não contente em simplesmente existir, ele cria narrativas que expliquem como o universo se formou e, a partir daí, a humanidade foi criada nesse espaço e se desenvolveu. Essas narrativas, as quais chamamos de mitos, fazem parte do desenvolvimento de todas as culturas humanas e, dentro do arcabouço de mitos possíveis, encontramos aqueles que explicam a formação do cosmos: as cosmogonias.

Todos os povos têm relatos da criação do mundo em suas culturas e os utilizam para explicar como se relacionam com as demais criaturas existentes. Alguns os mantêm em forma escrita, sendo esses textos considerados sagrados e de acesso relativamente fácil; outros apenas na oralidade, o que dificulta o acesso a eles. Esses relatos demonstram a maturidade que a cultura desses povos atingiu ao integrarem “os elementos simbólicos mais representativos desses grupos, dependendo de aspectos próprios de seu entorno, como a geografia”² (TORRES, 2012, p. 7, tradução nossa)

A cosmogonia gera uma forma de ver e entender o mundo que varia para cada povo. Essa cosmovisão surge a partir da maneira como cada mito é interpretado, considerando as crenças, os costumes e as tradições dos povos. Ela é a mensagem que o mito passa para os membros da comunidade a qual pertence. No caso da cosmovisão dos povos indígenas costarriquenses bribris e cabécares, por exemplo, existem três dimensões, “o submundo, o mundo do meio e o mundo superior”³ (TORRES, 2012, p. 9, tradução nossa), e, quando alguém morre, sua alma vai para o submundo encontrar o criador dos indígenas. A cosmovisão católica também apresenta essas três dimensões, mas, diferentemente do que ocorre na crença indígena, as almas vão para o mundo superior encontrar seu criador. (TORRES, 2012, p. 9)

² “[...] los elementos simbólicos más representativos de estos grupos, dependiendo de aspectos propios del entorno como la geografía.” (TORRES, 2012, p.7)

³ “[...] el inframundo, el mundo de en medio y el mundo de arriba. [...]” (TORRES, 2012, p.9)

Nas cosmogonias em que aparecem divindades como os criadores do cosmos, eles são sempre onipotentes e sábios e o mundo pode surgir do nada ou a partir do pensamento do deus criador, das palavras que ele proferir, de alguma matéria, como, em alguns casos de mitos primitivos, o barro (ESPINOSA, 2015, p. 23) ou uma parte do seu corpo, não significando que ele será diminuído ou extinto por isso (ESPINOSA, 2015, p. 18).

De acordo com o filósofo romeno e fundador da moderna História das Religiões, Mircea Eliade (2018, p. 44), “*toda construção ou fabricação tem como modelo exemplar a cosmogonia*” [grifo do autor]. Ela é “*a suprema manifestação divina, o gesto exemplar de força, superabundância e criatividade.*” (ELIADE, 2018, p. 72 [grifo do autor]) Assim sendo, o mito da criação do mundo se torna o modelo de comportamento dos homens para toda a sua construção, seja ela concreta – como a de uma casa (ELIADE, 2018, p. 49), de uma aldeia (ELIADE, 2018, p. 45) e a geração de descendentes (ELIADE, 2016, p. 33) – ou abstrata – como o “restabelecimento de uma situação militar” (ELIADE, 2016, p. 33), e do equilíbrio psíquico (ELIADE, 2016, p. 33), “a introdução da criança na sociedade e na cultura” (ELIADE, 2016, p. 77) e, inclusive, o surgimento de outros mitos de criação (ELIADE, 2016, p. 33). Neste último caso, o objetivo é que tenham também a mesma força e magnitude da criação dos seres superiores. Porém, esse uso do modelo cosmogônico não significa que ele seja copiado ou imitado nos mitos de origem, mas sim que serve de base para essas criações, que contarão algo novo, algo que surgiu no mundo depois de este haver sido criado e que o modificou, enriquecendo-o ou empobrecendo-o. (ELIADE, 2016, p. 25-26)

Cabe aqui dizer que o mundo que serve de modelo é aquele que cada povo conhece e onde vive, por isso, pode diferir de acordo com a cultura da sociedade a qual pertence o mito. (ELIADE, 2016, p. 44)

Ainda conforme Eliade (2018, p. 124), “o Cosmos foi imaginado sob a forma de uma árvore gigante”, sendo que seu modo de ser, “sobretudo sua capacidade infinita de se regenerar, é expresso simbolicamente pela vida da árvore”. Apesar de não concordarmos que ele tenha sido imaginado assim e preferirmos afirmar que ele foi simbolizado dessa forma, podemos dizer que, de modo geral, concordamos com essa afirmação. Tal como as árvores, de forma cíclica, com o passar das estações, perdem suas folhas e frutos que renascerão no devido tempo, com o mundo acontece o mesmo: ao morrer uma planta ou um animal, outros ganham vida e

passam a ocupar seu lugar. Isso ocorre periodicamente, como com as árvores. Logo, podemos afirmar que o cosmos se comporta da mesma maneira que elas.

Assim como a cosmogonia é o modelo para a criação de espaços como casas e aldeias, também é para a criação do tempo. (ELIADE, 2018, p. 69) Com ela, surge o tempo cósmico, que será a base para os demais tempos sagrados que surgirão com os outros mitos. Tomando como exemplo os mitos de criação, podemos dizer que os tempos nos quais se passam esses mitos se formam tal qual o tempo da criação do mundo.

Segundo Eliade (2018, p. 84), “desejar restabelecer o *Tempo da origem* é desejar não apenas reencontrar a *presença dos deuses*, mas também recuperar o *Mundo forte, recente e puro*” [grifos do autor] A partir disso, podemos dizer que o homem religioso sente a necessidade de repetir tais gestos divinos (a cosmogonia) para aproximar-se dos deuses. Esse desejo de aproximação se deve à vontade de viver em uma situação paradisíaca, na presença divina e num mundo perfeito. (ELIADE, 2018, p. 82) Tal perfeição se dá por ele ser recém-criado e, portanto, ainda não profanado.

2.2 Verdade, crença, ficção: a relação entre religião e mitologia

Sendo os mitos realidades culturais complexas, é difícil defini-los com precisão. Por esse motivo, optamos por fazê-lo de forma ampla. Um mito é uma história que realmente ocorreu – pelo menos na visão dos membros do povo ao qual ele pertence – nos primórdios dos tempos e que tem caráter de sacralidade, pois conta os feitos de deuses para que algo, como, o cosmos, passasse a existir. Sua principal função é servir de modelo para os ritos e atos humanos, pois os homens são o que são hoje graças a esse exemplo.

Os mitos trazem relatos em que tudo pode acontecer e não seguem nenhuma regra lógica ou de continuidade, atribuindo qualquer poder a qualquer de seus protagonistas. (LÉVI-STRAUSS, 2017a, p. 207) Eles despertam e mantêm a consciência da existência de um mundo divino onde habitam os seres superiores (ELIADE, 2016, p. 123) e, apesar de não darem conta da totalidade dos fatos e de manterem alguns mistérios (ELIADE, 2016, p. 126), garantem aos homens a certeza de que o que fazem ou pretendem realizar já foi feito por esses seres no princípio

dos tempos e da mesma maneira que eles fazem (ou pretendem) agora (ELIADE, 2016, p. 111). Assim, os mitos são considerados “a sùmula do conhecimento útil” (ELIADE, 2016, p. 112), ou seja, o modelo perfeito para as realizações. Por isso, nas sociedades arcaicas, tinham grande valor religioso e exemplar, ditando como todos deveriam se comportar. Segundo Lévi-Strauss (2017a, p. 31), nessas sociedades, há grande dificuldade de que se consiga uma resposta moral ou racional para seus costumes, porque “o indígena se contenta em responder que sempre foi assim, que assim ordenaram os deuses, ou os antepassados”. Para o homem arcaico, não há motivos para buscar outra razão para o que acontece ou para como ele se comporta. Isso é preocupação dos estudiosos.

Para Joseph Campbell (2017, p. 6), os “[m]itos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” que adquirimos ao ler os relatos de outros povos, pois, os nossos, tendemos a ver como realidade e apenas entendemos a profundidade da mensagem, a metáfora trazida, quando ela vem de fontes alheias. Foram os gregos quem, após profunda análise dos mitos, primeiro os trataram como algo sem valor religioso e exemplar e lhes atribuíram o sentido de algo que não pode realmente existir. A exemplo disso, o judeu-cristianismo trata como falsidade ou ilusão o que não pode ser justificado por alguma passagem do Antigo ou do Novo Testamento. (ELIADE, 2016, p. 8)

Apesar de, ainda hoje, ser empregado como sinônimo de fábula, invenção e ficção, foi no início do século XX que os mitos deixaram de ser tratados dessa maneira pelos estudiosos ocidentais e passaram a ser vistos como estórias verdadeiras, sagradas e exemplares como já era feito pelas sociedades arcaicas. (ELIADE, 2016, p. 7-8) Por exemplo,

[...] [s]egundo os estoicos, os mitos revelavam visões filosóficas sobre a natureza profunda das coisas, ou encerravam preceitos morais. Os múltiplos nomes dos deuses designavam uma só divindade, e todas as religiões exprimiam a mesma verdade fundamental; só variava a terminologia. [...] (ELIADE, 2018, p. 4)

Podemos perceber que, hoje, nas diversas mitologias do mundo, há muitas semelhanças com o que já era declarado pelos estoicos: uma mesma mensagem comum sendo transmitida de maneiras diferentes e um mesmo Ser Superior com denominações diferentes. Como exemplo, podemos utilizar os mitos de origem. Há o mito de origem do universo, das enfermidades, dos remédios, dos seres e, em cada

um deles, um ente divino a quem se faz oferendas. Além disso, um mesmo mito de origem tem variações de acordo com o povo a que pertence, mas, como já dissemos anteriormente, sua base comum é a cosmogonia (ELIADE, 2016, p. 25).

Cabe aqui salientar que esse ente divino a quem se faz as oferendas nem sempre se tratará do ser que criou o mundo, que, como veremos mais adiante, pode se tornar um *deus otiosus*. Nesse caso, as ofertas serão feitas a outro deus que terminou a organização do mundo e assumiu a “responsabilidade de manter sua ordem e sua fertilidade”. (ELIADE, 2016, p. 99)

Também é comum a todos os mitos que as mensagens transmitidas contenham algo sagrado, tendo em vista que seus personagens são deuses poderosos, e que se manifestem sempre em uma realidade diferente da que vivem cotidianamente os povos. (ELIADE, 2018, p. 16). Segundo Lévi-Strauss (2017a, p. 206), os estudiosos se dividem quanto ao conteúdo dessas mensagens:

[...] [h]á quem afirme que cada sociedade expressa, em seus mitos, sentimentos fundamentais como o amor, o ódio ou a vingança, que são compartilhados por toda a humanidade. Para outros, os mitos constituem tentativas de explicação de fenômenos de difícil compreensão, astronômicos, meteorológicos, etc. [...] (LÉVI-STRAUSS, 2017a, p. 206)

Entendemos que as mensagens podem expressar ambos os conteúdos, pois encontramos casos como o dos deuses vingativos da mitologia grega e o dos povos não civilizados, que utilizam seus mitos para explicar o funcionamento do mundo.

O sagrado, para esses povos, é algo que tem poder (ELIADE, 2018, p. 18). Um exemplo é o mito da origem dos remédios. Alguns povos, quando um de seus membros está doente, recitam ou até recriam seu mito, pois creem que ele tem o poder de trazer a cura para a enfermidade daquela pessoa e que, se não contarem a origem do remédio de alguma forma, não podem utilizá-lo. (ELIADE, 2016, p. 28-31)

Como dito anteriormente, para esses povos, o espaço não é homogêneo. Diferentemente de onde eles vivem, um local comum e sem nada de especial, profano, os mitos se passam em um lugar que é sagrado, fixo, forte e o único que, para eles, pode ser real. (ELIADE, 2018, p. 25-26) Esses locais não são escolhidos pelos homens, são determinados por outros seres e, depois, procurados e descobertos “com a ajuda de sinais misteriosos” (ELIADE, 2018, p. 31).

Segundo Mircea Eliade (2018, p. 59), a consagração de um espaço como sagrado equivale a uma cosmogonia: “o Mundo deixa-se perceber como Mundo,

como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado.” (ELIADE, 2018, p. 59 [grifo do autor]) Sendo a cosmogonia o mito da criação do mundo, considerar um espaço sagrado equivale a (re)criá-lo como tal.

A heterogeneidade do espaço é necessária para que esses povos encontrem orientação. Quando enfrentam algum problema, como doenças, secas ou enchentes, eles se voltam ao espaço sagrado onde habitam os seres superiores que podem ajudá-los. Os homens religiosos só conseguem viver em espaços abertos à sacralidade, pois apenas nesses locais conseguirão ter contato com os seres superiores para lhes pedir auxílio. Normalmente, o lugar onde os deuses habitam localiza-se perpendicularmente ao dos homens, nos céus, e é ao contemplar o alto que se desencadeia a experiência religiosa. A habitação dos deuses é um local fora do alcance dos homens, onde apenas poucos deles recebem a dádiva de chegar, o que é feito através de ritos de ascensão, deixando de serem vistos como homens e passando a fazer parte da condição divina. Para algumas religiões, é para a habitação desses deuses que vão as almas de seus mortos. (ELIADE, 2018, p. 100-101)

Sendo o espaço heterogêneo, os indivíduos vivem duas experiências, a sagrada e a profana. Na primeira,

[...] a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo”, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real. A experiência profana, ao contrário, mantém a homogeneidade e portanto a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma *verdadeira* orientação, porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. [...] (ELIADE, 2018, p. 27 [grifo do autor])

A partir disso, podemos perceber que os povos vivem em um mundo profano onde não encontram nenhuma orientação. Quando a necessitam, têm de se voltar ao mundo sagrado e buscar ajuda junto aos seres superiores que lá habitam. Ao fim dessa necessidade, retornam a suas vidas normais no mundo profano até que um novo problema os alcance e o ciclo reinicie. Tal comunicação só é possível porque o território onde os povos vivem está ligado, de alguma forma, ao território sagrado ou foi criado pelos deuses que lá residem. (ELIADE, 2018, p. 33)

Assim como o espaço, para esses povos, o tempo também não é homogêneo. Ele se divide em tempo profano e tempo sagrado. O primeiro é aquele em que todos vivem seu dia a dia. Já o segundo é o tempo em que ocorrem as

festas em homenagem aos deuses e que é “*por sua própria natureza reversível*”, pois é “um *Tempo mítico primordial tornado presente*” que foi “criado e santificado pelos deuses” (ELIADE, 2018, p. 63-64 [grifos do autor]), ou seja, um tempo primitivo que retorna em cada uma dessas celebrações. Equivale a um período de tempo determinado, que não aumenta nem diminui.

Essas festas trazem os acontecimentos relatados nos mitos para o momento presente da celebração. Assim, quem delas participa se torna contemporâneo dos deuses naquele espaço de tempo. Esse período não pertence à realidade profana, pois os celebrantes o transformam em um equivalente do tempo sagrado em que os seres superiores realizaram seus feitos. (ELIADE, 2018, p. 93) Rememorar e reatualizar esses acontecimentos ajudam o homem religioso a assegurar-se do que é real (sagrado), pois é graças a essas repetições que tem a certeza de que aquilo realmente existe. Mas isso não significa que repita indefinidamente os gestos míticos. Esse ato de reatualizar o ajuda a se tornar criador de seu próprio mundo. (ELIADE, 2016, p. 124-125)

É através de ritos que os povos religiosos passam do tempo profano ao tempo sagrado. (ELIADE, 2018, p. 63) Campbell (2017, p. 86) define os rituais como “o cumprimento de um mito” e diz que, quando o integrante de um povo participa de um rito, ele participa do mito. É característico dos ritos as práticas de exercícios de rompimento rigorosos, cuja função é afastar radicalmente os participantes de sua vida cotidiana para ingressar no momento sagrado. A esses exercícios, segue-se uma série de outros rituais purificadores para que, quando o participante retorne à vida cotidiana, sinta-se como se tivesse renascido. (CAMPBELL, 2007, p. 20-21)

Conforme Lévi-Strauss (2017b, p. 77), assim como o mito é o modo dos deuses se comunicarem com os homens, o rito é o modo dos homens se comunicarem com os deuses. Mas esta última comunicação, para Campbell (2017, p. 8), está se perdendo, pois a sociedade atual está corrompida. O motivo é que os rituais perderam seu verdadeiro valor e, assim, os mitos não conseguem cumprir sua função real de proporcionar experiência de vida.

Como exemplo de rito, Mircea Eliade (2018, p. 66) cita a experiência religiosa do cristianismo:

[...] [t]al como uma igreja constitui uma rotura de nível no espaço profano de uma cidade moderna, o serviço religioso que se realiza no seu interior marca uma rotura na duração temporal profana: já não é o Tempo histórico

atual que é presente – o tempo que é vivido, por exemplo, nas ruas vizinhas –, mas o Tempo em que se desenrolou a existência histórica de Jesus Cristo, o tempo santificado por sua pregação, por sua paixão, por sua morte e ressurreição. [...] (ELIADE, 2018, p. 66)

O serviço religioso ao qual Eliade se refere é o rito de transição entre tempo profano e tempo sagrado. O relatado na citação anterior trata apenas do cristianismo, mas pode ser generalizado da seguinte forma: os religiosos vivem num tempo profano que é parado ao ser realizado um rito. Nesse momento, eles passam a viver em um tempo sagrado em que festejam e prestam homenagens aos deuses. Findas as celebrações, finda também o tempo sagrado e o tempo profano volta a correr.

É nesse espaço e tempo sagrados que se passam as histórias relatadas nos mitos, que, por consequência, também são sagradas. Em princípio, seus conteúdos são mistérios para os povos, pois os feitos ali relatados foram vividos por deuses, e os mitos têm o poder de revelá-los. Quem primeiro terá acesso a esses relatos são os homens religiosos, para quem “a existência real, autêntica, começa no momento em que ele recebe a comunicação dessa história primordial e aceita as suas consequências.” (ELIADE, 2016, p. 85). Isso pode ser explicado analisando o caso das crianças de determinados povos: a vida em sociedade começa no momento em que passam por certos rituais através dos quais são iniciadas na vida religiosa.

Os homens religiosos são quem tem o dever de repassar os relatos mitológicos aos demais membros de seus povos – em alguns casos, excluem-se as mulheres e as crianças, pois não podem sabê-los por serem não-iniciados – narrando-os em uma cerimônia ou efetuando o devido ritual, mas não podem fazê-lo a qualquer momento, somente durante o tempo sagrado. Por exemplo, ao curandeiro de determinado povo será transmitido pelo deus correspondente o mito da origem dos remédios. Ao ser necessário que se cure alguém, ele terá o dever de transmitir esse conhecimento. Para isso, deverá, primeiramente, realizar o rito de transição de seu povo do tempo profano para o sagrado para, então, poder recriar o mito. Isso é definido por Lévi-Strauss (2017a, p. 181) como um espetáculo que o curandeiro oferece ao seu povo. Mas adverte o autor: “não devemos nos deixar enganar pela palavra ‘espetáculo’, pois o xamã não reproduz ou encena apenas determinados acontecimentos, ele os revive efetivamente, em toda a sua vivacidade, originalidade e violência.” Ele necessita reviver esses momentos contados no mito para que o doente possa ser curado.

Assim, mito pode ser definido como “a história do que se passou *in illo tempore*, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo.” (ELIADE, 2018, p. 84) Com base nessa afirmação, podemos dizer que os mitos de cada povo formam a sua história primordial e, então, ganham o caráter de verdade absoluta para eles. Sendo assim, os acontecimentos ali relatados são os únicos que interessam como modelos de conduta para os homens religiosos de cada povo, mesmo nas suas atividades profanas.

Esse conjunto de crenças nas informações que os mitos trazem forma a religião dos povos. Se, para essas pessoas, elas são verdadeiras, quando contadas a membros de outras sociedades, eles podem acreditar e passar a ter as mesmas crenças ou, se não acreditarem, esses relatos se tornam mitologia e se espalham pelo mundo, sendo utilizados em contos populares e, inclusive, em obras literárias com um caráter ficcional. Assim, esses mitos deixam de servir à instrução espiritual dos homens e passam a ser fonte de entretenimento. Segundo Larissa Candido da Silva (2018, p. 11), “a narrativa mitológica surge dessa necessidade de contarmos histórias, em especial aquelas que nos ajudam a apreender o que nós somos no universo, o que é o universo, como foi feito o universo e desde quando há universo” e funciona como mediadora das relações humanas. Essas narrativas são, se não o próprio conteúdo dos mitos, baseadas neles – caso das obras literárias, que “se apropria[m] dessas narrativas em conteúdo, em forma e em estilo” (SILVA, 2018, p.13).

2.3 Deuses mitológicos: exemplos para os homens

Os deuses são os seres mais poderosos que uma mitologia pode apresentar. São os responsáveis pela criação e proteção do mundo em que as narrativas se passam e dos povos que habitam esse espaço. Em alguns casos, esses deuses também são responsáveis pela punição daqueles que venham a merecê-la.

Em algumas mitologias, encontramos vários deuses que trabalham em conjunto na manutenção do mundo, cada um cumprindo determinadas funções. Essas são mitologias politeístas, como é o caso da mitologia grega, que apresenta doze deuses principais, sendo Zeus o líder. Outras mitologias são monoteístas e têm apenas um deus no papel de responsável pelo cuidado e pela continuidade do

mundo que criou. É o caso da narrativa bíblica, que traz Deus como único ser encarregado do mundo em que vivemos.

Como afirma Campbell em *O poder do mito* (2017, p. 24), “[u]m deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo”. Isso vai ao encontro do afirmado por Eliade no que diz respeito à visão dos povos de que podem realizar um feito porque, segundo a narrativa mitológica, este já fora realizado antes. O poder motivador que os mitos trazem são personificados no deus que realizou os feitos ali narrados.

Nesta mesma obra, Campbell (2017, p. 183) afirma perceber três estágios de aparecimento de deuses nos mitos. No primeiro deles, o estágio primordial, as divindades eram representadas por figuras femininas, as deusas. No segundo, que o autor chama de reversão, a figura masculina assume essa função e as divindades passam a ser representadas por deuses. Já no terceiro, o estágio clássico, deuses e deusas dividem os papéis.

Algo comum a vários mitos é que haja um tipo de seres supremos (superiores, inclusive, a outros deuses) que, após criarem o cosmos, se retiram e deixam a finalização de suas obras a cargo de outros que, aos poucos, também terão seu lugar tomado por seres superiores de terceiro grau. Trata-se dos seres supremos de estrutura celeste, que se retiram para os céus e perdem a atualidade religiosa, ausentando-se dos cultos e afastando-se dos homens nos mitos, até que se tornam *dei otiosi*. Ainda assim, os homens se recordam deles quando não têm sucesso em seus pedidos aos outros deuses – ou quando seus problemas são resultado de ameaças celestes, como secas, tempestades e epidemias (ELIADE, 2016, p. 89) – e rogam-lhes ajuda. Esse tipo de afastamento pode ser encontrado em relatos desde os níveis mais arcaicos de cultura. (ELIADE, 2018, p. 103-106)

De acordo com Mircea Eliade (2016, p. 90) “[o] Criador só sobrevive no culto quando se apresenta sob a forma de um Demiurgo ou de um Ente Sobrenatural que moldou a paisagem familiar (o ‘Mundo’)”. Assim sendo, podemos explicar o desaparecimento do *deus otiosus* do culto pelo fato de que ele não é o ser superior identificado pelos povos como o criador do que conhecem. Quem eles identificam dessa forma são os deuses a quem esse deus primordial deixou responsáveis pela finalização de sua obra.

Ainda segundo este autor (2016, p. 88), os *dei otiosi* podem ser o primeiro exemplo da morte de deus, pois um ser divino desaparecer do culto e perder a

atualidade religiosa acarreta seu esquecimento, o que significa o mesmo que dizer que ele está morto. Discordamos disso, pois os membros das sociedades que contam com um *deus otiosus* se voltam a ele quando têm necessidade. Se esse deus estivesse realmente morto, os homens não pediriam seu auxílio. Logo, entendemos que ele está tão vivo quanto os demais deuses desses povos e a única diferença é o fato de haver desaparecido do culto. O próprio autor parece contradizer sua afirmação inicial ao apontar que

[...] mesmo quando o Deus Supremo desapareceu completamente do culto e está “esquecido”, sua lembrança sobrevive, camuflada, aviltada, nos mitos e contos do “Paraíso” primordial, nas iniciações e recitações dos xamãs e *medicine-men*, no simbolismo religioso [...] e em alguns tipos de mitos cosmogônicos. [...] (ELIADE, 2016, p. 89)

Isso é o mesmo que acontece com os outros deuses: é a lembrança deles e de seus feitos que sobrevive nos mitos, não o deus em si. Os povos os tratam de maneira igual, apenas se relacionam com eles com frequência diferente. Sendo assim, ou todos esses deuses estão mortos ou nenhum deles está.

Sobre seu *deus otiosus*, os povos sabem muito pouco, pois ele não está presente em muitos mitos e os poucos que são conhecidos são bastante simples. Neles, basicamente, se conta que esse deus criou o espaço e seus habitantes e, em seguida, se retirou para longe da humanidade, deixando a finalização de sua obra a cargo de outro ente divino. Mas esse desconhecimento sobre o *deus otiosus* não significa o empobrecimento da vida religiosa. Pelo contrário: nos casos em que isso ocorreu é que são encontrados os mitos mais ricos. (ELIADE, 2016, p. 86-88) Isso, talvez, possa ser explicado pela descentralização do poder e sua consequente divisão entre outros seres superiores, cada qual com sua estória e seus feitos a serem contados.

Em alguns mitos, o afastamento do *deus otiosus* acarreta no afastamento do céu e da terra ou na ruptura da comunicação entre eles. Em outros, a presença desse deus no espaço terreno dá um *status* de paraíso a esse lugar, o que explicaria a imortalidade dos seres que ali habitavam no princípio dos tempos. (ELIADE, 2016, p. 90)

2.4 Mitemas: o esqueleto do mito

Muitas vezes, lemos uma obra literária e sentimos que já conhecemos aquela história de algum lugar. Ocorre que muitos autores aproveitam as estruturas de narrativas míticas para servirem de base para as suas, o que aproxima não só essas obras dos mitos e dos contos populares, mas também uma obra literária de outra. J. R. R. Tolkien é um desses autores. Ele utiliza, por exemplo, estruturas de mitos gregos e textos bíblicos na construção do seu legendário.

Quem primeiro identificou e nominou essas estruturas foi o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Segundo ele (2017a, p. 203-204), o vocabulário utilizado nos mitos não importa tanto quanto suas estruturas, pois eles “só tira[m] de suas fontes [...] o material de imagens com que opera[m]. A estrutura permanece a mesma, e é por ela que a função simbólica se realiza.” Por exemplo, em um mito diz que se deve utilizar determinada planta em um ritual para curar uma doença. Em outro, de uma região distante, diz que se deve utilizar outra planta, também em um ritual e também para a cura de uma doença. A planta a ser utilizada é o material retirado do contexto específico daquela comunidade, mas a estrutura do mito é a mesma. Assim sendo, os mitos podem ser resumidos em tipos específicos. É pela manutenção de suas estruturas que, nas diversas culturas do mundo, encontramos variações de um mesmo tipo de mito.

Essas estruturas, chamadas mitemas, são o que permite que qualquer pessoa que tenha acesso a um mito o reconheça como tal, pois seu sentido é dado a partir da forma como os elementos que o constituem são organizados. Os mitemas, primeiramente, foram definidos por Lévi-Strauss (2017a, p. 210) como as grandes unidades que constituem um mito e que, linguisticamente, estão no mesmo nível da frase. Mas essa definição não o satisfaz, visto que todas as unidades constitutivas consistem em relações e que o método através do qual ele chegou a essa definição se situava num tempo não reversível, enquanto o tempo mítico, que é reversível e irreversível, continuava inexplicado. Então, o autor postulou uma nova definição para os mitemas, dizendo que as unidades que constituem os mitos não são relações isoladas, mas sim feixes de relações que se combinam para que as unidades constitutivas adquiram uma função. (LÉVI-STRAUSS, 2017a, p. 210-211)

Os mitemas funcionam como o esqueleto do mito, pois são sua menor unidade com sentido, o argumento da estória contada. Mas, como dissemos

anteriormente, não são utilizados apenas nesse tipo de estórias. Muitas tradições narrativas, como as folclóricas, as orais e as de obras literárias os trazem em sua base. Os mitemas deixam espaços que podem ser preenchidos de diversas formas, por isso, as narrativas que neles se baseiam podem soar como semelhantes. Além disso, de acordo com Garcez (2008, p. 91), “não t[ê]m uma ordem propriamente dita para se manifestar, [...] pode[m] ser encontrado[s] em vários mitologemas⁴ reforçando sua potência como gerador de sentido.” Ou seja, as relações que compõem o mitema podem aparecer espalhadas em vários momentos centrais para a compreensão do mito.

Conforme Campbell (2017, p. 40), não importa de que povos sejam os mitos a que se tenha acesso, “as imagens são as mesmas e falam dos mesmos problemas. [...] É como se a mesma peça fosse levada de um lugar a outro, e em cada lugar os atores locais vestissem costumes locais e encenassem a mesma velha peça”. Essa sensação de que fala o autor, de que uma mesma história se apresente em vários lugares apenas com uma roupagem diferente, é explicada pelo uso dos mesmos mitemas por esses povos em suas narrativas, que têm como diferencial os elementos típicos de sua cultura. Aos mitemas, Campbell chama motivo-padrão (2017, p. 53) e relaciona suas repetições em diferentes povos a uma razão psicológica, a de que “a psique humana é essencialmente a mesma, em todo o mundo” (CAMPBELL, 2017, p. 53), e a uma razão histórica, dizendo que os mitos de uma determinada tradição, como a agricultura, não serão encontrados em povos que tenham outra tradição, como a da caça. (CAMPBELL, 2017, p. 55)

Partindo dos mitos, os mitemas são utilizados também em outros escritos, como os épicos, as sagas e as lendas heroicas. Nestes, o papel dos deuses como protagonistas é transferido para os heróis, homens que têm alguma relação com os seres superiores, sendo seus protegidos – como na mitologia nórdica, na qual os poetas declaravam em seus trabalhos que os reis aos quais eram vinculados agiam sob a proteção de deuses como Odin, Frey e Thor (ABRAM, 2019) – e/ou considerados até mesmo seus filhos, como ocorre na mitologia grega. Esses relatos, por sua vez, evoluem novamente até chegar às estórias de fadas (TOLKIEN, 2020b, p. 35-36), ainda mantendo os mesmos mitemas como plano de fundo.

⁴ De acordo com Garcez (2008, p. 85), “[o] mitologema pode ser entendido como uma parte da narrativa onde é identificado um acontecimento importante do mito, algo que contribui na formação do mesmo”.

Com base no anteriormente exposto, para fins deste trabalho, entendemos mito como uma narrativa criada por homens para explicar algo protagonizado pelos deuses que ocorreu em um passado muito remoto. Mas não apenas isso. Desses mitos, retiraram-se mitemas, que são utilizados em obras ficcionais até hoje, como é o caso das estórias de fadas, que, como veremos no capítulo seguinte, na visão de Tolkien, são os mitos de nossa época e o tipo de narrativa do qual sua mitologia é feita. Isso nos permite perceber a influência não apenas do que o senso comum considera mitologia na obra tolkieniana, mas também do que se chama de contos de fadas. Apesar da diferença que se faz entre essas narrativas, entendemos, assim como Tolkien, que estórias de fadas são mitos.

3. A jornada de Tolkien

Para os objetivos deste trabalho, acreditamos que o conhecimento do processo de criação de J. R. R. Tolkien e de sua trajetória é de muita importância, tendo em vista que sua vida pessoal foi de grande influência sobre a obra. Tudo começa ainda na infância do autor quando sua mãe, Mabel, passa a ensiná-lo em casa, sendo suas aulas preferidas as de línguas (CARPENTER, 2018, p. 35) Mais tarde, após o falecimento da mãe e a volta ao convívio com a família materna – que, assim como a paterna, havia se afastado devido à conversão de sua mãe ao catolicismo (CARPENTER, 2018, p. 38) –, junto a suas primas, Tolkien começa a criar e falar em línguas inventadas (CARPENTER, 2018, p. 52-53). Com o passar dos anos, o processo de criação fica mais maduro, línguas existentes passam a ser usadas como base para as suas, que se transformam até que sistemas linguísticos completos sejam formados. E, se existe uma língua, deve existir também um povo que a fale. Então começa a criação dos povos que, assim como as línguas, mais tarde, aparecerão em sua mitologia. Um exemplo disso é o quenya, cuja base é o finlandês (CARPENTER, 2018, p. 86) e é usado como uma língua élfica. Existindo povos, deve existir também um local onde possam habitar. Assim, um grande processo iniciado pelo gosto por línguas culmina na criação da Terra-média e de uma História para seus povos. (DURIEZ, 2018, p.37-38)

Assim como as línguas começaram a surgir ainda na infância de Tolkien, podemos perceber que algumas das histórias que compõem sua mitologia nasceram nesse mesmo período da vida do autor. Segundo Carpenter (2018, p. 37),

[...] [o]casionalmente um sonho estranho o perturbava: uma grande onda que se erguia e avançava implacavelmente por sobre as árvores e os campos verdes, prestes a tragá-lo e tudo que o cercava. O sonho iria se repetir por muitos anos. Mais tarde, chegou a pensar nele como “o meu complexo de Atlântida”. [...] (CARPENTER, 2018, p. 37)

Assim como Ronald Kyrmse (2003, p. 5), entendemos este sonho como sendo a base para o conto da Atlântida de Tolkien, Númenor, cuja história é narrada na quarta seção de *O Silmarillion* (1977), “Akallabêth”. A primeira menção a Númenor é encontrada em *A estrada perdida*, uma história excursionaria escrita por Tolkien em resposta a um desafio de seu amigo C. S. Lewis, quem foi de grande importância para a construção da mitologia tolkieniana, sendo o primeiro público adulto de

Tolkien – algo praticamente inexistente para esse tipo de literatura naquela época (DURIEZ, 2018, p. 78) – e seu grande incentivador, comentando seus trabalhos ainda em manuscritos – o que Tolkien também fazia com os de Lewis – em uma troca de correspondências que ocorreu durante grande parte da vida de ambos. Essa estória excursionaria nunca foi completada, mas a ideia de uma estrada perdida permaneceu na mente de Tolkien até a época em que escreveria “Akallabêth”, refletindo no caminho para Valinor que desapareceu quando esta foi retirada de Arda após a queda de Númenor e a transformação do mundo em uma esfera. (DURIEZ, 2018, p. 149-151)

No início da amizade com Tolkien, Lewis ainda era ateu e não sentia atração pelos mitos, que acreditava serem “mentiras e, portanto, inúteis” (TOLKIEN, J.R.R., 2020a, p. 91). Graças a isso, Tolkien escreveu um poema que explica um pouco de sua visão sobre a mitologia e seu papel na vida humana, “Mitopeia” (TOLKIEN, J.R.R., 2020a, p. 91-101) Nele, Filomito, o Amante dos Mitos, fala a Misomito, o Inimigo dos Mitos (TOLKIEN, C., 2020, p. 9), e explica-lhe algumas coisas, das quais destacamos: (a) o homem atua por ordem de uma Vontade, a qual obedece, como é seu dever, mas não entende plenamente; (b) a origem do tempo no qual se vive é obscura, assim como seu final; (c) Deus é o Criador de todas as coisas, mas elas não são denominadas até que surja quem as veja e o faça; (d) é através da linguagem que se transmitem os conhecimentos a partir de analogias com o que ocorre na natureza; (e) dessas analogias, extraem-se ensinamentos e apenas quem as percebe pode compreendê-los; (f) a base do conhecimento humano é o único Sábio que existe; (g) o homem está separado desse Sábio, mas, mesmo assim, não se perdeu, nem mudou completamente, não adora artefatos e, se cria algo imaginativo, é porque seu direito como subcriador permanece em voga; e (h) quem escreve lendas tem sua importância porque relata o que não está nos registros, trazendo lições. (TOLKIEN, 1994a, p. 131-143)⁵

Essas explicações partem das crenças de Tolkien. Assim, o poema funciona como uma espécie de manual de ensinamentos cristãos e mitológicos – ou de estórias de fadas? Com “Mitopeia”, começamos a entender que Tolkien aproxima o significado de mitologia ao de estórias de fadas e a ver sua teoria da subcriação ser

⁵ Utilizamos o prefácio da edição brasileira de *Árvore e folha* e o poema da edição espanhola desta obra. Na tradução do poema para o português, foi dada preferência à manutenção da rima, de forma que essas ideias não nos parecem tão claras quanto na tradução ao espanhol e no original em inglês.

delineada. Escrito pelo Amante dos Mitos ao Inimigo dos mitos, fica claro que o tema central da obra são mitos. Mas Tolkien incorpora seres fantásticos que costumamos ver nas chamadas histórias de fadas como subcriações do homem nesses textos:

Se todas as cavas do mundo enchamos
com elfos e gobelins se fizemos
deuses com casas de treva e de luz,
se plantamos dragões, a nós conduz
um direito. E não foi revogado.
Criamos tal como fomos criados. (TOLKIEN, J. R. R., 2020a, p. 94-96)⁶

Um vislumbre da teoria da subcriação aparece quando diz que o conhecimento humano tem por base o único Sábio que existe, ou seja, Deus, o verdadeiro Criador. Retomaremos essas ideias quando abordarmos o ensaio “Sobre histórias de fadas”. No poema, podemos perceber, ainda, que Tolkien entende que, em algum momento no passado, homem e divindade conviveram num mesmo espaço.

Voltando à infância de Tolkien, a origem de alguns nomes utilizados pelo autor, seja de personagens ou de lugares, também remete a esse período, mais precisamente a quando viveu nas proximidades de uma linha férrea. Por ela, passavam trens carregados de carvão que vinham de Gales do Sul. Os nomes galeses que lia nesses trens impressionavam Tolkien. Em uma entrevista à BBC, ele declarou que “[o] galês sempre me atraiu pelo estilo e som, mais que qualquer outra língua” (*apud* DURIEZ, 2018, p. 14) É possível identificar, na mitologia tolkieniana, os nomes Arwen, Anduin, Rohirrim e Gwaihir como de inspiração galesa (DURIEZ, 2018, p. 14-15) Já os nomes dos anões e de Gandalf vêm da literatura islandesa, mais precisamente do Antigo Edda. (TOLKIEN, 2006, p. 26-27; 35)

Tolkien declara em diversos momentos que, desde a infância, sempre gostou muito de mitos e histórias de fadas, principalmente aquelas que superam o limite entre ficção e realidade, como, por exemplo, os contos do Rei Arthur e “Beowulf” – que, segundo Tolkien em carta para o editor do *Observer* (TOLKIEN, 2006, p. 35), “está entre minhas fontes mais valiosas”. (DURIEZ, 2018, p. 67)

⁶ Aqui, optamos pelo uso do poema em português por trazer mais claramente a ideia de que o que o homem constrói é feito com base na sua criação por Deus. Abaixo, o original em inglês:

Though all the crannies of the world we filled
with elves and gobelins, though we dared to build
gods and their houses out of dark and light,
and sow the seed of dragons, 'twas our right
(used or misused). The right has not decayed.
We make still by the law in which we're made. (TOLKIEN, J. R. R., 2020a, p. 95-97)

“Beowulf” é um poema anglo-saxão cujo enredo gira em torno do herói Beowulf e seu embate com três monstros: Grendel, a mãe de Grendel e um dragão. A estória se passa na Escandinávia do século VI e tem muitas referências a personagens germânicos. Apesar de a autoria ser desconhecida, pelo conteúdo, a crítica acredita se tratar de um único poeta cristão “que escreveu em uma época em que o passado pagão ainda estava muito próximo” (TOLKIEN, 2015a, p. 244), ou seja, pouco depois da conversão ao cristianismo. Sendo esse poeta cristão, no poema, é encontrada uma combinação de textos das Escrituras com mitologia nórdica. Assim, sua “ideia-guia” é que os nobres pagãos do passado, que não haviam escutado o Evangelho, sabiam da existência de Deus Todo-Poderoso, o reconheciam como ‘bom’ e doador de todas as coisas boas, mas ainda estavam [...] afastados Dele”. (TOLKIEN, 2015a, p. 265) Para Tolkien (2015a, p. 302-303), quem é o responsável por uma tradução do poema do inglês antigo para o inglês moderno, há também um pouco de contos de fadas em “Beowulf”, como quando é dito que o protagonista possuía a força de trinta homens nas mãos. (ORCHARD, 1997, p. 16-18; TOLKIEN, 2015a, p. 229-455)

A lenda do Rei Arthur parte de um fato histórico: a resistência celta à invasão anglo-saxã. Arthur seria o líder dos celtas. A partir disso, muitos outros sucessos foram sendo atribuídos a ele e a seus cavaleiros e relatos de sua vida e morte foram surgindo com o passar do tempo, confundindo a História com a estória e tornando-o um exemplo a ser seguido. (MONGELLI, 2013, p. 7-25) Isso fica claro no Prefácio de Howard Pyle em seu livro *Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*:

Pois acredito que o Rei Arthur foi o Cavaleiro mais honrado e gentil que já viveu em todo o mundo, e aqueles que eram seus companheiros na Távola Redonda – tomando-o como o seu modelo de cavalaria – formavam, juntos, um grupo de cavaleiros tão nobres que dificilmente voltará a haver neste mundo outros como eles. [...] (PYLE, 2013, p. 29)

E também fica claro na mitologia de Tolkien: Nargothrond, Gondolin e Menegroth lembram a corte medieval; um dos nomes de Tol Eressëa, inicialmente, era Avallon em referência a ilha de Avalon na lenda arturiana (TOLKIEN, 2013a, p. 184-200); na versão sobre a queda de Númenor publicada em *O Silmarillion*, Avallónë é o nome de um porto em Tol Eressëa. (TOLKIEN, 2011, p. 330)

A ideia de criar uma mitologia nasceu na juventude de Tolkien, ao ler os poemas presentes no *Kalevala*. Esta obra, fruto da pesquisa em fontes da tradição

oral finlandesa feita por Elias Lönnrot, reúne cinquenta poemas mitológicos e é de grande importância para os finlandeses por haver despertado o “sentimento de uma identidade nacional na época da sua primeira publicação” (OJALA, 2009, p. 9). Esses poemas impressionaram muito o jovem Tolkien que, mais tarde, ao escrever sobre o *Kalevala*, viria a declarar que “[g]ostaria que nos houvesse restado mais – algo semelhante que pertencesse aos ingleses” (*apud* CARPENTER, 2018, p.127-128). Tolkien acreditava que os mitos eram muito importantes para uma sociedade, pois, para ele, “a qualidade do mito [...] é que ele nos transmite verdades fundamentais e eternas de forma facilmente assimilável” (KYRMSE, 2003, p. 23), e o fato de não encontrar algo tão bom quanto o que havia lido de outras culturas o fez desejar criar ele próprio uma mitologia para seu país.

Mas esse desejo não se tornou prática até alguns anos depois quando, durante a Primeira Guerra Mundial, Tolkien recebeu uma carta de seu amigo G. B. Smith em tom de despedida. Nela, Smith dizia que estava prestes a sair em missão e que seu consolo era saber que, se morresse naquele dia, um membro do T.C.B.S.⁷ ainda estaria vivo “para expressar o que sonhei e no que todos concordamos” (*apud* CARPENTER, 2018, p. 123). Esse membro era Tolkien. As palavras finais de Smith nessa carta – “possa você dizer as coisas que tentei dizer, muito tempo depois de eu não estar aqui para dizê-las, se for esse o meu destino” (*apud* CARPENTER, 2018, p. 123) – o tocaram profundamente, pois seu amigo realmente faleceu pouco tempo depois. Tolkien encarou essas palavras como uma ordem para que finalmente pusesse em prática seu projeto de vida: a criação de uma mitologia inteira para a Inglaterra. (CARPENTER, 2018, p. 127)

A relação de Tolkien com seus amigos sempre fora de muita fidelidade, o que se reflete nas relações de amizade presentes em sua mitologia como, por exemplo, a amizade de Frodo Bolseiro e Sam Gamgi em *O Senhor dos Anéis* (1954-1955). Mesmo quando, ao final de *A sociedade do anel*, Frodo decide abandonar os demais membros da Comitiva e seguir sozinho em direção à Mordor, Sam segue atrás do amigo, pois não suportaria abandoná-lo, nem ser abandonado por ele. (TOLKIEN, 2000, p. 428-433)

⁷ Tea Club, Barrovian Society. Grupo formado por Tolkien e amigos na King Edward's School. Eles eram os responsáveis na prática pela administração da biblioteca da escola, onde começaram a tomar chá escondidos – Tea Club – e a discutir e recitar textos literários. Quando o verão chegou, os encontros passaram a ocorrer na Barrow's Stores – Barrovian Society (CARPENTER, 2018, p. 66-67; KYRMSE, 2003, p.7)

Mas não apenas a amizade e os relatos mitológicos de que Tolkien tanto gostava foram inspiração para sua mitologia. A religião católica cumpre também importante função. Após o falecimento do pai de Tolkien, Arthur, a religião passou a desempenhar um papel muito grande na vida de Mabel e dos filhos. Primeiro, eles frequentavam o templo da igreja anglicana High Church, mas, em determinado momento, Mabel decidiu pela conversão ao catolicismo, o que os afastou do restante da família (CARPENTER, 2018, p. 37-38).

Alguns anos após a conversão, Mabel fez amizade com o padre Francis Xavier Morgan (CARPENTER, 2018, p. 41), quem ela indicaria como tutor de seus filhos em seu testamento, o que ajudou para que Tolkien e o irmão não fossem afastados da igreja católica. (CARPENTER, 2018, p.48-49) Essa vivência do catolicismo passou a ocupar o espaço que antes pertencia a Mabel na vida do filho (CARPENTER, 2018, p. 47) e está refletida na mitologia tolkieniana através de vários paralelos bíblicos encontrados em *O Silmarillion* (1977).

Mas a relação de Tolkien com o catolicismo não se resume a ser um católico praticante. Em 1966, o autor participou da tradução da *Bíblia de Jerusalém*, sendo o responsável pela tradução original do Livro de Jonas (CARPENTER, 2018, p. 371)

Aos 16 anos, Tolkien conheceu Edith, quem viria a ser sua esposa. Nessa época, ele ainda estava sob a tutela de padre Morgan, quem o proibiu de se encontrar com a então namorada até que completasse 21 anos. (CARPENTER, 2018, p. 57-62) Os dois se afastaram até Tolkien chegar à maioridade, quando a procurou novamente (CARPENTER, 2018, p. 87-90) e eles nunca mais se separaram. O relacionamento de Tolkien com Edith também é de grande importância para sua mitologia. Primeiramente porque, quando iniciou a composição dos textos em 1917, o autor estava doente e quem se encarregou de passar a limpo suas anotações foi sua esposa. (KYRMSE, 2003, p. 9) Além disso, *Beren e Lúthien*, uma das histórias do legendário de Tolkien, traz em sua narrativa um trecho baseado em um encontro do casal, no qual eles estavam em um campo onde Edith dançou para o marido, o que serviu de inspiração para a dança que Lúthien faz para Beren (KYRMSE, 2003, p. 9-10). De fato, Edith é Lúthien e Beren é Tolkien. Em suas sepulturas, nas lápides, estes nomes estão gravados abaixo dos seus.

Muitos estudiosos das obras de Tolkien citam seu cuidado extremo com as narrativas, com a lógica interna da história – o que o levava a reescrever várias vezes grandes trechos de seus textos –, como a causa para que tão pouco de sua

mitologia tenha sido publicada durante sua vida. Mas a leitura de suas cartas mostra que não apenas isso o impediu. Muitos de seus atrasos no envio de materiais a seus editores são justificados com problemas domésticos e afazeres profissionais relacionados à carreira de professor. Além disso, a perda da esposa foi um fator determinante. É notável a mudança de tom de Tolkien nas cartas escritas após o falecimento de Edith, o que dá a impressão de que, junto a ela, o autor também perdeu suas forças para seguir em frente.

Mais do que esses dados biográficos, importa compreendermos como eles contribuem para a criação do legendário de Tolkien, um católico praticante, apaixonado por línguas, mitos e histórias de fadas. Com o espaço que tudo isso ocupava em sua vida, a impressão que fica é a de que não havia maneira de nada disso ser deixado de fora de seu trabalho. Mas antes que passemos a abordar essas questões – o que faremos no capítulo seguinte – devemos entender o que são mitos e histórias de fadas para Tolkien.

Como dito anteriormente, através do poema que escreve para Lewis, começamos a perceber que a visão de Tolkien sobre mito aproxima-o dos contos de fadas. Isso fica mais claro em seu ensaio “Sobre histórias de fadas”, onde utiliza a metáfora da sopa de George Webbe Dasent (TOLKIEN, J. R. R., 2020b, p. 32-33; 38-39) para explicar que o conteúdo de uma história de fadas fica guardado em um arcabouço de possibilidades onde são adicionadas cada vez mais coisas. Assim, podem aparecer narrativas semelhantes com diferentes personagens que são retirados do contexto específico do espaço/tempo onde foi subcriada essa narrativa. Isto é o que acontece, como vimos no capítulo dois e para citar apenas um exemplo, com os mitos de cura segundo os quais um ritual deve ser feito para que alguém se recupere de uma doença. Um povo realizará seu rito com uma planta e outro povo realizará algo semelhante, onde a diferença será a planta utilizada. Cada planta em cada um dos rituais provém do contexto específico do lugar e da época em que cada um desses povos vive. O que ocorre tanto no caso dos mitos como das histórias de fadas é que as narrativas compartilham os mesmos mitemas.

Neste mesmo ensaio, Tolkien diz que as histórias de fadas nem sempre trazem as fadas como personagens, mas sim se passam no e falam sobre o mundo habitado por esses seres, o Reino Perigoso, um Mundo Secundário subcriado pelos autores e onde ocorrerão aventuras. Dessa forma, para Tolkien, não são histórias de fadas os relatos fantasiosos que se passam no mundo real, nem aqueles em que o

personagem dorme e sonha que está em um lugar fantástico – como *Alice no país das maravilhas* – quando, na verdade, não saiu fisicamente do mundo real, nem as fábulas com animais, pois um conto de fadas genuíno deve ser apresentado como verdadeiro, não trazendo nada que sugira que é ilusório ou fictício. (TOLKIEN, J. R. R., 2020b, p. 23-30) O que se entende por suspensão voluntária da descrença, “um subterfúgio que usamos [...] quando tentamos (mais ou menos voluntariamente) achar a virtude que pudermos numa obra de arte que, para nós, fracassou”, não pode ocorrer, pois significará que o Mundo Secundário não foi bem construído, algo ocorreu na narrativa e “o feitiço se quebra; a magia, ou melhor, a arte, falhou” e o leitor foi mandado de volta ao Mundo Primário (TOLKIEN, J. R. R., 2020b, p. 47-48).

Um Mundo Secundário bem construído não necessariamente deve respeitar as mesmas leis do Mundo Primário, mas possuir lógica interna e seguir suas próprias normas, sendo apresentado como verdadeiro. Sua criação transforma o autor da narrativa em um subcriador, termo que provém de subcriação, conceito postulado por Tolkien, para quem o único Criador real é Deus. Os homens são subcriadores pelo fato de agirem como Deus na Criação. Ao abordar esse conceito em “Sobre estórias de fadas”, Tolkien começa explicando que a mente humana é dotada de um poder imaginativo que proporciona o surgimento de diversas coisas, sejam elas reais ou fantásticas. Quando o ser humano percebe que possui esse poder, não abdica de usá-lo e, assim, inventa situações possíveis ou não no mundo real, cria o Mundo Secundário e torna-se um subcriador. Tolkien segue explicando que, para ele, essa mitologia subcriada é pouco levada em consideração e questiona se o motivo para isso é o fato de ser mais relacionada com a mitologia menor – os contos folclóricos – do que com a mitologia maior – mitos clássicos. Refletindo sobre a ideia de que as origens são os mitos que trazem os deuses como personificações dessa natureza, ao que se seguem os épicos, sagas e lendas heroicas que transferem essa personificação para os heróis ancestrais, humanizando-a, e, por fim, se tornam estórias de fadas, Tolkien conclui que essa diferença, na verdade, não deveria existir, pois, por trás dos mitos, lendas e estórias, está o homem, único ser capaz de elaborar estas narrativas. (TOLKIEN, J. R. R., 2020b, p. 34-36) Com base nisso, podemos dizer que toda mitologia é uma subcriação, pois é um ato de seres humanos.

Relacionando o raciocínio que Tolkien apresenta no ensaio com o que fala em “Mitopeia”, entendemos que esse poder que a mente humana possui é concedido

por Deus, o Criador de todas as coisas, a Vontade a que o Homem obedece e o Sábio de quem está, agora, separado. Esse poder vai se manifestar através da linguagem, na forma de analogias que são utilizadas para transmitir conhecimentos, lições e ensinamentos. Como dissemos anteriormente, Tolkien entende que, em algum momento, Homem e Deus conviveram. Sendo a divindade a base de tudo, pode-se dizer que foi nessa época que Deus passou ao Homem o conhecimento e o poder de transmiti-lo.

Voltemos agora às histórias de fadas. Segundo Tolkien, essas narrativas não tratam apenas dos seres que o senso comum entende como fadas, ou seja, “criaturas que poderiam também, em inglês moderno, ser chamadas de ‘elfos’”, mas também de dragões, anões, duendes, bruxas, gnomos, gigantes, etc. Esses seres, inclusive, nem sempre são personagens. Há também aqueles contos em que homens comuns vivem aventuras no Reino Perigoso – para Tolkien, as melhores (TOLKIEN, J. R. R., 2020b, p. 23).

Ainda de acordo com a visão de Tolkien, o que de maravilhoso e fantasioso ocorra numa história de fadas deve manter uma verossimilhança com a realidade para que o leitor consiga encontrar a aplicabilidade dos ensinamentos em sua vida. Em carta para seu editor, Stanley Unwin, Tolkien fala sobre a verossimilhança dos contos de fadas ao tratar do lado sombrio de *O Hobbit*⁸. Ele diz que “a presença (mesmo que às margens) do terrível é, acredito, o que confere a este mundo imaginário sua verossimilhança. Um reino encantado seguro é inverídico a todos os mundos.” (TOLKIEN, 2006, p. 29) Se um conto de fadas deve trazer uma mensagem que o leitor possa utilizar, deve também conter elementos assimiláveis com ela, o que inclui problemas, complicações, coisas negativas com as quais o leitor aprenderá algo que lhe servirá em sua vida. É por essa aplicabilidade no Mundo Primário, o mundo do leitor, que Tolkien defende que os contos de fadas não são criados exclusivamente para as crianças, mas sim para leitores de qualquer idade, proporcionando prazer a eles. Segundo Carter (2003, p. 101-102), esse prazer pode ser entendido como “um vislumbre súbito da realidade ou da verdade subjacente”, ou seja, o reconhecimento das “verdades eternas da natureza humana” (CARTER, 2003, p. 103)

⁸ Resposta a um comentário do autor Richard Hughes em carta para Stanley Unwin. Hughes definiu como um empecilho a existência de partes de *O Hobbit* que os pais poderiam considerar assustadoras demais.

Em “Sobre estórias de fadas”, Tolkien desenvolve seu pensamento sobre o público dessas obras. Para ele, a ideia de que se tem de que tais narrativas são apenas para crianças se deve a “um acidente da nossa história doméstica” (TOLKIEN, J. R. R., 2020b, p. 45): os adultos colocam esses livros nos quartos das crianças, não elas que decidem fazê-lo. Mas, na verdade, os adultos apreciam estórias de fadas tanto quanto as crianças, pois gostar dessas obras não tem a ver com idade e não diminui com o tempo, pelo contrário, aumenta. (TOLKIEN, J. R. R., 2020b, p. 44-46)

O entendimento de Tolkien de que as estórias de fadas trazem ensinamentos aplicáveis na vida do leitor fica claro nas características que, para ele, uma estória de fadas deve apresentar:

[...] Primeiro, ajuda a criar no leitor o que Tolkien chamou de recuperação – isto é, a restauração de uma visão verdadeira do significado das coisas ordinárias e humildes que compõem a vida e a realidade humana, coisas como amor, pensamento, árvores, colinas e comida. Segundo, [...] oferece uma evasão de nossa visão estreita e distorcida da realidade e do significado [...] Terceiro, [...] oferece consolo, que conduz à alegria [...] (DURIEZ, 2018, p. 112)

Essas mesmas características são encontradas nas definições e aplicações dos mitos postuladas pelos autores analisados no segundo capítulo deste trabalho. Assim como naqueles casos, as estórias de fadas, como entendidas por Tolkien, levam o leitor a outro lugar – o Mundo Secundário – para ensinar algo, mas isso não pode ocorrer de forma direta, “[o] mito e o conto de fadas, acreditava [Tolkien], devem conter a verdade moral e religiosa, mas alusivamente, não de forma explícita” (DURIEZ, 2018, p.67-68), deixando espaço para a interpretação e reflexão do leitor. A lição é transmitida através da eucatástrofe, outro conceito postulado por Tolkien. Em uma carta para seu filho Christopher, ele explica o significado desse termo como sendo “a repentina mudança feliz em uma história”, um “lampejo de Verdade” cujo efeito é “um alívio repentino” por algo ter voltado ao seu lugar, porque é assim que “as coisas realmente funcionam” no mundo real (TOLKIEN, 2006, p. 101). Esse é um conceito-chave para o entendimento de sua mitologia, pois é aplicado diversas vezes: “[a] [e]ucatástrofe [...] se realiza quando tudo parece estar perdido e nenhuma esperança parece restar, [...] antes que tudo de fato se perca, a reviravolta acontece e o final se torna feliz” (SILVA, 2018, p. 21), como ocorre na ressurreição de Beren em *O Silmarillion*, no salvamento de Bilbo, Gandalf e os anões pelas águias em *O Hobbit* ou na destruição do Um Anel em *O Senhor dos Anéis*.

4. ***O Silmarillion*: a História da Terra-média no legendário de Tolkien**

O Silmarillion é a obra que traz o início da mitologia tolkieniana. Publicado em 1977, quatro anos após a morte de J.R.R. Tolkien, foi editado por seu filho, Christopher Tolkien, a partir de manuscritos e anotações deixados pelo autor. Composto por cinco seções organizadas em ordem cronológica, começa pelo relato da criação de Arda, o mundo onde se passam as narrativas, e de quem são os deuses que trabalham na construção desse mundo, o que compreende as duas primeiras seções, “Ainulindalë” e “Valaquenta” respectivamente. A terceira seção, “Quenta Silmarillion”, traz vinte e quatro contos que narram o que ocorreu em Arda na Primeira Era, tendo como eixo o destino das Silmarils, pedras preciosas criadas por Fëanor, um dos príncipes dos noldor⁹, e de onde vem o nome da obra. A quarta seção, “Akalaabeth”, nos leva à Segunda Era através da narrativa da queda – material e espiritual – de Númenor, que terá relação direta com os acontecimentos da Terceira Era narrados em *O Senhor dos Anéis*. Por fim, a quinta seção, “Dos anéis do poder e da Terceira Era”, relata a forjadura dos anéis que Sauron usará para tentar dominar os povos, e cria uma ponte entre a Segunda e a Terceira Era e entre *O Silmarillion* e as obras que compõem a mitologia tolkieniana publicadas até então, *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Dessa forma, *O Silmarillion* pode ser considerado uma compilação de fatos da Primeira Era composta por mitos cujo elo são as Silmarils, aos quais se somam a cosmogonia de Arda, a estória de Númenor e a introdução à Terceira Era.

Nos relatos presentes nessa obra, chama a atenção o grande número de paralelos bíblicos que podem ser encontrados combinados a referências a outras mitologias, a começar pela cosmogonia de Arda. Na *Bíblia*, é relatado como Deus criou o mundo a partir da palavra num período de seis dias e descansou no sétimo. (Gênesis 1,1-2,4a) Em “Ainulindalë”, com um desenrolar mais lento que o do relato bíblico, é dito que Ilúvatar criou o mundo orquestrando a Música dos Ainur:

E então as vozes dos Ainur, semelhantes a harpas e alaúdes, a flautas e trombetas, a violas e órgãos, e a inúmeros coros cantando com palavras, começaram a dar forma ao tema de Ilúvatar, criando uma sinfonia

⁹ Um dos povos élficos. Seus membros possuem grande conhecimento nos ramos da construção e do artesanato, sendo os mais talentosos no trabalho com metais. (LÓPEZ, 2004, p. 193-194) Seu nome significa sábios, “no sentido de possuidores de conhecimento, não de providos de sagacidade ou de sólido discernimento” (TOLKIEN, 2011, p. 434)

magnífica; e surgiu um som de melodias em eterna mutação, entretecidas em harmonia, as quais, superando a audição, alcançaram as profundezas e as alturas; e as moradas de Ilúvatar encheram-se até transbordar; e a música e o eco da música saíram para o Vazio, e este não estava mais vazio. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 4)

É essa música, composta de partes harmoniosas e dissonantes, que define o destino dos povos que habitarão Arda e antecipa ao leitor a caída de alguns Maiar: “alguns [dos Ainur] começaram a afinar sua música à de Melkor, em vez de manter a fidelidade ao pensamento que haviam tido no início” (TOLKIEN, 2011, p. 5). Assim sendo, podemos pensar que os tempos mais tranquilos são representados pela harmonia executada pelos Ainur, enquanto os tempos de confrontos foram incluídos pelas dissonâncias causadas por Melkor.

Na Música dos Ainur, três temas são propostos por Ilúvatar, entremeados por duas dissonâncias. O primeiro deles é a proposta inicial; o segundo, a resposta à primeira dissonância de Melkor; e o terceiro a resposta à segunda dissonância. Concordamos com a visão de Silva (2018, p. 42-43), para quem “[u]ma das interpretações possíveis [...] é que as três canções cantem, também, três fases (não exatamente eras conforme as divisões cronológicas) de Arda”. As três canções a que a autora se refere são os resultados dos temas propostos por Ilúvatar. Do nosso ponto de vista, o primeiro tema, “uma sinfonia magnífica” (TOLKIEN, 2011, p. 4), é representado pelos fatos ocorridos a partir do início da formação do mundo, com sua harmonia e beleza inicial que Melkor, aos poucos, começa a atrapalhar até chegar ao fim a Primavera de Arda, evento que marca o momento em que a primeira dissonância causa interferência. Da mesma forma que, na música, ele foi incluindo gradualmente seus temas próprios, na construção de Arda, Melkor vai destruindo o trabalho dos Valar:

[...] e eles [os Valar] criaram terras, e Melkor as destruía; sulcavam vales, e Melkor os erguia; esculpiam montanhas, e Melkor as derrubava; abriam cavidades para os mares, e Melkor os fazia transbordar; e nada tinha paz ou se desenvolvia, pois mal os Valar começavam algum trabalho, Melkor o desfazia ou corrompia. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 12)

Essa primeira dissonância se mantém na música até que Ilúvatar reaja propondo o segundo tema, que é representado, em Arda, pela guerra que os Valar travam contra Melkor para libertar a Terra-média de seu domínio quando do despertar dos Primogênitos e que culmina na sua prisão em Mandos.

O segundo tema, que “apresentava uma nova beleza” (TOLKIEN, 2011, p. 5), atua durante o período em que Melkor está preso e os Valar e os elfos vivem em harmonia em Aman. A soltura de Melkor é o momento em que a segunda dissonância passa a atuar sobre o destino de Arda. Esta se manifesta através dos males que Melkor causa, como a invenção de mentiras para que os noldor se voltem contra os Valar e o roubo das Silmarils, e termina com sua fuga de volta para a Terra-média. Da mesma forma que a dissonância mantém alguma influência sobre o tema de Ilúvatar, os males causados por ela seguirão influenciando a vida dos povos de Arda. Por exemplo, Fëanor, por se deixar influenciar pelas mentiras de Melkor e falar contra os Valar, é condenado ao exílio (TOLKIEN, 2011, p. 76-78) e convence seu povo a segui-lo de volta para a Terra-média (TOLKIEN, 2011, p. 93-95). No caminho, ao encontrarem os Teleri e estes lhes negarem o empréstimo de seus navios, há uma tentativa de roubo das embarcações que culmina no Fratricídio de Alqualondë, causa da Maldição de Mandos (TOLKIEN, 2011, p. 98-101), que permanece influenciando o destino dos noldor até os dias relatados em *O Senhor dos Anéis*. Galadriel é libertada dessa maldição ao recusar o Um Anel quando lhe oferecido por Frodo, o que demonstra que ela é capaz de resistir ao assédio das trevas (BYRD, 2016, p. 48).

O terceiro tema de Ilúvatar, “diferente dos outros” (TOLKIEN, 2011, p. 5), já não é belo. Ele começa a atuar a partir da fuga de Melkor de Valinor levando as Silmarils e da perseguição a ele que Fëanor empreende. Em “Ainulindalë”, é dito que, neste tema,

[...] pareceu haver duas músicas evoluindo ao mesmo tempo diante do trono de Ilúvatar, e elas eram totalmente díspares. Uma era profunda, vasta e bela, mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável, na qual sua beleza tivera principalmente origem. A outra havia agora alcançado uma unidade própria; mas era alta, fútil e infundavelmente repetitiva; tinha pouca harmonia, antes um som uníssono e clamoroso como o de muitas trombetas soando apenas algumas notas. E procurava abafar a outra música pela violência de sua voz, mas suas notas mais triunfais pareciam ser adotadas pela outra e entremeadas em seu próprio arranjo solene. (TOLKIEN, 2011, p. 5)

Isso se reflete na vida que elfos e homens – que despertarão quando este tema estiver se desenvolvendo (TOLKIEN, 2011, p. 75) – levam na Terra-média. Sua bem-aventurança, o crescimento de seus povos e do poderio de seus reinos, pontuados por momentos de perdas são reflexos da música “profunda, vasta e bela,

mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável”. (TOLKIEN, 2011, p. 5) As batalhas contra os exércitos do Inimigo – que tentava derrotá-los definitivamente, mas sem sucesso – são originadas na música que “procurava abafar a outra [...] pela violência de sua voz” (TOLKIEN, 2011, p. 5), mas acabava sendo incorporada aos desígnios de Ilúvatar para seus Filhos.

Por ser a obra de Tolkien inacabada, não é possível afirmar o que representaria o fim do terceiro tema. O que nos parece claro é que isso retrataria uma espécie de fim do mundo como o Ragnarök na mitologia nórdica. Em “Ainulindalë”, é dito que, finalizado o que foi definido através da Música dos Ainur, esta será substituída por outra composta por eles junto aos “Filhos de Ilúvatar, após o final dos tempos”. (TOLKIEN, 2011, p. 4)

Retomando, a Música dos Ainur define o destino de Arda e dos povos que lá habitam. Mas ela não gera algo físico, apenas uma visão:

Então, falou Ilúvatar e disse: - Poderosos são os Ainur, e o mais poderoso dentre eles é Melkor; mas, para que ele saiba, e saibam todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas melodias que vocês entoaram irei mostrá-las para que vejam o que fizeram. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 6)

É através da palavra que Ilúvatar cria a materialidade de Arda. Assim como Deus disse “que exista a luz!” e a luz passou a existir (Gênesis 1,3), Ilúvatar disse “Eä! Que essas coisas Existam!” (TOLKIEN, 2011, p. 9) e o espaço onde os Valar e os Maiar construíram Arda surgiu.

Além de semelhanças entre as histórias, notamos também uma semelhança narrativa ao compararmos os textos de *O Evangelho Segundo João* e “Ainulindalë”, as repetições de referências aos deuses:

¹ No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo.

² Este no princípio estava com Deus. ³ Todas as coisas existiram por ação dele e sem ele existiu nem uma só coisa que existiu. ⁴ Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. ⁵ E a luz brilha na escuridão, e a escuridão não dominou a luz. (João 1,1-5)

Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado. E ele lhes falou, propondo-lhes temas musicais; e eles cantaram em sua presença, e ele se alegrou. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 3)

No trecho bíblico, a referência é sempre ao mesmo Deus, retomado por dele, ele e nele. Já no trecho tolkieniano, há referências a todos os deuses que sua mitologia apresenta, Eru/Ilúvatar, que é retomado por ele e seu, e os Ainur, que são retomados por eles.

A existência de mais de uma deidade vem das mitologias que Tolkien lia, como a celta, finlandesa, grega e nórdica (BYRD, 2016, p. 5). Ilúvatar é o Ser Superior do legendário tolkieniano e, como veremos, com o passar do tempo, se torna um *deus otiosus*. Abaixo dele nessa hierarquia, vêm os Ainur, que serão os verdadeiros responsáveis pela criação em si de Arda, guardando algumas semelhanças com os deuses gregos, como, por exemplo, cada um ser encarregado de uma função específica, e com os anjos bíblicos, como aparecer em formas humanas para os homens e casarem-se com eles (BYRD, 2016, p. 3). Essas semelhanças serão abordadas mais detalhadamente em seguida.

Os Ainur se subdividem em deidades de segunda e terceira ordem e são criados a partir do pensamento de Ilúvatar, sendo cada um capaz de compreender a parte da qual se originou. Eles serão seus aliados na manutenção do mundo, com exceção de Melkor. Ele é o Aino com os maiores dons de poder e de conhecimento ao lado de Manwë, mas não se contenta em ser um subcriador e desenvolve o desejo de criar algo por si só, corrompendo as criaturas idealizadas pelo Ser Superior, o que o leva a se tornar o grande inimigo da Primeira Era.

Ao passarem a habitar Arda para construí-la, os Ainur de segunda ordem são renomeados Valar, enquanto os de terceira são chamados Maiar. Essa divisão de níveis entre os Ainur é explicada no “Valaquenta”. (TOLKIEN, 2011, p. 21) Cada Vala tem a ajuda de um Maia em suas tarefas:

[...] Manwë tem a maior estima de Ilúvatar e compreende com mais clareza seus objetivos. [...] Em Arda, seu prazer está nos ventos e nas nuvens, e em todas as regiões do ar, das alturas às profundezas, dos limites mais remotos do Véu de Arda às brisas que sopram nos prados. Súlimo é seu sobrenome, Senhor do Alento de Arda. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 16)

“Importantíssimos entre os Maiar de Valinor [...] são Ilmarë, a criada de Varda, e Eönwë, o porta-estandarte e arauto de Manwë, cujo poder em armas ninguém supera em Arda.” (TOLKIEN, 2011, p. 21) Mas muitos Maiar foram atraídos para as trevas por Melkor. Assim como os demais serviam aos Valar, estes servirão a

Morgoth, nome dado a Melkor por Fëanor. Um exemplo é Sauron, quem será o grande inimigo na Terceira Era, nos relatos encontrados em *O Senhor dos Anéis*.

De acordo com Byrd (2016, p. 3), ao colocar os Valar como os finalizadores do trabalho de Ilúvatar, Tolkien cria um paralelo com uma interpretação antiga de Gênesis segundo a qual os anjos estavam divididos em uma hierarquia e ajudaram Deus na criação, sendo cada um responsável por uma tarefa.

Como toda cosmogonia, esta também deixa uma cosmovisão, segundo a qual tudo acontece no mundo tal e como Ilúvatar desejou e orquestrou na Música dos Ainur e que os males só atingem Arda porque Melkor criou dissonâncias aos temas propostos, mas, ainda assim, ao final, a vontade do Ser Superior prevalecerá.

4.1 Os deuses da mitologia tolkieniana

Como dito anteriormente, os deuses tolkienianos são Ilúvatar, o Ser Superior que se tornará um *deus otiosus* e que se assemelha ao Deus da mitologia bíblica, e os Ainur, que se dividem entre Valar e Maiar ao passarem a habitar Arda e que apresentam algumas semelhanças com os deuses gregos e os anjos bíblicos. Ao passo em que apresentarmos cada uma dessas deidades, abordaremos esses aspectos.

Dos três estágios de aparecimento de deuses em mitos postulados por Campbell (2017, p. 183), os deuses criados por Tolkien podem ser considerados como pertencentes ao terceiro, o estágio clássico, pois temos, dentre os Ainur, deuses e deusas. Seres sem forma definida, eles assumem representações que remetem ao masculino e ao feminino em Arda, “cada um segundo sua natureza e os elementos que amavam” (LÓPEZ, 2004, p. 175)

Como convivem com elfos e homens, são os Valar os identificados como deuses pelos povos de Arda e a quem se recorre em momentos de necessidade. De um total de quatorze seres, sete assumem uma representação masculina – Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Mandos, Lórien e Tulkas, os Senhores dos Valar – e sete, feminina – Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána e Nessa, as Rainhas dos Valar. (TOLKIEN, 2011, p. 16) Inicialmente um Ainu, Melkor cede ao desejo de ser um Criador e à inveja que sente das subcriações dos Valar, tornando-se um deus caído e o maior inimigo da Primeira Era.

Ajudantes dos Valar, os Maiar têm pouco contato com os Filhos de Ilúvatar, raramente aparecendo em forma visível para eles. Seu número total é desconhecido e apenas oito deles são nominados¹⁰: Ilmarë, Eönwë, Ossë, Uinen, Melian, Olórin, (TOLKIEN, 2011, p. 21-22), Arien e Tilion. (TOLKIEN, 2011, p. 117) Originalmente um Maia, Sauron é corrompido por Melkor e, assim como ele, se torna um deus caído.

Segundo Byrd (2016, p. 6), essa divisão dos Ainur mostra outra semelhança com os anjos bíblicos, pois remete a uma leitura católica que diz respeito a uma hierarquia entre eles, que se dividiam em querubins, serafins, tronos, dominações, principados, potestades, arcanjos e anjos.

4.1.1 Eru Ilúvatar: o Ser Superior

Conforme explicado no capítulo dois deste trabalho, há mitos em que os Seres Superiores apenas começam a criação do mundo, deixando o término do trabalho para outros deuses e tornando-se *dei otiosi*. Assim, eles desaparecem do culto por não serem reconhecidos como os verdadeiros criadores e, conseqüentemente, suas criaturas sabem muito pouco sobre eles. É isso o que ocorre com Ilúvatar, que, após orquestrar a Música dos Ainur e criar a materialidade do mundo através da palavra, envia alguns desses seres para Arda para que criem o mundo em si e, em termos de criação, apenas se envolve mais duas vezes: os momentos em que elfos e homens despertam. Dessa forma, se mantém longe de seus Filhos, mas seu desaparecimento não significa que eles ignorem sua existência. Esta denominação, inclusive, pertence a um idioma élfico (TOLKIEN, 2011, p. 15), sendo Eru o nome com que essa divindade é apresentada ao leitor. (TOLKIEN, 2011, p. 3) Além disso, apesar de não os vermos envolvidos em ritos e cultos a esse deus – com exceção de um em que os elfos participam quando ainda habitam em Valinor e é organizado pelos Valar –, fica claro que eles estavam cientes de que havia um Ser com conhecimento superior ao dos Valar e que havia sido esse Ser quem os criara e definira seus destinos.

¹⁰ Neste trabalho, consideramos apenas os Maiar nominados em *O Silmarillion*. Outros Maiar, como Aiwendi (Radagast) e Curunír (Saruman), são conhecidos através de outras obras.

A figura de Ilúvatar sai de cena na narrativa quando os Valar começam a construir Arda e aparece diretamente apenas mais quatro vezes durante toda a Primeira Era: para explicar o destino que havia planejado para seus Filhos (TOLKIEN, 2011, p. 35-36); para repreender Aulë pela criação dos anões (TOLKIEN, 2011, p. 39-41); e quando Manwë busca seus conselhos para aliviar a angústia de Yavanna (TOLKIEN, 2011, p. 42-43) e sobre que atitudes tomar quanto a Melkor, que dominava a Terra-média e perseguia os elfos (TOLKIEN, 2011, p. 50). Depois disso, ele reaparecerá diretamente pela última vez na Segunda Era para punir os númenorianos que tentam invadir Valinor (TOLKIEN, 2011, p. 355). Indiretamente, Ilúvatar aparece no conto “Do ocaso de Valinor”, quando uma festa em louvor a ele é oferecida pelos Valar. (TOLKIEN, 2011, p. 83) Essa é a única indicação de um culto a esse deus em *O Silmarillion* e parte dos outros deuses, não de elfos ou homens.

Traçando um paralelo com a mitologia bíblica, vemos que Ilúvatar equivale a Deus, que criou o mundo ao longo de seis dias. Porém, ao contrário do que ocorre na mitologia tolkieniana, segundo a interpretação de Gênesis, Deus realizou esse trabalho sozinho e, apesar da presença de figuras representadas pelos anjos e santos, seus filhos se voltam também a ele nos momentos de necessidade. Como consequência disso, essa divindade não desapareceu do culto.

4.1.2 Valar e Maiar: deuses inferiores

Os Valar são os deuses mais presentes em *O Silmarillion*. Apesar de sabermos que seu número total é catorze, apenas Manwë, Varda, Ulmo, Aulë, Yavanna, Mandos, Nienna, Tulkas e Oromë têm seu papel destacado nos contos do “Quenta Silmarillion”.

Nienna recebe pouco destaque, sendo citada apenas pelo poder que suas lágrimas têm de regar (TOLKIEN, 2011, p. 31) e de lavar a profanação da terra (TOLKIEN, 2011, p. 88) e por auxiliar Melkor quando ele suplicou o perdão de Manwë em seu segundo julgamento (TOLKIEN, 2011, p. 70). Varda é a esposa de Manwë e se destaca nos trabalhos relativos à luz: encheu as Duas Lamparinas que iluminavam a Terra-média do Princípio dos Tempos (TOLKIEN, 2011, p. 27-28); armazenou o orvalho de Telperion e a chuva de Laurelin (TOLKIEN, 2011, p. 31-32),

que serviram para potencializar o brilho das estrelas que criou para iluminar a Terra-média (TOLKIEN, 2011, p.32; p. 47); abençoou as Silmarils para que “nenhuma carne mortal, nem mãos impuras, nem nada de mau, pudesse tocá-las” sem sofrer consequências (TOLKIEN, 2011, p. 74); e dispôs os navios que se tornaram o Sol e a Lua no céu. (TOLKIEN, 2011, p. 116)

Já os Maiar são deuses numerosos, mas pouco citados diretamente em *O Silmarillion*. Servos e auxiliares dos Valar, assim como ocorre com alguns dos deuses de segunda ordem, dentre eles também há aqueles que apenas aparecem na listagem do “Valaquenta”, mas outros desempenham papéis importantes na mitologia tolkieniana. Assim, nesta seção, falaremos apenas dos principais deuses inferiores, pois os demais não têm uma participação efetiva na construção e manutenção de Arda.

O primeiro a ser destacado é Manwë. Irmão de Melkor no pensamento de Ilúvatar e o supremo e mais sagrado dos Valar (TOLKIEN, 2011, p. 33), ele é o único que tem contato direto com o Ser Superior, podendo pedir-lhe conselhos, e o Vala que compreende com mais clareza suas intenções. Por isso, foi designado como o primeiro dos Reis. (TOLKIEN, 2011, p. 16)

Diferentemente de seu irmão, Manwë não sente apego ao poder, governando para a paz (TOLKIEN, 2011, p. 33), e não possui maldade, sendo incapaz de compreendê-la. Por isso, foi enganado pelo fingimento de Melkor quando este pediu perdão por ter acabado com a Primavera de Arda (TOLKIEN, 2011, p. 70-71) e, não sendo capaz de perceber a natureza do Inimigo, necessitou a ajuda de Varda, sua esposa, para compreender o perigo que Melkor representava. (LÓPEZ, 2004, p. 177)

Manwë tem por servos espíritos na forma de falcões e águias, cujos “olhos enxergavam as profundezas dos mares e penetravam nas cavernas ocultas nos subterrâneos do mundo”. (TOLKIEN, 2011, p. 33) Desde o início da vida em Valinor, esses espíritos iam a sua morada levar notícias da Terra-média e dos movimentos de Melkor. A forma desses servos tem relação com o fato de que Manwë reúne os poderes dos céus e do ar (BYRD, 2016, p. 4), o que o torna o Mestre do Ar, capaz de controlar o clima de Arda através da respiração, que governa os ventos; da visão, que clareia as sombras; e da fúria, que gera as tempestades. Quando se junta a Varda, esses poderes e os dela são potencializados e ambos se tornam mais fortes, ele vendo mais longe e ela ouvindo com mais clareza. (LÓPEZ, 2004, p. 176-177)

Além desses servos, como os outros Valar, Manwë conta com a ajuda de alguns Maiar. Dentre estes, merece destaque Eönwë, seu porta-estandarte e arauto e de quem ninguém supera o poder em armas. (TOLKIEN, 2011, p. 21) Senhor dos Ventos, ele é o Maia mais poderoso e liderou o exército dos Valar na Guerra da Ira (LÓPEZ, 2004, p. 185) Sendo Manwë equivalente a Zeus (BYRD, 2016, p. 6) – o que abordaremos a seguir –, Eönwë pode ser tomado como equivalente a Hermes, o arauto de Zeus (EVSLIN, 2012, p. 60)

Dentro da mitologia bíblica, o equivalente de Manwë é o arcanjo Miguel (BYRD, 2016, p. 6), “um dos príncipes supremos” (Daniel 10,13) e, dentre eles, “o grande príncipe” (Daniel 12,1) Os príncipes supremos são os anjos, cuja função é proteger o povo de Deus (Salmos 34,8; 91,11). Na mitologia tolkieniana, esse papel é cumprido pelos Valar, que protegem os povos de Ilúvatar, os Primogênitos (elfos) e os Sucessores (homens). E, dentre os Valar, como dito anteriormente, Manwë é o principal. Outra semelhança pode ser encontrada em Apocalipse 12, 7-9, onde é dito que Miguel e seus anjos combatem Satanás e os anjos dele, expulsando-os do céu. Em dois trechos de *O Silmarillion*, Manwë e os outros Valar enfrentam Melkor e seus servos, expulsando-os, apesar de não completamente, primeiro, da Terra-média e, depois, de Arda.

Segundo Alfred D. Byrd (2016, p. 6), quem aponta a analogia entre deuses gregos e alguns Valar, Manwë é equivalente a Zeus. Ele é o líder e conselheiro dos Valar, sendo procurado pelos demais quando alguma decisão precisa ser tomada ou algum conselho ser dado, como ocorre, por exemplo, quando Yavanna teme a destruição de tudo que havia criado pelos anões e pelos Filhos de Ilúvatar (TOLKIEN, 2011, p. 42-44), da mesma forma que “[n]o meio dos Olímpicos, Zeus surge como o ‘moderador’ e o mestre” (GRIMAL, 2019, p. 59). Além disso, Manwë é o Rei do mundo dos Valar (TOLKIEN, 2011, p. 34); Zeus é o rei dos Olímpicos, o pai de todos, liderando “o governo do mundo, vigiando a organização estatal e social da humanidade” (SCHWAB, 2015, p. 309).

Podemos apontar outras três semelhanças entre eles. A primeira diz respeito ao controle das intempéries. Enquanto a fúria de Manwë gera as tempestades, Zeus é o deus das chuvas, neves e tempestades. (SCHWAB, 2015, p. 309) A segunda dá conta de que seus tronos estão localizados no alto de montanhas. Enquanto Zeus vive no Monte Olimpo, junto a outros deuses, em *O Silmarillion*, é dito que, após o fim da Primavera de Arda, quando os Valar deixaram a Terra-média e foram viver na

Terra de Aman¹¹, para protegê-los, foram erguidas as montanhas Pelóri. É no topo da mais alta delas, Taniquetil, que fica o trono de Manwë, dentro de um palácio de onde ele e Varda conseguem enxergar toda a Terra. (TOLKIEN, 2011, p. 30)

A terceira semelhança é as ameaças que seus reinados sofrem. De acordo com Pierre Grimal (2019, p. 59), o poder de Zeus “é por vezes ameaçado por complôs ou rebeliões fomentadas por seres monstruosos, sombrias testemunhas de uma idade remota, mas que nunca o abalam de maneira duradoura.” O poder de Manwë – e dos outros Valar – também é ameaçado algumas vezes por Melkor, o deus caído da mitologia tolkieniana que deseja subjugar a todos e tornar-se um Criador; e por Sauron, servo de Melkor que o substitui quando este é derrotado e expulso para o Eterno Vazio. Os atos de Melkor e Sauron serão analisados mais detalhadamente a seguir, mas podemos citar aqui, como exemplos de suas ameaças, as mentiras que contavam: Melkor aos noldor, o que os levou a abandonar Aman, e Sauron aos númenorianos, o que os levou a tentar invadir o Reino Abençoado¹². Mas, diferentemente do que acontecia com os ataques a Zeus, alguns dos ataques da mitologia tolkieniana são mais duradouros. Um exemplo é o ataque de Melkor à Terra-média que pôs fim à Primavera de Arda e trouxe consequências que perduraram até o despertar dos Primogênitos.

Manwë também apresenta uma semelhança com Apolo no que diz respeito à ligação com a música e a poesia. Conforme Grimal (2019, p. 42), o deus grego é responsável por presidir a música, regendo o coro das Musas e tocando uma lira de ouro. Ele conseguiu o posto de deus da música em negócios com Hermes (EVSLIN, 2012, p. 59) e, segundo Schwab (2015, p. 313), é também o deus da poesia. Já sobre o deus tolkieniano, é dito que ele sente prazer na poesia e entoar palavras é sua música (TOLKIEN, 2011, p. 33)

O segundo Vala a merecer destaque é Ulmo, o Senhor das Águas. Ele não gosta de sair delas, onde vive sozinho (TOLKIEN, 2011, p. 17) no Oceano de Fora. Por isso, está presente apenas nas assembleias dos Valar que tratam de assuntos importantes (TOLKIEN, 2011, p. 34), como a que decidiu de que maneira protegeriam os elfos de Melkor (TOLKIEN, 2011, p. 50) e a em que Eärendil pediu a

¹¹ Terra a oeste da Terra-média, separada desta pelo Grande Mar do Oeste e onde os Valar estabelecem sua morada, Valinor, após o fim da Primavera de Arda. Seu nome significa “Abençoada, Livre do Mal” (TOLKIEN, 2011, p. 399)

¹² Outro nome para a Terra de Aman.

ajuda dos Valar para elfos e homens contra os males de Morgoth. (TOLKIEN, 2011, p. 317)

Ulmo governa tudo que se relaciona à água, incluindo os pingos de orvalho e as ilhas que existem nos mares. Ele utilizou uma delas para levar os vanyar¹³ e os noldor até Aman e repetiu esse processo anos mais tarde, quando chegou a vez dos teleri¹⁴ fazerem a travessia. (TOLKIEN, 2011, p. 60-61) Foi graças a seu poder sobre as águas que, mesmo sob as trevas do Inimigo, a vida continuou a correr por veios secretos e a Terra não morreu, pois nunca abandonou a Terra-média, sempre refletindo sobre o que ocorria com ela. (TOLKIEN, 2011, p. 34)

Apesar de amar elfos e homens, tanto que não os abandonou sequer quando estavam sob a fúria dos Valar (LÓPEZ, 2004, p. 178), Ulmo não gosta de se apresentar em forma visível. Se os Filhos de Ilúvatar o veem, são tomados pelo pavor, então, a comunicação entre eles se dá através da música de suas grandes trompas e das águas. Assim, ele toma conhecimento de situações que, de outra forma, não chegariam aos ouvidos de Manwë. (TOLKIEN, 2011, p. 17-18) Um exemplo do uso da música para se comunicar com elfos está no momento em que Ulmo vai ao litoral da Terra-média falar com os vanyar e os noldor quando eles se dirigiam para Valinor e utilizou-a, além de palavras, para transformar o medo que os elfos sentiam do mar em desejo. (TOLKIEN, 2011, p. 59)

Conforme Byrd (2016, p. 6), Ulmo é como o deus grego Poseidon. Ambos são Senhores das Águas e viviam nelas, preferindo-as ao local onde os demais deuses de suas mitologias viviam: Valinor, no caso de Ulmo, e o Monte Olimpo, no de Poseidon. (EVSLIN, 2012, p. 25)

Dentre os Maiar que servem a Ulmo, Ossë e Uinen merecem destaque. Ossë é o senhor dos mares que banham as praias da Terra-média e foi tentado por Melkor, que lhe prometeu o reino e o poder de Ulmo, mas Uinen o controlou e o levou até o Vala, que o perdoou. O Maia voltou a ser leal ao seu senhor, mas o prazer da violência nunca o abandonou completamente, o que leva os navegantes a não confiarem nele. (TOLKIEN, 2011, p. 22)

¹³ Um dos povos élficos. Seus membros eram os mais corajosos (LOPEZ, 2004, p. 192) e seu nome significa “Louros” em referência a seus cabelos dourados. (TOLKIEN, 2011, p. 446)

¹⁴ Um dos povos élficos. Seus membros eram os mais numerosos e sentiam forte atração pelas águas (LOPEZ, 2004, p. 194-195) Seu nome significa “Os Relutantes, Os que se Recusaram” devido ao fato de que eles não estavam completamente seguros sobre deixar a Terra-média. (TOLKIEN, 2011, p. 441)

Quando os teleri ficaram para trás na travessia para Valinor, Ossë os instruiu com histórias e canções que fizeram com que se apaixonassem pelos mares e sentiu dor quando Ulmo finalmente os levou. Mas conseguiu convencer alguns a não fazer a viagem e estes se tornaram os primeiros marinheiros da Terra-média e os primeiros fabricantes de embarcações. (TOLKIEN, 2011, p. 60) Aos que partiram para Valinor, ele ainda levou um longo tempo para ensinar esta arte e os presenteou com cisnes que puxavam seus barcos. (TOLKIEN, 2011, p. 64) Quando estes chegaram a Baía de Eldamar, na costa de Aman, Ossë os chamou e eles pediram a Ulmo para ali permanecerem. O Vala aceitou esse pedido e ordenou ao Maia que ali fixasse a ilha que os transportava. Esta ilha é Tol Eressëa (TOLKIEN, 2011, p. 61), a mesma que, após a derrota de Morgoth na Guerra da Ira, serviu de lar para os elfos que atenderam ao chamado dos Valar para deixar definitivamente a Terra-média e juntaram-se a eles nas Terras Imortais (TOLKIEN, 2011, p. 322-324).

Na mitologia grega, Ossë pode ser comparado a Atena, que é considerada “a inventora da construção de navios” (SCHWAB, 2015, p. 312), e a Poseidon enquanto um senhor do mar com fúria e que desperta o medo nos marinheiros. Conforme Evslin (2012, p. 26), o deus grego era “de difícil trato – volúvel e briguento – e costumava alimentar rixas”. Um exemplo disso é o episódio em que ele tenta se apoderar da Ática para torná-la parte de seu território. Mas os atenienses não o aceitaram, Atena interviu e, no conselho, os deuses tomaram partido dela. Depois disso, os marinheiros atenienses tiveram que redobrar os cuidados no mar.

Também serva de Ulmo, Uinen é a Senhora dos Mares e protege os marinheiros acalmando as ondas ao aplacar a ferocidade de Ossë. Os Númenorianos foram seus protegidos e a reverenciavam tanto quanto aos Valar. (TOLKIEN, 2011, p. 22) Ela os amava e sua proteção sobre eles durou até a Queda de Númenor. (LÓPEZ, 2004, p. 186)

Apesar de ser conhecida como Senhora da Tranquilidade (LÓPEZ, 2004, p. 186), quando ocorreu o Fratricídio de Alqualondë e os noldor assassinaram os marinheiros dos teleri, ela chorou pelos mortos, o que fez com que o mar se enfurecesse contra os assassinos e muitas embarcações naufragassem, matando quem estava a bordo. (TOLKIEN, 2011, p. 99)

Como protetora dos marinheiros, Uinen pode ser comparada a dois deuses da mitologia grega: Afrodite, que é a deusa da navegação, sendo “invocada para propiciar viagens marítimas seguras” (SCHWAB, 2015, p. 316), e Tritão, um deus

marinho, filho de Poseidon e o responsável por provocar e acalmar o movimento do mar soprando uma concha marinha (SCHWAB, 2015, p. 318)

Passamos agora ao terceiro Vala a ser destacado: Aulë, o ferreiro e mestre de todos os ofícios. Ele contruiu todas as terras – incluindo a Terra-média (TOLKIEN, 2011, p. 27) – e governa todas as substâncias das quais Arda é feita. Se assemelha a Melkor em ideias e poderes (TOLKIEN, 2011, p. 18), o que resultou na subcriação dos anões a partir das pedras (TOLKIEN, 2011, p. 42) na escuridão sob as montanhas da Terra-média. Os anões sempre tiveram a mesma forma, pois Aulë os queria fortes e obstinados, já que a Terra ainda estava dominada por Melkor. (TOLKIEN, 2011, p. 39)

[...] Por isso, eles são duros como a pedra, teimosos, firmes na amizade e na inimizade, e conseguem suportar fadiga, fome e ferimentos com mais bravura do que todos os outros povos que falam; e vivem muito, bem mais do que os homens, embora não para sempre (TOLKIEN, 2011, p. 41)

Além dos anões, Aulë também criou uma língua própria para eles, o que o assemelha ao próprio Tolkien, subcriador de novos povos e de línguas para sua comunicação.

Diferentemente de Melkor, Aulë foi perdoado pelo Ser Superior, pois foi humilde e reconheceu seu erro, oferecendo-se para repará-lo. Ilúvatar previu que haveria discórdia entre os filhos de Aulë e os seus Filhos – como podemos ver em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis* – e, ainda assim, concedeu existência própria aos anões, pois Aulë não poderia fazê-lo por ser apenas um subcriador. Sem essa interferência, os anões seguiriam submetidos ao pensamento do Vala, agindo apenas quando ele pensasse nisso e permanecendo inativos quando ele estivesse ocupado com outras coisas. (TOLKIEN, 2011, p.39-41)

Outras de suas criações de destaque são as Duas Lamparinas que iluminavam a Terra-média durante a Primavera de Arda (TOLKIEN, 2011, p. 27-28); a corrente que prende Melkor na batalha para reaver o poder sobre a Terra-média (TOLKIEN, 2011, p. 51); e as embarcações que levam o Sol e a Lua pelos céus (TOLKIEN, 2011, p.116). Mas o Vala não guardou seus conhecimentos para si. Transmitiu-os aos noldor e aos anões, ensinando tecelões, marceneiros, ferreiros e lavradores. (TOLKIEN, 2011, p. 33)

De acordo com Byrd (2016, p. 6) Aulë é semelhante a Hefesto. Assim como o Vala, o deus ferreiro grego é muito habilidoso e trabalhava nas montanhas (EVSLIN, 2012, p. 62; SCHWAB, 2015, p. 314) Notamos também uma semelhança entre Aulë e Atena, na medida em que, na mitologia grega, cabe a ela ensinar aos mortais a fiar, a tecer e a “construir e manipular diversas ferramentas: o machado, o arado, o jugo de bois, a roda, as velas de barco” (EVSLIN, 2012, p. 18)

A esposa de Aulë é Yavanna, que, em reverência, fica atrás apenas de Varda. Provedora de Frutos, ela ama todas as coisas que crescem na terra (TOLKIEN, 2011, p. 18) e, por esse motivo, os lavradores e plantadores recorrem a ela (TOLKIEN, 2011, p. 33), que foi quem estabeleceu as épocas em que tudo o que crescia em Valinor deveria florescer e amadurecer. (TOLKIEN, 2011, p. 83)

Durante a Primavera de Arda, Yavanna plantou as sementes da vegetação da Terra-média (TOLKIEN, 2011, p. 27) e, mesmo na época das trevas, nunca abandonou as Terras de Fora¹⁵, indo até lá, às vezes, para curar os ferimentos causados a elas por Melkor (TOLKIEN, 2011, p. 34), pois se preocupava com suas subcriações. Também por isso, fez com que muitos seres da Terra-média dormissem durante o período de escuridão para não envelhecerem (TOLKIEN, 2011, p. 45) e temia que os Filhos de Ilúvatar e os anões destruíssem tudo o que crescia na Terra e que ela havia abençoado: as plantas e os animais (TOLKIEN, 2011, p. 41-42)

Já em Valinor, abençoou a colina verdejante que se encontrava em frente ao portão ocidental de Valmar, a cidade dos Valar em Valinor. Sentada nessa colina, ela cantava quando ali surgiram as Duas Árvores de Valinor, Laurelin e Telperion, as responsáveis por iluminar aquela região e dar início à Contagem do Tempo. Foi da junção de suas luzes que Fëanor concebeu o fogo interior das Silmarils (TOLKIEN, 2011, p. 73), as pedras preciosas que dão nome ao livro.

Segundo Byrd (2016, p. 6), Yavanna tem semelhanças com Deméter, a “deusa da terra cultivada, senhora das plantações e das colheitas” (EVSLIN, 2012, p. 33). Assim como a Vala, a deusa grega é a responsável pelo crescimento e florescimento de todas as plantações.

Outro Vala é Mandos, o mais velho dos Senhores dos Espíritos – título que divide com seu irmão Lórien. Seu nome verdadeiro é Námo, sendo Mandos o nome

¹⁵ Outro nome para a Terra-média. (TOLKIEN, 2011, p. 441)

do local em que vive e como é conhecido. Sua função é guardar as Casas dos Mortos e convocar os espíritos de quem for assassinado para lá habitar. Para isso, conta com a ajuda de sua esposa, Vairë. Ela cumpre a função de Tecelã, pondo em suas telas, que revestem a morada de Mandos, tudo o que um dia existiu. (TOLKIEN, 2011, p. 19) Seus registros servem para auxiliar o marido no julgamento do destino dos espíritos que chegam a seus Salões. (LÓPEZ, 2004, p. 180) De certa forma, Vairë se assemelha às Moiras na qualidade de tecelã. A diferença é que, enquanto, na mitologia grega, as Moiras definem o destino através do que tecem (GRIMAL, 2019, p. 59), a deusa tolkieniana o faz como uma espécie de arquivo para o marido.

Como sabe tudo o que acontecerá, com exceção do que ainda não foi definido por Ilúvatar, Mandos é o Oráculo dos Valar. (TOLKIEN, 2011, p. 19) Foram dele as previsões de que os elfos nasceriam nas trevas, contemplando primeiro as estrelas, que a “Grande Luz est[ava] reservada para seu declínio” e que “[à] Varda eles sempre ir[iam] recorrer em momentos de necessidade”. (TOLKIEN, 2011, p. 46) Também “previu que os destinos de Arda, da terra, do mar e do ar estavam dentro” das Silmarils (TOLKIEN, 2011, p. 74) e o assassinato de Finwë por Melkor (TOLKIEN, 2011, p. 88)

Outros títulos de Mandos são Senhor do Destino, cujas sentenças sempre obedecem a Manwë, e Senhor dos Salões da Espera, onde ele cuida do pós-vida. (LOPEZ, 2004, p. 179) De lá, os elfos podem retornar, mas os homens não, pois a morte faz parte do dom da liberdade que Ilúvatar lhes concedeu (TOLKIEN, 2011, p. 36). O único mortal a ter permissão para deixar Mandos foi Beren, quando Lúthien trocou a própria imortalidade pela ressurreição dele (TOLKIEN, 2011, p. 236)

Desde seu posto de Senhor do Destino, Mandos proferiu a sentença do primeiro exílio de Fëanor, causado por haver perturbado a paz de Valinor e que o proibiu de viver na Casa de Finwë por 12 anos (TOLKIEN, 2011, p. 78). Muitos noldor acreditam que também foi ele quem proferiu a sentença do segundo exílio, conhecida como Profecia do Norte e Condenação dos Noldor (TOLKIEN, 2011, p. 100-101)

Como não se pode deixar seus salões sem o consentimento de Mandos (LOPEZ, 2004, p. 180), eles foram utilizados como prisão. Melkor lá foi aprisionado após ser derrotado na batalha para libertar a Terra-média de sua Sombra quando do despertar dos elfos (TOLKIEN, 2011, p.51)

Enquanto Senhor do Destino, Mandos se assemelha ao arcanjo Gabriel, da mitologia bíblica (BYRD, 2016, p. 6) e também a Zeus. O anjo bíblico é o responsável por revelar aos homens os desígnios de Deus, fazendo, dessa forma, profecias, como quando ele fala a Zacarias que suas súplicas seriam atendidas e um filho lhe seria dado por sua esposa Isabel (Lucas 1,8-19) e quando ele fala a Maria que ela seria abençoada com um filho de Deus. (Lucas 1,26-35) Já na mitologia grega, Zeus decide o destino dos guerreiros em uma balança de ouro e faz profecias. (SCHWAB, 2015, p. 309) Outra versão de seu mito diz “que o Destino é, em última análise, uma emanção do próprio deus” (GRIMAL, 2019, p. 60), pois são três de duas filhas com Têmis, as Moiras, “que tecem nos Infernos o destino de todos os humanos” (GRIMAL, 2019, p. 59)

Outros deuses gregos com quem Mandos tem semelhanças são Hades (BYRD, 2016, p. 6) e Apolo. Assim como o deus tolkieniano, Hades é o responsável pelo local onde os mortos habitarão no pós-vida. Porém, diferentemente dele, que vivia em Valinor juntos aos outros Valar, no mesmo plano das terras habitadas por elfos e homens, Hades vivia no mundo subterrâneo e era violento, avesso às mudanças e tinha ataques de fúria (EVSLIN, 2012, p. 30-31)

Mandos é o Oráculo dos Deuses tolkienianos e Apolo cumpre essa função na mitologia grega, presidindo a vidência (GRIMAL, 2019, p. 42) e fazendo profecias “a todos aqueles que viessem interrogá-lo em seu santuário em Delfos” (SCHWAB, 2015, p. 313)

O sexto deus a merecer destaque é Tulkas. Ele é o Vala de maior força e que realiza os maiores atos de bravura. Veloz e incansável, foi o último Ainu a mudar-se para Arda e o fez para ajudar aos demais na luta contra Melkor. (TOLKIEN, 2011, p. 20) Sua participação na mitologia tolkieniana é relacionada a esses conflitos. Na guerra para libertar a Terra-média da Sombra quando os elfos despertaram, foi ele quem imobilizou Melkor, possibilitando seu acorrentamento para que fosse levado prisioneiro para Valinor (TOLKIEN, 2011, p. 51) Durante o segundo julgamento do deus caído, assim como Ulmo, não se deixou enganar por seu falso arrependimento (TOLKIEN, 2011, p. 71) e, quando os demais perceberam essa falsidade e as mentiras que Melkor contou aos noldor foram descobertas, Tulkas foi o encarregado de buscá-lo para um novo julgamento. (TOLKIEN, 2011, p. 78)

Tulkas é conhecido como o Campeão dos Valar e “luta sem armas, fúria ou temor”. (LÓPEZ, 2004, p. 181-182) Byrd (2016, p. 6) aponta-o como semelhante a

Ares. Mas, diferentemente do Vala, o deus grego utiliza armadura, capacete e armas e conta com a ajuda de quatro escudeiros (GRIMAL, 2019, p. 53). Podemos pensar que a relação vista por este autor entre essas deidades venha do pensamento comum que se tem em relação a Ares como deus da guerra, já que Tulkas aparece sempre que há uma batalha a ser travada. Porém, analisando ambas as deidades, não encontramos outras semelhanças entre eles que deem suporte a esta afirmação.

Oromë é último Vala a ser destacado. Apesar da escuridão que se abateu sobre a Terra-média após a destruição das Duas Lamparinas, ele ainda se demorou nessa região, pois a amava. Foi o último Vala a chegar a Valinor e muitas vezes retornou ao leste. Caçador de monstros e feras, treinou seu povo e seus animais para perseguir as criaturas de Melkor (TOLKIEN, 2011, p. 20), costumando cavalgar na escuridão das florestas da Terra-média, perseguindo-os até a morte, portando lança e arco (TOLKIEN, 2011, p. 35)

Foi durante uma dessas caçadas que Oromë descobriu que os elfos já haviam despertado. Quando tentou se aproximar, eles o temeram devido às investidas de Melkor contra eles. O Vala voltou a Valinor para informar sua descoberta e, enquanto os demais debatiam sobre como proteger os Primogênitos, retornou à Terra-média para viver com eles, a quem deu o nome de eldar (TOLKIEN, 2011, p. 48-50), mas só ficaram conhecidos por essa denominação aqueles que obedeceram à convocação dos Valar para deixar a Terra-média e o acompanharam a Valinor. (TOLKIEN, 2011, p. 52)

Conhecido como Senhor das Florestas e Caçador dos Valar (LÓPEZ, 2004, p. 182), Oromë apresenta semelhanças com a deusa grega Ártemis, que “passa o tempo na caça, percorrendo as montanhas” (GRIMAL, 2019, p. 44) com um grupo de ninfas do mar e da floresta e seus cães, “os mais rápidos e os mais ferozes”. (EVSLIN, 2012, p. 44) As ninfas e os cães de Ártemis equivalem ao povo e aos animais de Oromë.

Ainda quatro Maiar merecem destaque pela importância de suas participações na História de Arda: Arien, Tilion, Melian e Olórin. Arien, na época das Duas Árvores de Valinor, era uma serva de Vána. Um espírito de fogo, ela resistiu às tentativas de corrupção de Melkor e passou a ser a Condutora do Sol, levando-o pelos céus em uma embarcação durante o dia. Foi escolhida por não temer o calor de Laurelin, a Árvore Dourada que deu origem ao Sol, e por não poder ser ferida por

ele justamente por ser um espírito de fogo. (TOLKIEN, 2011, p. 117; LÓPEZ, 2004, p. 186) Sua contraparte na mitologia grega é Apolo, quem percorre os céus em uma biga dourada, carregando o sol (EVSLIN, 2012, p. 78).

Já Tilion era um caçador, servo de Oromë, e pediu para ser o Condutor da Lua, pois desejava cuidar para sempre da última flor de Telperion, a Árvore Branca de Valinor. Assim como Arien faz com o Sol durante o dia, Tilion cruza os céus com a Lua em uma embarcação durante a noite. (TOLKIEN, 2011, p. 117; LÓPEZ, 2004, p. 186-187) Isso remete também a uma versão do mito de Apolo segundo a qual ele “entra em sua barca dourada e navega de volta até seu palácio do leste; e é assim que se faz a noite”. (EVSLIN, 2012, p. 78)

Melian, antes do surgimento do mundo, era parente de Yavanna (TOLKIEN, 2011, p. 57) e, após a criação de Arda, passou a servir tanto a Vána quanto a Estë. Vivia em Lórien antes de mudar-se para a Terra-média (TOLKIEN, 2011, p. 22), o que ocorreu quando os elfos despertaram. Melian preencheu o silêncio que lá havia com a própria voz – seu canto encantava a todos – e a de seus pássaros, os rouxinóis que havia ensinado a cantar (TOLKIEN, 2011, p. 57)

Nessa época, em Beleriand, ela conheceu o elfo Elwë Singollo– Elu Thingol na língua de Beleriand –, então senhor dos teleri, durante a demorada marcha deste povo em direção ao oeste. Sua união é a única entre um ser divino e um elfo e deu origem à linhagem dos mais belos Filhos de Ilúvatar (TOLKIEN, 2011, p. 57-61). Eles têm uma filha, Lúthien Tinúviel, e vivem em Doriath, que é protegida pelo Cinturão de Melian, uma cerca encantada que oculta e protege o reino de Thingol. A Maia retornou a Valinor após a morte de seu esposo. (LÓPEZ, 2004, p. 187)

Melian apresenta uma equivalência com a deusa grega Afrodite no que diz respeito à reverência que os seres tinham por elas. Sobre Melian, é dito que

[...] os Valar costumavam abandonar seu trabalho, e as aves de Valinor, sua alegria, que os sinos de Valmar se calavam, e as fontes paravam de jorrar quando na hora da mistura das luzes Melian cantava em Lórien. Os rouxinóis sempre a acompanhavam [...] (TOLKIEN, 2011, p. 57)

Já sobre Afrodite, diz-se que “por onde ela andava, a areia se transformava em relva, e flores brotavam no chão. [...] pássaros de toda espécie coloriram os céus.” (EVSLIN, 2012, p. 64)

Por fim, trataremos de Olórin. Ele é mais conhecido pelos enredos de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, pouco se falando dele em *O Silmarillion*. Vivia em Lórien e frequentava a casa de Nienna, com quem aprendeu a compaixão e a paciência; amava os elfos e lhes transmitia conselhos e ensinamentos, mas não se mostrava a eles. (TOLKIEN, 2011, p. 22) Torna-se um Istari – grupo de cinco Maiar enviado à Terra-média para aconselhar os Filhos de Ilúvatar e enfrentar Sauron (LÓPEZ, 2004, p.188) –, passando a ser conhecido como Gandalf, dentre outros nomes, e retorna às Terras Imortais ao fim da Terceira Era, após os episódios narrados em *O Senhor dos Anéis*.

Assim como os anjos bíblicos caminharam entre os homens em forma humana, Olórin o fez entre os habitantes da Terra-média para confortá-los e ajudá-los. (BYRD, 2016, p. 6) Exemplos de anjos junto aos homens na narrativa bíblica podem ser encontrados em passagens como Gênesis 16, 7-12, onde é relatado que “um anjo de Javé encontrou Agar”, a escrava de Sarai quando fugia, e Juízes 2, 1-3, que diz que “o anjo de Javé subiu de Guilgal para Betel” e avisou que não expulsaria os cananeus, pois os homens haviam faltado com sua palavra. Já os exemplos de Olórin junto aos habitantes da Terra-média são abundantes, apesar de nenhum deles constar em *O Silmarillion*. Citaremos dois: em *O Hobbit*, ele é um dos membros da comitiva que parte da casa de Bilbo Bolseiro em direção a Montanha Solitária para enfrentar Smaug e reaver a morada e o tesouro dos anões; e, em *O Senhor dos Anéis*, ele participa da festa de aniversário de Bilbo, sendo uma de suas grandes atrações, pois suas mágicas - como eram vistos seus poderes pelos hobbits – eram muito esperadas por todos.

A partir do anteriormente exposto sobre os Valar e os Maiar e suas relações com a mitologia grega e sabendo das leituras de Tolkien sobre estes mitos (BYRD, 2016, p. 5), podemos argumentar que esses deuses tolkienianos são baseados em deuses gregos, mas não exclusivamente neles, pois, como vimos também, apresentam semelhanças com seres da mitologia bíblica, o que é explicado pela importância que a religião católica desempenha na vida do autor. Além disso, pode ser traçado um paralelo também com alguns deuses nórdicos. Como dito no capítulo três, a mitologia nórdica era a favorita de Tolkien. Assim, não causa estranheza que um leitor destes mitos encontre, por exemplo, em Manwë um pouco de Thor enquanto controlador de eventos climáticos – Thor é considerado o deus do vento, do clima (ABRAM, 2019, p. 24) e do trovão (ABRAM, 2019, p. 88) – e de Odin

enquanto chefe dos deuses (ABRAM, 2019, p. 38) ou em Mandos um pouco de Hel, a guardiã do reino dos mortos (ABRAM, 2019, p. 127).

Outra semelhança que pode ser encontrada nos mitos sobre deuses nórdicos e sobre deuses tolkienianos diz respeito ao fato de que nenhum dos grupos de deidades sabia tudo sobre os destinos de seus mundos. Em *O Silmarillion* é dito que

[...] os Ainur sabem muito do que foi, do que é e do que será, e deixam de ver poucas coisas. Mas algumas coisas há que eles não conseguem ver, nem sozinhos nem reunidos em conselho; pois a ninguém a não ser a si mesmo Ilúvatar revelou tudo o que tem guardado; e em cada Era surgem novidades que não haviam sido previstas, pois não derivam do passado. (TOLKIEN, 2011, p. 6-7)

Já o poema nórdico “Völuspá” tem por premissa “que nem mesmo os deuses sabiam tudo sobre seu próprio destino e o destino do mundo”. (ABRAM, 2019, p. 219) Ou seja, assim como ocorre na mitologia tolkieniana, nem mesmo com todo o poder que reúnem, os deuses sabem de tudo. A diferença entre ambas as mitologias nesse quesito fica por conta da não existência de um Ser Superior como Ilúvatar para os nórdicos.

O “Völuspá” traz outras semelhanças entre os deuses nórdicos e os tolkienianos. Segundo esse poema, “os Æsir são responsáveis por determinar a forma final do cosmos”, “são chamados *regin* (‘poderes’) e *ginnheilög goð* (‘mais sagrados deuses’)” e “se sentam sobre o *rökstólar* (‘os tronos do julgamento’)” (ABRAM, 2019, p. 220) Como já vimos, os Valar e os Maiar são os responsáveis por finalizar o projeto de Ilúvatar, materializando o mundo. Enquanto vivem fora de Arda, são chamados Ainur, que significa Os Sagrados (TOLKIEN, 2011, p. 398). Já o termo Valar significa Os Poderes (TOLKIEN, 2011, p. 445). Os deuses incluídos nesse grupo sentam em tronos no Círculo da Lei onde julgam, por exemplo, Melkor (TOLKIEN, 2011, p. 70) e Fëanor (TOLKIEN, 2011, p. 78). Aqui, nos deteremos às similitudes que o “Völuspá” traz entre os deuses, mas voltaremos a ele mais adiante para tratar das semelhanças narrativas entre esse poema e a obra de Tolkien.

Acreditamos que a importância da religião católica na vida de Tolkien seja também o motivo para que a única fonte na qual encontramos um paralelo para Eru Ilúvatar seja os mitos bíblicos. O maior dos deuses de sua mitologia, o Criador de todos os demais, não poderia ser baseado em outro senão o maior dos deuses que Tolkien conhecia.

4.1.3 Sauron e Melkor: os inimigos

Sauron é o nome dado pelos eldar a um dos Maiar que foi corrompido por Melkor. Quando ainda era um Maia, servia a Aulë, o que o faz menos maligno do que seu senhor por haver servido a outro e não sempre a si mesmo. (TOLKIEN, 2011, p. 23-24) Ele era o comandante dos exércitos de Melkor e governou Angband¹⁶ durante as Eras da Escuridão e das Estrelas. (LÓPEZ, 2004, p. 187) Quando Morgoth perdeu a Guerra da Ira e foi expulso para o Vazio, Sauron assumiu seu lugar, controlando suas criaturas e se tornando o novo Inimigo.

Na Segunda Era, foi conhecido como Annatar, o Senhor dos Presentes, e deu os anéis aos reis para controlar os portadores, assumindo o posto de Senhor dos Anéis, revelando seu espírito maligno e dando início a um novo período de guerras na Terra-média. (LÓPEZ, 2004, p. 187)

Assim como Melkor, Sauron pode ser considerado um deus caído, pois os Maiar são deuses de terceira ordem, e se assemelha a Lúcifer enquanto um tentador. (BYRD, 2016, p. 7)

Melkor, apesar de ser o Ainu mais poderoso dentre os que passaram a viver em Arda (TOLKIEN, 2011, p. 16), reunindo todos os poderes e conhecimentos dos Valar (TOLKIEN, 2011, p. 23), não é considerado um Vala, pois se voltou contra os desígnios do Ser Superior. Envergonhado pela repreensão de Ilúvatar e desejoso de ser considerado um Criador, dedicou-se a destruir tudo o que era construído em Arda e aos Filhos de Ilúvatar. Seu nome deixou de ser pronunciado na Terra (TOLKIEN, 2011, p. 16), os noldor o denominaram Morgoth, o Sinistro Inimigo do Mundo (TOLKIEN, 2011, p. 23) e é por esse nome que ele é chamado por todos. No início, desejava a Luz, mas, quando percebeu que não poderia possuí-la, desceu às Trevas. Junto aos Maiar que corrompeu, durante muitos anos, dominou a maior parte da Terra (TOLKIEN, 2011, p. 23)

Sendo o Senhor da Escuridão (LÓPEZ, 2004, p. 183), Melkor é capaz de lançar sombras sobre qualquer situação e aproveita-se delas para se esconder de Manwë e seus servos, tornando-as impenetráveis (TOLKIEN, 2011, p. 33). Também as lançou sobre o dom concedido por Ilúvatar aos homens, a morte, transformando-

¹⁶ Fortaleza erguida por Melkor e comandada por Sauron nas proximidades do litoral noroeste da Terra-média para resistir a um possível ataque dos Valar quando estes construíram sua morada no oeste (TOLKIEN, 2011, p. 46)

a em algo maléfico e temeroso (TOLKIEN, 2011, p. 36-37) Isso significa que ele pode lançar sombras real ou metaforicamente.

Como os Valar estavam longe, foi Melkor que percebeu primeiro o despertar dos Primogênitos e enviou seus servos para espioná-los e emboscá-los. Os elfos feitos prisioneiros foram escravizados em Utumno¹⁷ e corrompidos, gerando os orcs, que Melkor não poderia conceber sozinho, já que não podia criar nada que tivesse vida própria ou aparentasse tê-la desde que se rebelara contra os desígnios de Ilúvatar. (TOLKIEN, 2011, p. 48-49) Mas todo esse mal tinha um preço: o poder empregado na corrupção era transmitido para as criaturas, de forma que, aos poucos, Melkor foi enfraquecendo e relutava em sair de sua fortaleza, mantendo-se escondido. (TOLKIEN, 2011, p. 120)

Descobrindo que os elfos haviam despertado, os Valar enfrentaram Melkor e o derrotaram. Ele foi acorrentado e preso em Mandos (TOLKIEN, 2011, p. 51) Cumprida a sentença, o deus caído foi levado para um novo julgamento e pode ver a glória e a bem-aventurança em que todos ali viviam. Isso o fez ser consumido pela inveja novamente e, ao ver os elfos e suas subcriações, odiá-los e cobiçá-las, principalmente as Silmarils, desejando vingar-se de todos. (TOLKIEN, 2011, p. 70-71)

Sendo um Ainu caído, Melkor pode ser comparado, dentro da mitologia bíblica, a Lúcifer enquanto um “rebelde cujas mentiras causaram a queda”¹⁸ (BYRD, 2016, p. 7 – tradução nossa). As semelhanças começam pela mudança de nome: assim como Melkor passa a ser chamado Morgoth, Lúcifer vem a ser Satanás. Segundo uma antiga interpretação de Ezequiel 28, 11-19, Satanás, assim como Melkor, era o anjo maior e mais poderoso de todos. Apesar de que o interlocutor nessa passagem seja o Rei de Tiro, entendia-se que ele representava, na verdade, um ser sobrenatural (BYRD, 2016, p. 3) Esse trecho fala de um ser perfeito, sábio e belo, que “morava no paraíso, no jardim de Deus” e havia sido criado para ser um protetor, mas foi encontrada maldade nele, que se encheu de violência e pecados e teve sua sabedoria corrompida, sendo expulso da montanha de Deus e usado como exemplo para os demais. Podem ser encontradas semelhanças com a existência inicial de Melkor, enquanto ainda era um Ainu e vivia junto a Ilúvatar, antes de ser tomado pela inveja e pelo ciúme, e com seu destino, apesar de que ele não foi

¹⁷ Fortaleza construída e habitada por Melkor ao norte de Terra-média. (TOLKIEN, 2011, p. 445)

¹⁸ “rebel whose lies caused the Fall” (BYRD, 2016, p. 7)

expulso da Habitação de Ilúvatar, mas sim de Arda. Mas essa passagem também remete – e até mais fortemente – a outro trecho da mitologia tolkieniana: a expulsão de Fëanor de Valinor.

Outra semelhança entre Melkor e Satanás é a forma como foram presos. Em Apocalipse 20, 1-3, é dito que Satanás foi agarrado e acorrentado por um anjo que caiu do céu e o prendeu por mil anos em um abismo, de onde ele seria libertado ao fim desse período por um curto espaço de tempo. Apesar de algumas diferenças nessa narrativa, como veremos mais adiante, Melkor foi acorrentado por Tulkas e trancado em Mandos, de onde foi libertado após algum tempo para, depois, voltar a ser preso, dessa vez no Eterno Vazio.

Em Isaías 14, 12-20, é dito que um ser tinha a intenção de subir aos céus, lá habitar, sentado em uma alta montanha ao norte, e equiparar-se a Deus. Mas ele acabou sendo “esmagado para dentro da terra” e “descerá para o Hades” por haver destruído a terra e matado o povo, desolando o mundo inteiro e derrubando cidades. Esse ser a quem esse trecho se refere, segundo Byrd (2016, p. 3), é Lúcifer. Assim como ele, Melkor também tinha o desejo de equiparar-se a Ilúvatar, o Ser Superior da mitologia a qual faz parte. Para isso, foi viver dentro da terra, mergulhado nas Trevas no interior de uma alta montanha ao norte da Terra-média, em Utumno, e desolou Arda, destruindo cada construção dos Valar e atacando os povos que lá viviam com seus exércitos. E também sofreu as consequências de seus atos: foi expulso do mundo e jogado no Vazio como punição.

4.2 O “Quenta Silmarillion” e a *Bíblia*

Até aqui, nos ocupamos das duas primeiras seções de *O Silmarillion*, que tratam sobre a cosmogonia de Arda e sobre os deuses e inimigos desse mundo. Agora, nos voltaremos aos contos da terceira seção, “Quenta Silmarillion”. Num primeiro momento, apresentaremos os paralelos bíblicos encontrados nessas narrativas e, em seguida, serão abordados paralelos com outras mitologias.

No primeiro dos contos, “Do início dos tempos” (TOLKIEN, 2011, p. 27-37), conforme Byrd (2016, p. 10) Tolkien combina duas passagens bíblicas para narrar como Arda foi construída: “o conto da inocência e perfeição edênica (Gênesis 2,4-

25) e o da felicidade das nações nos mil anos que Satanás está amarrado no poço sem fundo (Apocalipse 20,1-3)”¹⁹ (tradução nossa).

No conto tolkieniano, é dito que, antes mesmo da criação de Arda estar pronta, a Primeira Guerra já estava em curso e Melkor levava vantagem até que um forte Ainu, Tulkas, chegasse para auxiliar os Valar. O deus caído fugiu e a paz reinou por um longo período, no qual o mundo pode ser posto em ordem para esperar a chegada dos Filhos de Ilúvatar. Mas Melkor contava com espiões dentre os Maiar e ficou sabendo de tudo o que fora construído. Invejoso, aproveitou-se de que os Valar descansavam e festejavam a finalização do trabalho para retornar sem ser percebido e instalou-se ao norte da Terra-média, de onde começou a espalhar uma sombra que atingiu todo o território e destruiu o trabalho dos deuses. Com isso, os Valar perceberam que Melkor havia retornado e começaram a procura por ele, que se apresentou para a guerra antes que os deuses estivessem preparados e destruiu as Duas Lamparinas que então iluminavam a Terra-média, mergulhando-a na escuridão total e fugindo para Utumno, sua fortaleza no norte. Assim acabou a Primavera de Arda e, sem ter onde habitar na Terra-média, os Valar partiram para a Terra de Aman. Lá, construíram Valinor, onde, com o canto de Yavanna, surgiram as Duas Árvores, o que marcou o início da Contagem do Tempo. Enquanto isso, a Terra-média sofria sob o domínio de Melkor e o momento do despertar dos Filhos de Ilúvatar se aproximava. (TOLKIEN, 2011, 27-32)

Após essas explicações, é dito que os Valar são mais como antepassados do que senhores dos Filhos de Ilúvatar. Desses, os Primogênitos eram mais parecidos com eles, enquanto aos Sucessores foram concedidos alguns dons diferentes. Estes, os homens, buscavam sempre algo que estava fora de Arda, não encontrando descanso lá, e podiam moldar suas vidas apesar do que havia sido definido na Música dos Ainur – o dom da liberdade, que incluía viver apenas um curto período e não ser presos ao mundo como os elfos –, sendo por meio desses Filhos que tudo se completaria e o mundo seria concluído. Mas Ilúvatar sabia que esses dons não seriam usados em harmonia. (TOLKIEN, 2011, 35-36)

Na primeira passagem bíblica apontada por Byrd (2016, p. 10), que chamaremos de conto da inocência e perfeição edênica, é dito que, quando a criação dos céus e da terra foi finalizada, ainda não havia plantas, chuva ou homem

¹⁹ “the account of Edenic innocence and perfection (Genesis 2:4-25) and the bliss of the nations in the thousand years while Satan is bound in the bottomless pit (Revelation 20:1-3)” (BYRD, 2016, p. 10)

que cultivasse a terra. A próxima criação de Deus foi, então, o homem – feito a partir da argila do solo –, seguido de um jardim em Éden, onde fez crescer árvores que o embelezavam e forneciam alimentos, a árvore da vida, a árvore do conhecimento do bem e do mal e um rio que se dividia em quatro outros. Lá, o homem passou a habitar para cultivar e proteger o jardim, podendo se alimentar dos frutos, com exceção dos que provinham da árvore do conhecimento do bem e do mal, sob a pena de morrer se o fizesse. Considerando que não seria bom deixar o homem sozinho, Deus decidiu dar-lhe um auxiliar que lhe fosse semelhante e criou as feras e as aves também a partir do solo, deixando que o homem designasse os nomes de cada uma das espécies. Mas nenhum desses auxiliares era realmente semelhante ao homem e Deus acabou por criar uma mulher a partir da costela desse homem. Ambos permaneceram nus no jardim, mas não sentiram vergonha. Essa perfeição termina com a intervenção da serpente, que incita a mulher a comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A mulher compartilha o fruto com o homem e, quando Deus descobre o que eles fizeram, pune os dois e a serpente pela transgressão e coloca seus querubins e uma espada flamejante para impedir o acesso ao jardim. (Gênesis 2,4b-3,24)

Analisando os contos tolkienianos, notamos a existência de dois lugares que possuem equivalência ao jardim criado em Éden. O primeiro é a Terra-média e, quando esta é profanada, o segundo é criado: Valinor. Ambos foram organizados em uma ordem distinta da utilizada no conto bíblico. Plantas e animais foram criados primeiros, pois suas criações estavam incluídas no trabalho desses deuses, enquanto os Filhos de Ilúvatar, que equivalem ao homem e a mulher do relato bíblico por serem os responsáveis por trabalhar a terra, eram incumbência do Ser Superior. Melkor cumpre a função da serpente ao causar a saída dos Valar da Terra-média:

[...] Melkor [...] deu o primeiro golpe antes que os Valar estivessem preparados; atacou as luzes de Illuin e Ormal, arrasou suas colunas e quebrou suas lamparinas. Quando as enormes colunas desmoronaram, terras fenderam-se e mares elevaram-se em turbulência. E, quando as lamparinas foram derrubadas, labaredas destruidoras se derramaram pela Terra. E a forma de Arda, além da simetria de suas águas e de suas terras, foi desfigurada naquele momento, de modo tal que os primeiros projetos dos Valar nunca mais foram restaurados.

[...]

Assim terminou a Primavera de Arda. A morada dos Valar em Almaren foi totalmente destruída, e eles não tinham nenhum local de pouso na face da

Terra. Por esse motivo partiram da Terra-média e foram para a Terra de Aman [...] (TOLKIEN, 2011, p. 29-30)

Por sua vez, a partida dos Valar para Aman equivale à expulsão do homem e da mulher do Jardim do Éden. Porém, diferentemente dos deuses tolkienianos, que vão morar em um novo Paraíso e podiam voltar à Terra-média quando quisessem, Adão e Eva não recebem um novo lugar abençoado para habitar, nem podem retornar ao Jardim do Éden. Outra semelhança entre esses deuses tolkienianos e o homem e a mulher da mitologia bíblica é que eles são os antepassados dos povos bíblicos assim como os Valar funcionam como antepassados dos Filhos de Ilúvatar.

Na segunda passagem bíblica apontada por Byrd (2016, p. 10), a qual nos referiremos como conto da felicidade das nações, diz-se que um anjo caiu do céu levando consigo a chave do abismo e uma corrente, agarrou Satanás, acorrentou-o e jogou-o no abismo por mil anos para que não enganasse mais às nações. Após esse período, Satanás será libertado por pouco tempo. (Apocalipse 20, 1-3)

Pode-se dizer que há uma versão tolkieniana dessa passagem em *O Silmarillion*, mas apenas a descida do anjo é relatada nesse conto. Este anjo é representado por Tulkas (BYRD, 2016, p. 10), que, vindo de onde habitam Ilúvatar e os Ainur, provoca a fuga temporária de Melkor no primeiro enfrentamento entre os deuses:

[...] no meio da guerra, ao ouvir no distante firmamento que havia batalha no Pequeno Reino, um espírito de enorme força e resistência veio em auxílio dos Valar; e Arda se encheu com o som de seu riso. Assim veio Tulkas, o Forte, cuja ira circula como um vento poderoso, afastando a nuvem e a escuridão à sua frente. E Melkor fugiu de sua fúria e de suas risadas, abandonando Arda, e a paz reinou por uma longa era. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 27)

O restante do relato será apresentado no conto “Da chegada dos elfos e do cativeiro de Melkor” (TOLKIEN, 2011, p. 45-55), onde se contará, dentre outras coisas, sobre o segundo enfrentamento entre os deuses.

Outras semelhanças com a narrativa bíblica que podemos notar nesse conto é que, assim como Deus descansou ao terminar seu trabalho (Gn 2, 2-3), os Valar também o fizeram:

[...] enquanto os Valar repousavam da sua labuta e observavam o crescimento e o desabrochar daquilo que haviam inventado e iniciado, Manwë ofereceu uma grande festa; e os Valar e toda a sua gente

atenderam ao convite. No entanto, Aulë e Tulkas estavam exaustos; pois a habilidade de Aulë e a força de Tulkas haviam estado ininterruptamente a serviço de todos, nos dias de sua faina. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 28)

Além disso, as estrelas, em ambos os mitos, foram criadas no princípio dos tempos, mas, diferentemente do relato bíblico, na mitologia tolkieniana, o sol e a lua são criados em um momento posterior. O que ilumina a Terra-média até sua profanação, além das estrelas de Varda, são as Duas Lamparinas dos Valar, cuja luz “se derramou por toda a Terra, iluminando tudo como se fosse sempre dia” (TOLKIEN, 2011, p. 28). Já Valinor é iluminada pela luz que emana de suas Duas Árvores:

Uma tinha folhas verde-escuras, que na parte de baixo eram como prata brilhante; e de cada uma de suas inúmeras flores caía sem cessar um orvalho de luz prateada; [...] A outra apresentava folhas de um verde viçoso, como o da faia recém-aberta, orladas de um dourado cintilante. As flores balançavam nos galhos em cachos de um amarelo flamejante, cada um na forma de uma cornucópia brilhante, derramando no chão uma chuva dourada. E da flor daquela árvore emanavam calor e uma luz esplêndida. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 31)

Como, “[e]m sete horas, a glória de cada árvore atingia a plenitude e voltava novamente ao nada; e cada uma despertava novamente para a vida uma hora antes de a outra deixar de brilhar” (TOLKIEN, 2011, p. 32), percebe-se que também em Valinor tudo ficava iluminado como se fosse sempre dia. Assim, ambos os casos diferem do que ocorre no mundo criado por Deus no mito bíblico, onde existiam “luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite” (Gênesis 1,14)

Mais diferenças também são encontradas. Apesar de os jardins de ambas as narrativas possuírem duas árvores, não há correspondência entre elas. A função das árvores bíblicas é proporcionar a imortalidade e o conhecimento (Gênesis 3,22) enquanto as tolkienianas iluminam Valinor. Outra distinção é a interpretação do que é a morte em cada mito. Enquanto Deus usa a morte como uma punição para o homem se ele comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2,17), Ilúvatar concede a morte aos homens como um dom. Morrendo, eles poderiam deixar o mundo e descansar dele, o que era negado aos elfos.

A este conto segue-se “De Aulë e Yavanna” (TOLKIEN, 2011, p. 39-44), onde se relata como Aulë não conseguiu aguardar que os desígnios de Ilúvatar se cumprissem e subcriou os anões sob as montanhas da Terra-média, escondido dos Valar e do Ser Superior. Este, ao sabê-lo, questionou o Vala sobre seus motivos e perdoou-o por ter sido humilde em sua resposta. Mas não permitindo que os anões

ganhassem vida antes daqueles que ele havia definido como os Primogênitos. As criaturas de Aulë, então, foram adormecidas no lugar onde haviam sido criadas. Yavanna, ao saber da existência dos anões, preocupou-se porque eles não sentiriam amor pelas coisas que fizera e acabariam as destruindo. Aulë lhe responde que o mesmo valeria para os Filhos de Ilúvatar, mas que nem anões, elfos ou homens tratariam o que os Valar fizeram sem respeito ou gratidão, pois esse era o desígnio do Ser Superior. Porém, a Vala ponderou que Melkor poderia corrompê-los e, temendo isso, foi conversar com Manwë, que consultou Ilúvatar em pensamento e pode tranquilizá-la, respondendo que haveria seres na Terra-média responsáveis por proteger o que ela havia feito, os Pastores das Árvores. (TOLKIEN, 2011, p. 39-43)

De acordo com Byrd (2016, p. 11), a criação dos anões por Aulë não remete a nenhuma passagem bíblica, porém, o fato de ser Ilúvatar o único que pode dar vida própria a eles mostra que “Tolkien foi consistente com as Escrituras, nas quais apenas Deus pode soprar em um corpo o sopro de vida”²⁰ (tradução nossa, em uma referência a Gênesis 2,7). No texto original hebraico, nessa passagem citada pelo autor, é utilizado o verbo *bara*, cujo sujeito pode ser apenas Deus quando significa criação (STRONG, 2002, p. 163), indicando que este é um ato especificamente divino. De certo modo, pode-se dizer que o mesmo ocorre na mitologia tolkieniana, já que Aulë, o pai dos anões, é um deus de segunda ordem. Porém, para Tolkien – quem crê, como já dissemos, que apenas o Ser Superior é o Criador original e o que os demais apenas imitam o gesto divino em suas construções –, o que o Vala faz é subcriar. Assim, os anões não poderiam ganhar vida a partir de Aulë, pois isso estava fora de sua competência enquanto um subcriador, e entra em cena Ilúvatar e sua piedade para com sua criatura, dando vida própria aos Filhos de Aulë.

Mas essa vida não poderia ser aproveitada antes que os Primogênitos de Ilúvatar despertassem: “não tolerarei [...] que esses seres cheguem antes dos Primogênitos de meus desígnios, nem que tua impaciência seja premiada.”, disse Ilúvatar ao Vala (TOLKIEN, 2011, p. 40) Assim, tal qual Deus age com Ismael e Isaac, o Ser Superior da mitologia tolkieniana age com os anões de Aulë. (BYRD, 2016, p. 11-12) Conforme a mitologia bíblica, Ismael é filho de Abrão, mas não de sua esposa Sarai. Como não conseguia engravidar, ela propôs ao marido que

²⁰ “Tolkien was consistent with Scripture, in which only God can breathe into a body the breath of life (Genesis 2:7)” (BYRD, 2016, p. 11)

tentasse ter um filho com Agar, que engravidou e deu o primeiro filho a ele. Alguns anos depois, Deus falou a Abrão propondo uma aliança que o tornaria pai de muitas nações, trocou seu nome para Abraão e o de Sarai para Sara e concedeu a ela a primeira gravidez, da qual nasceu Isaac, o primogênito das nações. A pedido de Abraão, Deus abençoou também Ismael, mas seus descendentes não fazem parte da aliança, apenas os descendentes de Isaac. (Gênesis 16,1-17,27)

Tal como Abrão e Sarai foram impacientes no desejo de ter um filho, optando por um meio em desconformidade com os desígnios de Deus, Aulë agiu na subcriação dos anões. Ismael não podia receber os benefícios da aliança por ter sido concebido de uma forma desaprovada, mas, ainda assim, foi abençoado. O mesmo ocorreu com os anões, que não puderam aproveitar sua vida desde o princípio por terem sido feitos sem a permissão de Ilúvatar, pois isso representaria usurpar o lugar dos elfos como os primeiros seres nativos de Arda, mas foram adotados por ele e permaneceram adormecidos, despertando após os Primogênitos.

Enquanto os Valar viviam na iluminada Aman, a Terra-média jazia sob a sombra de Melkor, que trabalhava para aumentar seu poder. Apenas Oromë e Yavanna retornavam àquela região e levavam notícias que deixavam a todos preocupados. Com a aproximação do momento do despertar dos Primogênitos, a Vala falou aos outros deuses, instigando-os a lutar contra Melkor para que os elfos não fossem dominados por ele, mas Mandos previu que o despertar deveria ocorrer ainda sob as trevas, tendo apenas as estrelas de Varda a iluminar sua morada. Assim ocorreu e Oromë os encontrou durante uma de suas caçadas. A princípio, os elfos se assustaram, pois, até então, as únicas criaturas a se aproximar deles haviam sido os servos de Melkor. Mas logo eles perceberam que aquele ser não provinha das trevas, pois era iluminado. (TOLKIEN, 2011, p. 45-49)

Nesse trecho, temos mais um exemplo da grandeza da subcriação tolkieniana. O *Silmarillion* reúne parte de uma mitologia destinada aos ingleses que Tolkien se propôs a criar por considerar que a existência de mitos na cultura de um povo era fundamental para uma sociedade. Aqui, descobrimos que os povos dessa mitologia possuíam, por sua vez, seus próprios mitos:

[...] as mais antigas canções dos elfos – cujos ecos ainda são relembrados no oeste – falam de formas sombrias, que perambulavam nas colinas que se erguiam a partir de Cuiviénen, ou que passavam de repente encobrindo as estrelas; ou ainda do Cavaleiro sinistro montado em seu cavalo

selvagem que perseguia os caminhantes para apanhá-los e devorá-los. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 48-49)

Assim, podemos perceber que, da mesma forma que Tolkien entendia que nós, seres reais, precisamos de mitos para encontrar respostas, ele também pensava que os seres da fantasia tinham essa necessidade. Como ocorre com os povos primitivos, os relatos élficos se transmitiam de forma oral. O que é apresentado neste conto é baseado nos momentos de terror causados aos elfos por Melkor que, no intento de destruí-los, fazia também o possível para afastá-los dos Valar. Por isso, o cavaleiro imitava a forma que Oromë assumia durante suas caçadas na Terra-média. E uma interpretação possível é que as formas sombrias perambulando pelas colinas sejam os servos de Melkor que sequestravam elfos para transformá-los em orcs. A sombra que encobria as estrelas certamente era algo enviado por ele, mas também se pode interpretar que, em algum momento, fosse o próprio Melkor, já que, em pelo menos outras duas vezes, ele assume a forma de nuvem.

Após retornar rapidamente a Valinor para informar aos outros Valar sobre a descoberta, Oromë passou a viver com os elfos na Terra-média. Manwë consultou Ilúvatar sobre o que fazer para proteger os Primogênitos e reuniu-se aos outros para informar-lhes que o Ser Superior havia dito para “reconquistar o domínio de Arda, a qualquer custo, e libertar os quendi²¹ da ameaça de Melkor.” Isso resultou em batalhas que causaram grandes mudanças na geografia de Arda e culminaram na destruição de Utumno e na prisão de Melkor. (TOLKIEN, 2011, p. 50-51)

Nesse segundo enfrentamento entre os deuses, apresenta-se o final da versão tolkieniana do conto da felicidade das nações:

Finalmente, porém, os portões de Utumno foram arrombados, e seus salões, destelhados; e Melkor foi refugiar-se no canto mais profundo. Tulkas apresentou-se então para defender os Valar. Lutou com ele e o imobilizou com o rosto no chão. E Melkor foi acorrentado com Angainor, a corrente que Aulë havia feito, e levado prisioneiro; e o mundo teve paz por uma longa era. (TOLKIEN, 2011, p. 51)

Para livrar a Terra-média de Melkor, Tulkas, como o anjo bíblico, agarra o Inimigo e acorrenta-o para levá-lo a Valinor. A partir deste ponto, a narrativa é quase igual à bíblica: Melkor fica preso em Mandos por um período em que os elfos – que

²¹ Nome dado aos elfos por eles mesmos. Significa “aqueles que falam com vozes” (TOLKIEN, 2011, p. 47-48)

equivalem às nações do relato bíblico – vivem em bem-aventurança, mas o tempo de sua condenação se esgotará, ele será libertado e prejudicará os Primogênitos. A diferença se dá em que, em Apocalipse 20, 1-3, é dito que a liberdade de Satanás se dará por pouco tempo. Já a liberdade de Melkor dura várias eras²². Assim como no relato bíblico, Tolkien passa a mensagem de que a felicidade dos povos só pode existir quando os maus estiverem fora do mundo.

Melkor foi condenado a permanecer trancado em Mandos por três eras e os elfos foram convocados para viver em Valinor, o que resultará em muitas desgraças. Em princípio, eles não deram ouvidos à convocação, pois haviam visto os Valar apenas na guerra e os temiam, confiando apenas em Oromë. Três representantes dos quendi foram levados a Valinor para conhecer o Reino Abençoado e retornaram impressionados. Mas não conseguiram convencer todos a obedecer à convocação. Assim, os elfos se separaram: três grupos seguiram para Valinor – noldor, vanyar e teleri – e o restante permaneceu na Terra-média.

Com essa separação dos elfos, ocorre algo semelhante ao que acontece na passagem bíblica sobre a Torre de Babel. Em Gênesis 11,1-9, é dito que todos os povos falavam a mesma língua e que, ao chegarem à planície de Senaar, os homens decidiram ali permanecer, construindo uma torre que chegasse até o céu, de modo a não se dispersarem. Mas Deus decidiu confundir a língua deles para que não se entendessem e os espalhou pela terra. Também por um ato divino – a convocação dos Valar para habitarem em Valinor – os elfos se espalham em Arda e isso acarreta em mudanças na forma como se comunicam. Suas línguas diferirão, principalmente, entre os que permanecem na Terra-média e os que obedecem ao chamado dos deuses. Cabe salientar que, diferentemente do que ocorre no relato bíblico, no conto tolkieniano, não há indícios de que seja da vontade divina que os elfos não se entendam. As mudanças que ocorrem em suas línguas são um processo natural.

Do mais numeroso dos grupos que seguiam para Valinor, os teleri, nem todos estavam realmente decididos a deixar seu primeiro lar. Assim, sua marcha foi longa e lenta, alguns foram ficando pelas florestas, outros se perderam ou, ainda, permaneceram na costa da Terra-média. O percurso levou muitos anos para ser

²² A mitologia tolkieniana se passa ao longo de três Eras, Primeira, Segunda e Terceira. A partir deste trecho, entendemos que, em um primeiro momento, o tempo era contado em eras dentro das Eras. Assim, Melkor fica preso em mandos durante três eras durante a Primeira Era.

finalizado, pois, cada vez que Oromë se afastava, os elfos paravam e esperavam seu retorno para guiá-los. Além disso, a travessia foi interrompida quando chegaram às costas do Grande Mar do Oeste, onde alguns elfos, amedrontados por ele, se afastaram e se embrenharam nas matas e montes de Beleriand, e Oromë foi a Valinor se aconselhar com Manwë. Neste momento, apenas os noldor e os vanyar haviam chegado, os teleri estavam em outra parte de Beleriand. (TOLKIEN, 2011, p.51-55)

A travessia dos Primogênitos da Terra-média para Valinor pode ser comparada à parte do livro bíblico *Êxodo*, no qual Deus envia Moisés ao Egito para libertar os israelitas do Faraó e levá-los para Canaã, a terra prometida a Abraão. Ao fim da narrativa de *Êxodo*, os israelitas ainda não haviam chegado ao seu destino e estão habitando aos pés da montanha de Deus, o monte Sinai. Da mesma forma, ao fim de “Da chegada dos elfos e do cativeiro de Melkor” (TOLKIEN, 2011, p. 45-55), os Primogênitos ainda não terão chegado a Valinor e ainda demorarão a atravessar o Grande Mar do Oeste. Ao utilizar este mitema, Tolkien realiza alterações na ordem das relações que o compõe.

Segundo a narrativa de *Êxodo*, o Faraó subiu ao trono do Egito e escravizou o povo de Israel, pois não queria que este fosse maior que o seu. (*Êxodo* 1,8-2,11) Deus viu a situação na qual viviam os israelitas e decidiu intervir. Para isso, enviou Moisés ao Egito para libertá-los e levá-los “para uma terra fértil e espaçosa”. (*Êxodo* 2,23-3,10) Deus falou também a Aarão, irmão de Moisés, para encontrá-lo no deserto. Moisés contou ao irmão qual era sua missão e, juntos, eles reuniram os anciãos do povo de Israel, que acreditaram no que lhes falavam. (*Êxodo* 4,27-31) Após tentativas de libertação pacíficas infrutíferas (*Êxodo* 5,1-5; 6,27; 7,6-13), Deus interviu enviando dez pragas, assim conseguindo que o Faraó não só libertasse os israelitas como também os expulsasse de seu país (*Êxodo* 7,14-12,36)

O trajeto foi feito pelo caminho mais longo e, guiados por Deus por meio de Moisés, os israelitas atravessaram o deserto até o mar Vermelho. Deus ordenou que acampassem junto ao mar para que o Faraó, que havia se arrependido do que fizera, pensasse que erravam pelo país. Quando o exército do Egito os alcançou, Deus instruiu Moisés sobre como abrir o mar para que os israelitas pudessem atravessar. Os egípcios haviam conseguido persegui-los até o meio do mar quando Deus instruiu Moisés sobre como fazer as águas se unirem novamente e os inimigos morreram afogados. (*Êxodo* 13,17-14,31) No percurso pelo deserto a partir do mar

Vermelho, os israelitas iam mostrando-se, aos poucos, arrependidos de deixar o Egito. A isso, Deus respondeu concedendo-lhes graças. (Êxodo 15,24-17,7)

Ao chegarem à montanha de Deus, os israelitas procuravam por Moisés para que ele resolvesse seus problemas. Ele dividiu o povo em grupos, instituindo líderes para cada um deles. Estes resolveriam os problemas menores, levando a ele apenas o que fosse realmente necessário. (Êxodo 18,13-27) A narrativa bíblica segue falando sobre a vida dos israelitas ao pé da montanha, onde eles permanecerão até que Deus ordene que prossigam a jornada, e sobre comandos que Deus passa a Moisés, mas a interromperemos aqui onde acabam as semelhanças com o texto de Tolkien. Deste modo, retiramos o seguinte feixe de relações do mito do Êxodo: (a) um povo é atormentado por um tirano; (b) Deus envia emissários para auxiliar o povo; (c) o tirano é derrotado; (d) os emissários de Deus conduzem o povo para um lugar melhor; (e) o tirano faz uma nova investida; (f) o tirano é derrotado definitivamente; (g) o povo arrepende-se da viagem; (h) o povo interrompe momentaneamente sua jornada; e (i) o povo começa uma vida em sociedade.

Temos, no conto tolkieniano, os elfos como equivalentes aos israelitas. Eles surgem na Terra-média durante o domínio de Melkor, o tirano que os assombra e sequestra para escravizá-los e corrompê-los em Utumno, transformando-os em orcs. Isso compreende a primeira relação do feixe que compõe o mito do Êxodo - (a) -, mas esta não é a única semelhança entre os elfos e o povo de Israel. Outra se encontra na forma como eles são chamados. Assim como Ilúvatar denomina os elfos seus Primogênitos, “diz Javé: Israel é meu filho primogênito” (Êxodo 4,22).

Enquanto isso acontecia na Terra-média, em Valinor, os Valar discutiam o que fazer quanto ao despertar dos elfos. Então, Ilúvatar fala a Manwë e instrui os Valar a derrotar Melkor e libertar seus Primogênitos de sua sombra. Nessa versão de (b), temos, novamente, Ilúvatar como equivalente a Deus e Manwë a Moisés. Porém, no decorrer da narrativa não será sempre este o Vala a ocupar esta posição.

Melkor, como vimos, é o equivalente ao Faraó que atacava aos israelitas. Mas, diferentemente do personagem bíblico, ele sabia da existência dos deuses e os temia. E os deuses, por sua parte, também sabiam sua verdadeira natureza e que não haveria possibilidade de sucesso em nenhum tipo de negociação, pois o objetivo de Melkor era destruir toda a criação que não conseguisse corromper. Desse modo, quando os Valar foram em auxílio aos elfos, partiram direto ao ataque.

Nessa variante de (c), após muitas lutas, o Inimigo é derrotado e levado preso a Mandos. Assim, diferentemente do relato bíblico, ele não poderá perseguir os elfos durante sua travessia.

Na versão de (d), é encontrado o equivalente à conversa de Moisés, Aarão e os anciãos israelitas na visita que os representantes élficos fizeram a Valinor. Após ir até lá, Elwë, Ingwë e Finwë voltaram e asseguraram a seu povo que podiam crer no que lhes era dito. No livro bíblico, isso ocorre em (b).

Também na versão tolkieniana de (d), quem cumpre o papel de Moisés como condutor do povo é Oromë. O trajeto por onde ele os leva é longo e interrompido à beira da água que separava a Terra-média de Aman. Mas o Grande Mar do Oeste não é o equivalente ao mar Vermelho, mas sim à montanha de Deus, pois é aqui que a narrativa tolkieniana é interrompida à espera do sinal divino para prosseguir a jornada até a terra prometida: o retorno de Oromë de Valinor com o conselho que foi pedir a Manwë. Como, em “Êxodo”, quem diz a Moisés como proceder é Deus, podemos dizer que, nesse trecho do conto tolkieniano, Manwë equivale a Deus enquanto conselheiro do condutor dos povos.

Se, no relato bíblico, os israelitas começam a se arrepender de ter deixado o Egito após atravessar o mar Vermelho, no conto tolkieniano, o arrependimento chega apenas à parte dos elfos e mesmo antes de partir:

O grupo maior vinha no final, e eles são chamados de teleri, pois se demoraram no caminho e não estavam totalmente decididos a passar da penumbra para a luz de Valinor. [...]

[...]

Diz-se que, quando as hostes de eldalië partiram de Cuiviénen, Oromë cavalgou à frente montado em Nahar, seu cavalo branco de ferraduras de ouro; e, passando na direção norte pelas margens do Mar de Helcar, elas se voltaram para oeste. Diante delas, nuvens imensas pairavam ainda negras no Norte, acima das ruínas da guerra, e as estrelas naquela região estavam ocultas. Nessa hora, não poucos sentiram medo e se arrependeram, e deram meia-volta e foram esquecidos. (TOLKIEN, 2011, p. 53)

Como podemos ver, diferentemente do que ocorre no conto bíblico, na variante tolkieniana de (g), além de parte do povo sequer ter se convencido completamente a partir, há alguns elfos que chegam, de fato, a desistir da jornada durante o percurso e permanecem perdidos na Terra-média.

Em “Êxodo”, quando os israelitas chegam à montanha de Deus, sua sociedade é organizada e eles são divididos em grupos, ficando cada um sob a

responsabilidade de um líder. Com a diferença de que isso ocorre antes do início da jornada, no conto tolkieniano também ocorre tal definição. A sociedade élfica é assim organizada:

[...] O menor e primeiro [grupo] a iniciar viagem era liderado por Ingwë [...] Os vanyar eram seu povo. [...] Em seguida, vinham os noldor, um nome de sabedoria, o povo de Finwë. [...] O grupo maior vinha no final, e eles são chamados de teleri [...] Dois senhores tinham eles, pois eram muito numerosos: Elwë Singollo [...] e Olwë, seu irmão. (TOLKIEN, 2011, p. 52-53)

Isso representa uma inversão na ordem das relações do feixe, sendo (i) apresentada antes de (h). Outra diferença da versão tolkieniana do mito do Êxodo no que se refere ao feixe de relações é a supressão de (e) e (f). Mas, mesmo com as diferenças apresentadas, o mitema não é descaracterizado, pois elas não são significativas. Apesar delas e a partir das semelhanças encontradas, é possível afirmar que, na base deste conto há o mito do Êxodo.

O relato da travessia dos elfos é retomado em “De Eldamar e dos príncipes dos eldalië” (TOLKIEN, 2011, p. 59-65). Entre este conto e aquele em que a narrativa inicia, “Da chegada dos elfos e do cativo de Melkor”, há “De Thingol e Melian”, que relata como Elwë Singollo perdeu-se de seu povo ao entrar no bosque de Nan Elmoth e encontrar-se com Melian, ficando preso sob encantamento. Por não trazer nenhum paralelo bíblico, abordaremos essa narrativa apenas na seção seguinte.

A jornada dos elfos segue com Ulmo sendo enviado à costa da Terra-média para falar com os elfos e fazendo o medo que eles sentiam das águas transformar-se em desejo. Com a ajuda de seus servos, o Vala moveu uma ilha e utilizou-a para transportar os vanyar e os noldor até a costa de Aman, de onde seguiram até Valinor. Os teleri ouviram o chamado de Ulmo tarde demais e permaneceram na costa da Terra-média, sendo visitados por Ossë e Uinen. Quando o Vala retornou para buscá-los, nem todos o acompanharam: Círdan e seu povo ficaram na costa; já alguns parentes e amigos de Elwë permaneceram nos bosques de Beleriand procurando por ele e o encontraram quando o efeito do encantamento cessou. Mas, se os noldor e os vanyar habitaram Valinor desde o princípio, o mesmo não ocorreu com os teleri. O amor pelas águas é da natureza desse grupo e foi aumentado pelos poderes dos servos de Ulmo. Desse modo, eles pediram para permanecer na ilha,

que foi fixada próximo à Aman. Algum tempo depois, Ossë lhes ensinou a construir embarcações com as quais puderam navegar pela Baía de Casadelfos até o continente, onde construíram sua cidade, Alqualondë, e conviviam com seus parentes e amigos. (TOLKIEN, 2011, p. 59-65)

Os vanyar e os noldor viviam dentro das grandes muralhas que as montanhas Pelóri formavam. Os vanyar eram mais próximos de Manwë e Varda e habitavam Taniquetil e as planícies e bosques de Valinor. Os noldor eram amigos de Aulë e aprenderam a construir muitas coisas. Suas moradas ficavam em uma colina chamada Túna e, quando trabalhavam na casa de Finwë, escavando as montanhas, descobriram as pedras preciosas. Então, inventaram ferramentas para cortá-las, lapidá-las e esculpi-las e as davam de presente, pois ainda não tinham apego a elas. (TOLKIEN, 2011, p. 62-65)

Byrd (2016, p. 15) aponta uma semelhança entre o aprendizado dos elfos com os deuses e o que ocorre com os descendentes de Adão na mitologia bíblica. Para ele, os noldor são como Tubalcaim enquanto “fabricantes de gemas e joias de ouro”²³ (tradução nossa); os vanyar, como Jubal, poetas; e os teleri, como Jabel, nômades. Tubalcaim era “o antepassado de todos os que forjam ferramentas de bronze e ferro” (Gênesis 4,22), função cumprida pelos noldor na mitologia tolkieniana e aprendida por eles através de sua relação com Aulë, o ferreiro dos Valar. Jubal “foi o antepassado de todos os tocadores de lira e flauta”. (Gênesis 4, 21) A relação que Byrd vê entre esse personagem bíblico e os vanyar pode ser explicada pela proximidade que esse povo tinha com Manwë, o Vala ligado à música e à poesia. Jabel “foi o antepassado dos pastores nômades” (Gênesis 4, 20). Com a relação apontada pelo autor entre Jabel e os teleri, não concordamos, pois não vemos indícios em *O Silmarillion* de que este povo élfico fosse nômade. O *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004, p. 520), define a palavra nômade como “(indivíduo) de povos errantes, sem habitação fixa” e “(o) que vive mudando de lugar”. Outro dicionário, o *Minidicionário da língua portuguesa* (1977, p. 333), define-a como o que é dito “das tribos ou povos que estão sempre a deslocar-se em busca de alimentos, pastagens, etc.”, aquele “que leva vida errante” e “pessoa nômade”. Ou seja, uma característica intrínseca a um povo nômade é o não estabelecimento de residência. Os teleri,

²³ “makers of gems and golden jewelry” (BYRD, 2016, p. 15)

[...] [d]urante um longo período, eles permaneceram em Tol Eressëa; mas aos poucos seus corações foram mudando, sendo atraídos pela luz que se espalhava pelo mar até a Ilha Solitária. [...] submetendo-se ao desejo dos Valar, Ulmo enviou-lhes Ossë, seu amigo, e ele, embora triste, lhes ensinou a arte da fabricação de barcos. [...] e assim, finalmente, e por último, chegaram eles [os teleri] a Aman e às costas de Eldamar.

Ali ficaram. E, se quisessem, podiam ver a luz das Árvores e caminhar pelas ruas douradas de Valmar e pelas escadas de cristal de Tirion sobre Túna, a colina verde; mas principalmente velejavam em seus barcos velozes nas águas da Baía de Casadelfos, ou andavam junto às ondas na praia [...] Maravilhosas eram as praias de Elendë naquela época. E muitas pérolas eles ganharam por si mesmos do mar; e seus palácios eram de pérolas; e de pérolas eram as mansões de Olwë em Alqualondë, o Porto dos Cisnes, iluminado por muitas lamparinas. Pois aquela era sua cidade, e o porto de seus barcos; [...] (TOLKIEN, 2011, p. 64-65)

Considerando que, primeiro, os teleri fixam residência na ilha de Tol Eressëa, depois em Alqualondë e, de lá, não saem, o nomadismo não é uma característica desse povo. O fato de navegarem pela Baía de Casadelfos não nos parece suficiente para considerá-los nômades, assim como suas visitas aos parentes e amigos ou a peregrinação até Valinor. Se assim fosse, os vanyar e os noldor também deveriam ser considerados dessa forma. Quem apresenta esta característica são Fëanor e seus filhos, que “raramente moravam num único lugar por muito tempo, mas viajavam com liberdade, dentro dos limites de Valinor, chegando mesmo às fronteiras das Trevas e às margens frias do Mar de Fora, em busca do desconhecido.” (TOLKIEN, 2011, p. 65)

Com os três grupos de elfos já no oeste e Melkor preso em Mandos, houve um tempo de prosperidade em Arda, período em que os Primogênitos evoluíram em seus conhecimentos. Foi nessa época que nasceu Fëanor (TOLKIEN, 2011, p. 67), personagem central para o enredo dos contos do “Quenta Silmarillion” por ser o criador das Silmarils, o ápice da exploração da capacidade dos noldor. A grandeza do elfo pode ser explicada com uma fala de sua mãe, Míriel, logo após dar à luz a ele: “[n]unca mais terei filhos; pois as forças que teriam nutrido a vida de muitos foram todas para Fëanor.” (TOLKIEN, 2011, p. 68) O resultado disso foi que

[...] Fëanor crescia rapidamente, como se houvesse dentro dele um fogo secreto aceso. Era alto, belo de rosto e dominador; [...] Para atingir seus objetivos, era ávido e obstinado. Poucos chegaram a conseguir mudar sua atitude por meio de conselhos, ninguém pela força. De todos os noldor, daquela época ou de épocas posteriores, tornou-se ele o de raciocínio mais sutil e mãos mais habilidosas. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 68)

Essas características do elfo serão decisivas para que o destino de seu povo se concretize.

O período de cativeiro de Melkor acabou e, com ele, os dias de paz. Vendo os elfos felizes, as pedras preciosas e a bem-aventurança de todos, a raiva de Melkor cresceu e a cobiça pelas riquezas despertou. Decidido a se vingar de todos, fingiu arrependido e disposição para ajudá-los. Assim, conseguiu o perdão dos Valar e aproximar-se dos elfos, em especial dos noldor, que muito admiravam seu conhecimento oculto. (TOLKIEN, 2011, p. 70-71) Nessa mesma época, Fëanor começou a se perguntar como as luzes das Árvores poderiam permanecer imperecíveis, subcriou as Silmarils e, em seu interior, guardou a fusão das luzes das Árvores. Porém, apegou-se muito às pedras que, de todas as riquezas, se tornaram a que Melkor mais desejava. Para distrair os elfos e os Valar e apoderar-se das Silmarils, o deus caído espalhou enganações entre os noldor. Como o principal alvo era Fëanor, o detentor das pedras, mentiu que seu meio-irmão Fingolfin, com a permissão dos Valar, tramava contra ele para ocupar a liderança de seu povo. Já para Fingolfin e seu irmão Finarfin – filhos de Finwë com sua segunda esposa, Indris –, foi dito que Fëanor planejava expulsá-los de sua casa. Isso resultou em ameaças de Fëanor contra seus meios-irmãos, às quais os Valar responderam condenando-o a 12 anos de exílio fora de Tirion²⁴. Com ele, partiram seu pai e seus filhos e, juntos, construíram a fortaleza de Formenos ao norte de Valinor. Com o autoexílio de Finwë, Fingolfin assumiu o comando dos noldor e, de certa forma, as mentiras de Melkor se tornaram realidade. (TOLKIEN, 2011, p. 73-78) Apesar de o causador ter sido o próprio Fëanor, a seus olhos, poderia parecer que os responsáveis eram os Valar, que atuaram como juízes e o haviam condenado a retirar-se de sua casa. Assim, inicia-se o afastamento de Fëanor dos deuses.

Durante o julgamento de Fëanor, foi descoberto que Melkor estava por trás de tudo, mas, ao ser procurado, ele não foi encontrado, pois havia se transformado em nuvem. Aos habitantes de Valinor, pareceu que as luzes das Árvores estavam mais fracas. Melkor procurou por Fëanor em Formenos, mas o elfo percebeu a cobiça pelas Silmarils e o expulsou. Envergonhado, ele fugiu em direção ao norte de Aman e as luzes das Árvores voltaram a brilhar plenamente. (TOLKIEN, 2011, p. 78-80) Assim, vemos que o enfraquecimento do brilho das Árvores foi causado pela

²⁴ Nome da cidade dos elfos em Túna (TOLKIEN, 2011, p. 442)

permanência de Melkor na forma de nuvem e pode ser interpretado como representando o início do ocaso de Valinor.

Quando Manwë soube o rumo que Melkor havia tomado, acreditou que ele estava tentando retornar a suas fortalezas ao norte da Terra-média, mas o deus caído mudou a direção em que seguia sem ser percebido e se escondeu ao sul de Aman, onde encontrou Ungoliant, um ser sombrio em forma de aranha que tecia teias negras capazes de causar um breu total, e a convenceu com mentiras a ajudar na vingança. Ela teceu um manto de escuridão que permitiu a eles deslocarem-se sem que ninguém os percebesse. Isso passou enquanto os Valar ofereciam um tributo a Ilúvatar que ocorria sempre na primeira colheita dos frutos. A Fëanor foi ordenado comparecer à festividade, pois Manwë desejava restabelecer a paz de seu povo. Apesar de que apenas ele viera de Formenos, isso não prejudicou as intenções do Vala, pois, naquela noite, Fëanor e Fingolfin se reconciliaram e o filho de Indris prometeu que seguiria o meio-irmão, pois o reconhecia como o herdeiro da liderança dos noldor. No mesmo instante em que isso acontecia, Melkor e Ungoliant mataram as Árvores. Mesmo assim, a aranha não se sentiu saciada e atacou os Poços de Varda, esgotando-os e deixando Valinor sem nenhuma fonte de luz, a exceção das Silmarils. Apesar da escuridão, Manwë conseguiu reconhecer Melkor fugindo em direção ao norte da Terra-média, mas a treva proporcionada por Ungoliant confundiu os perseguidores e o Inimigo escapou. (TOLKIEN, 2011, p. 81-86)

Dois pontos chamam a atenção nesse trecho: o animal que Tolkien escolheu para representar Ungoliant e que, com a absorção de todo esse poder, ela tenha “inch[ado] tanto, e de forma horrenda, que Melkor sentiu medo”. (TOLKIEN, 2011, p. 85) É possível que o primeiro dos elementos acima se deva um fato da vida pessoal de Tolkien (CARPENTER, 2018, p. 25). Quando ainda vivia em Bloemfontein, na África do Sul, ele foi picado por uma aranha. Mas o próprio autor trata de afastar essa hipótese dizendo “não me lembro de nada sobre o fato e não saberia sobre ele se não tivessem me contado” (TOLKIEN, 2006, p. 209). Mesmo que haja tal relação e ela seja inconsciente, é possível que essa não seja a única justificativa e que a utilização tenha algum outro significado, visto que não é a única ocorrência de uma aranha gigante em obras de fantasia.²⁵

²⁵ Por exemplo, em *Harry Potter*, J. K. Rowling traz Aragogue. Inicialmente uma espécie de animal de estimação de Hagrid quando ainda era um aluno de Hogwarts, após a confundirem com o monstro

Já o segundo dos elementos chama a atenção no que diz respeito a Melkor sentir medo de Ungoliant. O deus caído é o mais poderoso dos inimigos da Primeira Era; a aranha, segundo a crença élfica, “descera da escuridão que cerca Arda” e, “no início ela fora um dos seres que ele [Melkor] corrompera para seu serviço”, mas “renegara seu Senhor” (TOLKIEN, 2011, p. 81-82) Ou seja, ela se origina da mesma fonte que os Ainur – e possivelmente era um deles –; em Arda, auxilia Melkor em seus planos, mas não é fiel a ele como outros seres que estão na Terra-média aguardando seu retorno para voltar a servi-lo e, então, o abandona. A natureza corrompida de Ungoliant a faz desejar devorar tudo, principalmente a luz, pois havia se tornado um ser de trevas, e, quanto mais ela consome, maior se torna. Com o enorme poder que há na luz das Árvores, ela se transforma em um ser tão horrendo que é capaz de assustar Melkor, a personificação da maldade na Primeira Era da mitologia tolkieniana. Com isso, Tolkien mostra que até mesmo o ser mais malvado teme que exista ou possa vir a existir algo ou alguém mais poderoso que ele, mesmo que se trate de alguém de *status* inferior ao seu e que está a seu serviço, e vacila frente a essa possibilidade.

Uma multidão lamentava a morte das Árvores no Círculo da Lei, quando Yavanna disse não poder dar-lhes nova luz, pois “[m]esmo para os mais poderosos súditos de Ilúvatar, existem obras que podem realizar uma e apenas uma vez” (TOLKIEN, 2011, p. 87), mas que, com um pouco da luz que restava nas Silmarils, seria possível devolver a vida às Árvores. Porém, Fëanor respondeu que as pedras eram também uma realização única e que, se as destruísse, morreria. Assim, negou-se a entregá-las. (TOLKIEN, 2011, p. 87-88) Aqui, vemos Fëanor afastar-se um pouco mais das divindades. Corrompido pelas palavras de Melkor, em um ato egoísta, não é capaz de se desfazer de um objeto por um bem maior: o bem-estar de toda a comunidade de Aman.

Na sequência desses acontecimentos, chegaram notícias de Formenos que davam conta do assassinato de Finwë e do roubo das pedras preciosas, incluindo as Silmarils, por Melkor. Tomado pela ira e pela dor, Fëanor amaldiçoou a Melkor – pela primeira vez chamando-o de Morgoth, o Sinistro Inimigo do Mundo – e à convocação

que ataca os nascidos trouxa (ROWLING, 2000, p. 210-211), a aranha passa a viver na Floresta Proibida e ajuda Harry e Rony a desvendarem o mistério em torno da Câmara Secreta. (ROWLING, 2000, p. 235-236)

de Manwë, pois acreditava que, se estivesse lá, poderia ter feito algo para evitar o que acontecera. (TOLKIEN, 2011, p. 88-89)

A morte das Árvores e o roubo das Silmarils ecoam uma passagem bíblica do Segundo Livro dos Reis (BYRD, 2016, p. 19), segundo a qual Nabuzardã, “chefe da guarda e oficial do rei da Babilônia”, põe fogo no Templo de Javé e, junto aos caldeus, rouba os objetos de valor que encontra. Além disso, ele prende as autoridades que lá estão e Nabucodonosor nomeia Godolias como novo governante. Este, porém, é assassinado, o que leva o povo a fugir de volta para o Egito por medo dos caldeus (2 Reis 25,8-26) O templo equivale às Árvores; os objetos de valor, às pedras preciosas dos noldor roubadas de Formenos; as autoridades presas, aos Valar impossibilitados de perseguir Melkor e Ungoliant devido à escuridão; o assassinato de Godolias, ao de Finwë que, junto a outros fatores, causara o retorno dos noldor à Terra-média que, como vimos anteriormente, equivale ao Egito.

Enquanto isso acontecia em Valinor, Melkor e Ungoliant se aproximavam de Angband e, percebendo que o deus caído se preparava para fugir, a aranha o fez parar e exigiu o cumprimento do que lhe prometera. (TOLKIEN, 2011, p. 90) Como dito anteriormente, ele a havia convencido a ajudá-lo com mentiras, não pretendendo, de fato, conceder o que desejasse. Porém, não contava que ela assumiria uma forma amedrontadora. Assim, por medo, acabou por cumprir em parte sua promessa. O que se percebe nesse trecho é que, apesar de temer a Ungoliant, Melkor sente-se vitorioso por haver provocado o ocaso de Valinor: “– O que mais queres devorar? – respondeu Morgoth. – Desejas o mundo inteiro para encher a barriga? Não jurei te dar isso. Eu sou o Senhor do mundo.” (TOLKIEN, 2011, p. 90) Para o Inimigo, os Valar estão derrotados e, agora, ele ocupa uma posição equivalente a de Ilúvatar.

À pergunta de Melkor, Ungoliant respondeu que desejava o tesouro retirado de Formenos, ao que ele atendeu relutantemente e apenas em parte, pois se negou a entregar-lhe as Silmarils. Isso despertou a ira da aranha, que o atacou. Com um grito terrível de Melkor, alguns de seus servos despertaram e o acudiram, fazendo Ungoliant fugir para Beleriand. Assim, as Silmarils permaneceram com Melkor, que reuniu seus servos, retornou a Angband e a reconstruiu. As pedras, ele engastou em uma coroa como símbolo de sua majestade. (TOLKIEN, 2011, p. 90-92)

Em Valinor, quando souberam da fuga de Melkor, os noldor voltaram para Tirion, onde, em seguida, chegou Fëanor, o que mostrava que se rebelava, pois sua sentença de exílio ainda estava em vigor. Ele convocou seu povo a comparecer ao palácio do Rei, onde assumiu o lugar de Finwë e discursou contra os Valar, instigando quem o ouvia a acompanhá-lo de volta à Terra-média para vingar-se de Morgoth. (TOLKIEN, 2011, p. 92-93) Na fala de Fëanor, notamos o eco das mentiras de Melkor que diziam que os elfos poderiam ter tido reinos próprios e prósperos no leste. Isso que gerou o boato de que os Valar levaram os elfos para Valinor por inveja de sua beleza e do poder que Ilúvatar lhes deu (TOLKIEN, 2011, p. 74-75):

- Ó povo dos noldor por que deveríamos continuar a servir aos invejosos Valar, que não conseguem proteger nem a nós nem a seu próprio reino, do Inimigo? [...] A vingança exige que eu parta; [...] Não sou, porém, o único valente neste povo destemido. E vocês todos não perderam seu Rei? E o que mais vocês não perderam, encurralados aqui numa terra estreita, entre as montanhas e o mar?
[...] Em Cuiviénen, as águas fluíam tranquilas à luz das estrelas límpidas, e havia terras extensas onde um povo livre podia caminhar. Lá elas ainda estão aguardando por nós, que em nossa loucura as abandonamos. Vamos embora! Que os covardes fiquem com esta cidade! (TOLKIEN, 2011, p. 93)

Nessa passagem, Fëanor compara Valinor à Terra-média. Quando questiona seus ouvintes sobre o que mais eles perderam ao obedecer à convocação dos Valar, fala dos reinos que, segundo Melkor, poderiam ter possuído. Referindo-se aos noldor como um povo livre em Cuiviénen, indica que eles não o são em Valinor, fazendo referência à outra mentira de Melkor, segundo a qual os Valar os mantinham cativos para que os homens dominassem a Terra-média. (TOLKIEN, 2011, p. 75)

Na sequência desse discurso, Fëanor e seus filhos fizeram o Juramento que condenou o destino de todos eles ao prometerem “perseguir até o fim do Mundo com vingança e ódio” quem quer que se apoderasse das Silmarils e, de alguma forma, impedisse que retomassem o poder sobre elas, “[p]ois um juramento desses, para o bem ou para o mal, não pode ser quebrado; e perseguirá quem o cumprir e quem o descumprir até o fim do mundo”. (TOLKIEN, 2011, p. 94) O primeiro a ser perseguido era Melkor:

[...] Não carreguem peso na viagem; mas tragam suas espadas! Pois iremos muito mais longe do que Oromë, e resistiremos mais do que Tulkas. Nunca desistiremos da perseguição. No encalço de Morgoth até os confins da Terra! Guerra terá ele, e um ódio eterno. Porém, quando tivermos vencido e reconquistado as Silmarils, nós, e somente nós, seremos os donos da Luz

impoluta, senhores da felicidade e da beleza de Arda. Nenhuma outra raça nos derrubará! (TOLKIEN, 2011, p. 94)

Aqui, podemos notar que Fëanor começa a apresentar semelhanças com Melkor ao demonstrar desejo por poder e dominação sobre outros povos. Novamente agindo de forma egoísta, pretende, ao reaver as Silmarils, guardar a Luz apenas para os noldor para, dessa forma, ser o Senhor Supremo de Arda.

Apesar de Fingolfin ser contra as palavras de Fëanor e Finarfin pregar que nenhuma decisão fosse tomada de forma precipitada, a multidão que havia se reunido apoiava o novo Rei nessa questão e os preparativos para a marcha foram feitos às pressas, pois Fëanor temia que a opinião de seus irmãos começasse a ganhar força ou os Valar tentassem impedi-los, o que não aconteceu. Manwë, de fato, enviou um mensageiro até eles, mas para dizer que não receberiam ajuda dos Valar nessa empreitada, nem seriam impedidos. Quanto à prevalência da opinião de Fingolfin e Finarfin, de certa forma, ela ocorreu, já que, embora dispostos a partir, nem todos os noldor aceitavam Fëanor como Rei; a preferência era por Fingolfin. O povo se dividiu em três grupos, dos quais dois deixaram Valinor: o de Fëanor na dianteira, seguido pelo do contrariado Fingolfin, que apenas partiu por insistência de seu filho Fingon e para não deixar seu povo à mercê das decisões intempestivas de Fëanor. Por motivos similares, Finarfin acompanhava o segundo grupo. Os noldor que partiram passaram a ser conhecidos como Exilados e seguiram em direção ao norte por dois motivos: Fëanor queria perseguir Morgoth e, naquela região, o Grande Mar era mais estreito, aproximando-se da Terra-média. (TOLKIEN, 2011, p. 94-97)

O instante em que partem nesse êxodo reverso é o momento da queda dos noldor. Segundo Byrd (2016, p. 19), há uma semelhança com a passagem bíblica sobre a queda de Adão e Eva.

[...] Tolkien mostra Morgoth [...] como o Tentador [...] e a base psicológica da tentação. Depois de estudar suas pretensas vítimas, Morgoth conclui que elas têm a mesma motivação principal que ele, um desejo de poder que se desenvolve a partir do desejo de possuir coisas.
[...] [A]ssim como Satanás concluiu que Eva [...] continuava dominada pelo desejo de “*ser como os deuses*” (Gn 3,4-5), Morgoth concluiu que os elfos estavam dominados pelo desejo de possuir e pelo medo de serem possuídos. [...] (BYRD, 2016, p. 19, grifos do autor, tradução nossa)²⁶

²⁶ [...] Tolkien shows Morgoth [...] as a Tempter [...] and the psychological basis of his temptation. After studying his intended victims, Morgoth guesses that they have the same core motivation that he has, a will to power that works itself out in lust to possess things.

Melkor atua como a serpente ao tentar os noldor com suas mentiras. Fëanor cumpre o papel de Eva ao acreditar no que Melkor diz, deixar-se levar por isso e não agir conforme os desígnios dos Valar. E o seu povo, como Adão, acaba pecando por acompanhar-lhe em seus atos. Assim como ocorre com os personagens bíblicos, ao final, os noldor são expulsos de Valinor, que “os Valar cercarão [...] para impedi-los de entrar” (TOLKIEN, 2011, p. 100). Esse cerco remete ao querubim que o deus bíblico coloca diante do jardim com o mesmo propósito.

Em sua decisão apressada, Fëanor não percebeu que uma multidão como a que o seguia não conseguiria chegar ao seu destino facilmente. Primeiro, havia a enorme distância até o norte de Aman para ser superada. Em seguida, para chegar de fato à Terra-média, seria necessário um grande número de barcos, muito tempo e alguém capacitado para construí-los. Fëanor, então, decidiu repetir seu discurso para os teleri, convocando-os a acompanhá-lo na jornada, assim, resolveria o problema e aumentaria a tristeza dos Valar. Porém, o povo de Alqualondë não aceitou deixar o lar, adotando um novo senhor, e tratou de convencê-lo a desistir, negando-se a emprestar seus barcos ou ajudar a construir novos. (TOLKIEN, 2011, p. 97-98) Aqui, Tolkien traça um paralelo entre Olwë, senhor dos teleri, e Fëanor dizendo que o “príncipe de Alqualondë [...] nunca dera ouvidos a Morgoth, nem o acolhera em sua terra; e ainda tinha confiança de que Ulmo e os outros poderosos entre os Valar compensariam os danos de Morgoth” (TOLKIEN, 2011, p. 98) Enquanto Fëanor aparece como um rebelde corrompido que se voltou contra os deuses por ter dado ouvidos ao Inimigo, Olwë mantém a fé nos Valar, permanece fiel a eles, sem nunca ter se aproximado das trevas.

A negativa dos teleri enraiveceu Fëanor, que os acusou de negarem ajuda em um momento de necessidade. Reunindo alguns noldor, ele invadiu os barcos e tomou seu controle, ao que o povo de Olwë reagiu. Uma grande luta era travada quando Fingon se aproximou com parte da hoste de Fingolfin. Sem saber o que de fato ocorria e vendo os noldor em desvantagem, os auxiliaram a derrotar os teleri. Após o Fratricídio de Alqualondë – como esse episódio ficou conhecido –, parte do povo de Fëanor seguiu a caminhada enquanto o restante conduziu os barcos até o

[...] [J]ust as Satan guessed that Eve [...] was still subject to the desire to “be as gods” (Gn 3:4-5), Morgoth guessed that the Elves were subject to the desire to possess, and the fear of being possessed. [...] (BYRD, 2016, p. 19, grifos do autor)

extremo norte, onde avistaram uma figura escura que acreditaram ser Mandos. “[U]ma voz alta, solene e terrível” (TOLKIEN, 2011, p. 100) proferiu a Condenação dos Noldor – aqui também chamada Profecia do Norte e, mais adiante, Maldição de Mandos (TOLKIEN, 2011, p. 172) –, que dizia que eles estariam impedidos de retornar a Valinor; que o Juramento os trairia, deixando-os sem as Silmarils e arruinando todas as suas empreitadas através da “traição de irmão por irmão, e pelo medo da traição” (TOLKIEN, 2011, p. 100); e que, por derramarem “o sangue de seus irmãos injustamente” (TOLKIEN, 2011, p. 100), o deles também seria derramado, os espíritos de seus mortos não encontrariam descanso e aqueles que sobrevivessem “definh[am], tornando-se como que espectros de remorso diante da raça mais jovem que virá” (TOLKIEN, 2011, p. 101). Intimidados por essas palavras e liderados por Finarfin, muitos retornaram e receberam o perdão dos Valar. O restante prosseguiu até a região coberta de gelo onde Aman e a Terra-média se aproximavam. Alguns noldor, principalmente os da hoste de Fingolfin, afetados pela Condenação, começaram a falar contra Fëanor que, em retaliação, partiu nos barcos inesperadamente com quem considerava fiel a ele e aportou na Terra-média, onde ordenou que as embarcações fossem queimadas. Ao verem a luz das chamas, os noldor abandonados perceberam a traição e um desejo de vingança levou Fingolfin a guiá-los na longa jornada pelo gelo até a Terra-média (TOLKIEN, 2011, p. 98-103)

No episódio do Fratricídio de Alqualondë ecoa o assassinato de Abel pelo irmão Caim (BYRD, 2016, p. 19). Na passagem bíblica, Deus prefere a oferta de Abel e, como Fëanor, Caim fica enfurecido. Isso o leva a atrair Abel para uma emboscada e matá-lo. Como punição, Deus condena Caim a não ter mais sucesso em seus cultivos e a vagar pelo mundo errante e perdido. Amaldiçoado, ele passa a viver em “Nod, a leste de Éden”. (Gênesis 4,16) Apesar de não haver uma emboscada no conto tolkieniano, ocorre o assassinato de irmãos por irmão, já que todos são Filhos de Ilúvatar. Isso leva os Valar a condenar os noldor e, apesar do arrependimento de alguns que retornam e são perdoados, a maioria segue amaldiçoada para a Terra-média, a leste de Valinor, o que significa uma semelhança geográfica entre as duas narrativas. Lá eles vagarão, se espalhando por largo território e não terão sucesso em suas empreitadas.

Outro paralelo bíblico que merece destaque está na forma como Fëanor e seu grupo chegar a Terra-média. Quando abordamos a jornada dos elfos em direção a

Valinor, a comparamos com o êxodo dos israelitas ao partirem do Egito. Em Deuteronômio 28,68, há uma passagem profética que diz que “Javé fará vocês [israelitas] voltarem de barco ao Egito”. Em seu êxodo reverso, Fëanor retorna de barco à Terra-média. (BYRD, 2016, p. 19)

Sabendo que os noldor haviam chegado à Terra-média, os Valar começaram a trabalhar para amenizar o mal feito por Melkor. Yavanna cantou para tentar curar as Árvores e já estava prestes a desistir quando “Telperion produziu, afinal, num galho sem folhas, uma enorme flor de prata; e Laurelin, um único fruto de ouro” (TOLKIEN, 2011, p. 116), que foram recolhidos e entregues a Aulë. O Vala e seu povo construíram “naves para contê-los e conservar seu brilho” (TOLKIEN, 2011, p. 116). Essas foram dispostas nos céus de Arda, percorrendo “trajetos definidos acima do cinturão da Terra, do oeste para o leste” (TOLKIEN, 2011, p. 116) e voltando, para, com sua iluminação, atrapaalhar as maldades de Melkor, ajudando os elfos e os homens, que estavam por chegar. Como já foi dito, as naves eram conduzidas por dois Maiar, Arien e Tilion. A Lua foi alçada aos céus primeiro e possibilitou o despertar de muitos seres que permaneciam no sono de Yavanna. Sete dias depois, o Sol ascendeu, despertando completamente a Terra-média e amedrontando Morgoth, que se escondeu em Angband com seus servos e criou nuvens negras para que seu esconderijo não pudesse ser descoberto. A intenção inicial era que as naves iluminassem sempre Arda e não viajassem juntas, de modo a contar os dias pela junção das luzes do Sol e da Lua. Porém, Tilion não conseguia manter a trajetória nem a velocidade e, atraído pelo esplendor do Sol, buscava sempre se aproximar dele. (TOLKIEN, 2011, 116-118) Além disso,

[...] em resposta às súplicas de Lórien e Estë, que diziam que o sono e o descanso haviam sido banidos da Terra e as estrelas estavam ocultas, Varda mudou de opinião e concedeu um período no qual o mundo ainda tivesse sombra e penumbra. Anar [Sol] descansaria algum tempo em Valinor, deitado no colo fresco e acolhedor do Mar de Fora; e o Entardecer, a hora da descida e do descanso do Sol, era a hora de maior luz e alegria em Aman. Logo, porém, o Sol era arrastado para baixo pelos servos de Ulmo e seguia apressado por baixo da Terra, chegando, assim, invisível, ao leste para ali voltar a subir no firmamento, a fim de que a noite não se prolongasse, e o mal não se espalhasse à luz da Lua. [...]
Varda ordenou que a Lua se movimentasse da mesma forma e que [...] nascesse no leste [...] somente depois que o Sol tivesse descido do céu. Tilion, no entanto, seguia com um ritmo instável, como ainda segue, e era sempre atraído por Arien, como sempre será. De tal modo que, com frequência, os dois podem ser vistos acima da Terra, juntos; ou pode acontecer que Tilion se aproxime tanto do Sol que sua sombra esconda o

brilho de Arien, e surja a escuridão no meio do dia. (TOLKIEN, 2011, p. 118-119)

Dessa forma, Tolkien explica um fenômeno da natureza em sua mitologia: o movimento dos astros nos céus. Entendemos as oscilações de Tilion como as mudanças de fases da lua e os eclipses solares. O descanso do Sol em Valinor é como o autor explica o período em que ele não pode ser visto em Arda, utilizando os servos de Ulmo – Maiar, logo, deuses de terceira ordem – para explicar a participação da divindade nesse ato.

O astro passa “apressado por baixo da Terra” (TOLKIEN, 2011, p. 119) porque, nessa época, ela ainda era plana, apenas se arredondando após a queda de Númenor. Podemos supor que, sendo assim, nada habitava aquela parte, não havendo necessidade de iluminação, ao contrário do que acontecia na parte de cima. Tanto a pressa para a volta da luz do Sol que finda a noite quanto a fuga de Morgoth para as profundezas de Angband remetem ao enfrentamento entre luz e escuridão. Desde o início, Melkor é atraído pelas trevas e faz de tudo para que elas dominem Arda. Apesar de que a noite seja iluminada pela Lua, a luz é mais fraca e não causa medo ao Inimigo como a luz do Sol. Acreditamos que seja esse o motivo pelo qual ele atacou Tilion, mas não ousou fazer o mesmo a Arien, de quem mantinha a si e seus servos afastados e protegia Angband com “vapores e nuvens enormes” (TOLKIEN, 2011, p. 120)

Com a mudança de planos ocorrida, a contagem dos dias passou a ser feita com base no movimento do Sol nos céus, “pois Tilion [...], nas raízes de Arda, [...] costumava passar muito tempo perambulando, só voltando tarde”. (TOLKIEN, 2011, p. 119) Entendemos isso como a explicação para que a duração do período iluminado pelo Sol seja maior que o de iluminação pela Lua.

O surgimento do Sol e da Lua é a primeira aparição da Divina Providência, um ato dos deuses em benefício de seus povos. Conforme Byrd (2016, p. 23), a “providência aparece em *O Silmarillion* em trabalhos que os Valar, que não podem lutar abertamente pelos noldor, fazem para eles indiretamente.”²⁷ (tradução nossa) Discordamos em parte da afirmação do autor. O Sol e a Lua

²⁷ “Providence appears in *The Silmarillion* in works that the Valar, who will not fight openly for the Noldor, do for them indirectly.” (BYRD, 2016, p. 23)

[...] os Valar fizeram, lembrando, em sua penumbra, a escuridão das terras de Arda. E resolveram então iluminar a Terra-média para, com a luz, dificultar os feitos de Melkor. Pois lembravam-se dos avari que haviam permanecido junto às águas de seu despertar; e também não haviam abandonado totalmente os noldor no exílio. Além disso, Manwë sabia que a hora da chegada dos homens se aproximava. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 116-117)

Nesse caso, como pudemos ver, não apenas nos noldor os deuses estavam pensando, mas também nos elfos que haviam permanecido na Terra-média e nos homens que estavam por despertar.

Com os astros a iluminar Arda, os Valar abandonaram a Terra-média novamente e, lá, Melkor reinava. Nesse período – a Segunda Primavera de Arda – a região de Beleriand floresceu, a população de elfos aumentou e, com o primeiro raiar do Sol, os homens despertaram. Seu primeiro contato com outro povo se deu com os elfos que não haviam obedecido à convocação dos Valar, com quem fizeram amizade, assim como com alguns noldor e sindar²⁸. (TOLKIEN, 2011, p. 123-125)

Quando Fëanor incendiou os barcos na costa da Terra-média, os servos de Melkor e ele próprio souberam do retorno dos noldor. Ao montarem acampamento às margens de um lago, os elfos foram atacados pelas hostes de Morgoth, mas conseguiram vencê-las com facilidade, “pois a luz de Aman ainda não se apagara em seus olhos” (TOLKIEN, 2011, p. 127-128) Assim, Tolkien representa uma vez mais o conflito entre luz e trevas. Percebemos que, com o passar do tempo, a luz do Reino Abençoado vai se esvaindo dos noldor, o que, combinado aos efeitos da Maldição de Mandos e do Juramento de Fëanor, os torna mais suscetíveis às investidas dos exércitos inimigos.

A derrota de sua hoste afetou Melkor, mas também lhe deu uma vantagem, pois Fëanor, na ânsia de chegar até ele, seguiu seus exércitos sem esperar pelos companheiros. Uma emboscada foi armada para o Rei dos noldor, que, quase morto por orcs e balrogs, foi socorrido por seus filhos. Eles tentaram levá-lo de volta ao acampamento, mas não foi possível. Como último pedido, Fëanor lhes incumbiu de cumprir o Juramento e vingá-lo. No instante em que ele morria, servos de Melkor se aproximaram encenando uma rendição e oferecendo a seus filhos uma Silmaril. Os príncipes fingiram aceitar o acordo, mas, assim como os inimigos, compareceram ao encontro marcado com um exército. Entretanto, o de Morgoth era maior. Maedhros foi emboscado para ser levado prisioneiro a Angband e usado como moeda de troca

²⁸ Elfos que pertenciam ao povo de Elu Thingol/Elwë Singollo. (TOLKIEN, 2011, 105)

por Melkor, que exigia que os noldor se retirassem de Beleriand, onde estava montado seu acampamento. Mas os príncipes não podiam atendê-lo devido ao Juramento. Então, Morgoth pendurou seu refém no alto da montanha onde se localizava sua fortaleza, sobre um precipício. (TOLKIEN, 2011, p. 128-129) A esse ato do Inimigo, voltaremos na próxima seção.

Fingolfin entrou na Terra-média quando o Sol nasceu e os servos de Morgoth se esconderam de sua luz. Assim, facilmente seu grupo atravessou o território até Angband, mas, mais sensato que Fëanor, o elfo seguiu em direção ao acampamento dos noldor, pois seu povo estava cansado e enfraquecido em razão da difícil travessia. Mas já não havia tanta amizade entre os dois grupos, assim, cada um habitou uma margem do lago até que Fingon, o valente, filho de Fingolfin, decidiu por um ato que proporcionasse a retomada da relação entre todos os noldor e partiu para salvar seu antigo amigo Maedhros. (TOLKIEN, 2011, p. 130-132) Sobre o salvamento do príncipe, falaremos mais na seção seguinte. Aqui, é importante dizer que, para cumprir sua missão, Fingon conta com a ajuda de Manwë. Vendo-se condenado, Maedhros pediu que fosse morto. Já com arco e flecha em mãos, Fingon suplicou ao Vala que lhes auxiliasse, no que foi atendido prontamente ao ser erguido por Thorondor, uma das águias de Manwë, e levado até Maedhros. Não conseguindo livrá-lo do elo que o mantinha preso à montanha, Fingon decepou a mão do amigo e a ave os levou para os acampamentos. A ação de Fingon surtiu efeito e a divisão dos noldor findou. Maedhros, contra a vontade de seus irmãos, renunciou ao direito de comandar o povo em favor de Fingolfin. (TOLKIEN, 2011, p. 132-133)

Beleriand era a região onde se localizava Doriath, o reino de Thingol, um dos elfos que não havia feito a travessia para Valinor e, antes, se chamava Elwë Singollo. Seu povo muito se alegrou com o retorno de seus parentes do oeste, pois necessitavam reforço na luta contra Melkor. (TOLKIEN, 2011, p. 129-130) Mas o mesmo não pode ser dito do próprio Rei, pois lhe incomodava a aparição de tantos príncipes poderosos “ansiosos por novos territórios”. (TOLKIEN, 2011, p. 134) Por não confiar que a repressão a Morgoth pudesse durar muito tempo, Thingol negou-se a abrir as fronteiras de seu reino e somente permitia aos príncipes da Casa de Finarfin ingressar em Doriath devido ao grau de parentesco que mantinham com o Rei por serem netos de seu irmão Olwë. Os demais poderiam habitar as outras regiões desde que o povo de Thingol não se incomodasse com sua presença. Isso

foi dito pelo Rei e, com exceção de Maedhros, os filhos de Fëanor ficaram irritados devido ao “espírito cruel [...] que parecia sempre explodir em violência ou em palavras impensadas” (TOLKIEN, 2011, p. 135) que possuíam. (TOLKIEN, 2011, p. 134-135) Nisso, eles se pareciam muito com o pai. E ainda havia o agravante de estarem presos ao Juramento. Essa combinação trará muitas consequências para todos os povos da Terra-média.

Cinquenta anos do Sol haviam se passado quando Turgon, filho de Fingolfin, e Finrod, filho de Finarfin, adormecidos às margens do Sirion²⁹, tiveram seus sonhos invadidos por Ulmo. Por muito tempo, ficaram sob impacto do que viram nos sonhos e caminhavam sozinhos por territórios não explorados, “procurando por toda parte locais de força oculta.” (TOLKIEN, 2011, p. 137) A sensação que permanecera com eles após o sonho era a de que deviam se preparar para um ataque de Morgoth encontrando um local capaz de resistir a ele. Finrod, deslumbrado com Menegroth, contou sobre o sonho a Thingol que lhe falou sobre o “profundo desfiladeiro do Rio Narog e das cavernas aos pés dos Altos Faroth” (TOLKIEN, 2011, p. 138). Nesse lugar, Finrod construiu Nargothrond com a ajuda dos anões das Montanhas Azuis, que o chamaram Felagund, o Escavador de Grutas, e fizeram para ele Nauglamír, o Colar dos Anões. Quanto a Turgon, um ano após o sonho, Ulmo voltou a falar-lhe e o aconselhou a retornar sozinho ao Vale do Sirion, onde “descobriu o vale oculto de Tumladen, nas Montanhas Circundantes, no centro do qual havia uma colina de pedra” (TOLKIEN, 2011, p.139) e começou a planejar a construção de uma cidade (TOLKIEN, 2011, p. 137-139), o reino oculto de Gondolin.

Turgon selecionou alguns elfos habilidosos entre seu povo, levou-os a Tumladen e a construção de Gondolin começou sob a proteção de Ulmo. (TOLKIEN, 2011, p. 153) Quando chegou o momento de Turgon partir definitivamente, Ulmo foi a sua antiga morada e disse-lhe:

- Agora irás finalmente para Gondolin, Turgon; e mantereí meu poder sobre o Vale do Sirion, e sobre todas as águas que existem ali, para que ninguém se dê conta de tua viagem. Ninguém tampouco encontrará a entrada secreta contra a tua vontade. De todos os reinos dos eldalië, Gondolin será o que resistirá mais tempo a Melkor. Não tenhas, porém, amor em excesso pela obra de tuas mãos e pelas invenções de teu coração. Lembra-te que a verdadeira esperança dos noldor está no oeste e vem do Mar. (TOLKIEN, 2011, p. 154)

²⁹ Rio que atravessava Beleriand. (TOLKIEN, 2011, p. 440)

Notamos no último trecho da fala de Ulmo um aviso para que Turgon e seu povo não adorem artefatos e mantenham sua fé nos verdadeiros deuses que habitam além-mar, no oeste: os Valar de Valinor, em Aman, do outro lado do Grande Mar. Mas os conselhos de Ulmo não terminam aqui. Ele também diz que

[...] pode acontecer que a maldição dos noldor também te descubra antes do fim, e que a traição surja dentro de tuas muralhas. Então, elas correrão perigo de incêndio. No entanto, se esse perigo chegar muito perto, da própria Nevrast virá alguém te avisar; e dele, superando a destruição e o fogo, nascerá a esperança para elfos e homens. Deixa, portanto, nesta casa armas e uma espada, para que em anos futuros ele as possa encontrar e, assim, tu o reconheças e não seja enganado. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 154)

Assim, o Vala alerta a Turgon sobre eventos futuros: a traição de Maeglin, seu sobrinho, e a chegada de Tuor, sobrinho de seu amigo Húrin, para auxiliá-lo.

Maeglin era filho de Aredhel, irmã de Turgon, e Eöl, um elfo que fizera parte do povo de Thingol, mas se exilara em Nan Elmoth, e não se relacionava com os noldor, pois acreditava que eles eram os culpados por Morgoth voltar a atacar Beleriand. Por esse motivo ele proibira Aredhel de procurar seu povo. Fisicamente, Maeglin lembrava a família da mãe, mas seu temperamento era como o do pai. Quando Eöl viajava, Aredhel falava sobre os noldor para o filho, que gostava de ouvir os relatos, principalmente sobre Turgon e o fato de ele não ter um herdeiro. Então, Maeglin convidou a mãe para irem para Gondolin durante uma das saídas de Eöl, que, ao retornar e descobrir a falta de sua esposa e filho, saiu em perseguição a eles. Avistou-os às portas de Gondolin e, assim, descobriu como entrar no Reino Oculto. Ao ser levado até Turgon e informado de que não poderia deixar o local, Eöl irou-se e disse que partiria dali levando o filho consigo. Porém, Maeglin não quis acompanhá-lo e o elfo arremessou uma azagaia contra o filho. Aredhel saltou à frente de Maeglin e foi atingida pelo dardo, o que causou seu falecimento. Eöl foi condenado à morte e Maeglin ficou em Gondolin, onde prosperou e ganhou a estima de Turgon. Porém, em seu coração, sempre houve uma sombra e “em meio à bem-aventurança daquele reino, [...] fora plantada uma sinistra semente do mal.” (TOLKIEN, 2011, p. 161-172)

Tuor era filho de Huor e sobrinho de Húrin. Por obra de Ulmo, ele deixou seu esconderijo e foi até Nevrast, antiga morada de Turgon antes da construção de Gondolin, onde encontrou o escudo, a cota de malha, a espada e o elmo deixados pelo Rei em seu palácio perto do mar, onde o Vala apareceu e, falando a Tuor que

procurasse o Reino Oculto, entregou-lhe um manto que permitiria não ser visto pelos inimigos. Chegando a Gondolin, Tuor foi reconhecido pelos objetos que portava e levado até o Rei, a quem transmitiu um aviso de Ulmo, que dizia que a Maldição de Mandos estava prestes a se cumprir e que ele deveria deixar seu reino e ir até o Mar. Turgon, porém, ignorou a mensagem, pois havia se apegado ao que construía e confiava na segurança de Gondolin por sua localização ser desconhecida. Assim, apenas proibiu seu povo de sair do reino. Essa decisão foi apoiada por Maeglin, que era contrário a tudo que o recém-chegado dissesse. E a inimizade cresceu quando Tuor casou-se e teve um filho, Eärendil, com Idril, filha do Rei e com quem Maeglin queria se casar para se tornar Senhor de Gondolin. (TOLKIEN, 2011, p. 303-307)

Desobedecendo as ordens do Rei, Maeglin e alguns de seus seguidores saíam do reino. Até que o sobrinho de Turgon foi capturado e levado à fortaleza do Inimigo, onde, para ser libertado, contou a localização exata de Gondolin e como um ataque poderia ser feito. Morgoth enviou-o de volta para não levantar suspeitas e para ter ajuda interna no momento da invasão. Durante o ataque, Maeglin capturou Idril e Eärendil, motivo pelo qual Tuor o matou. Prevendo que algo aconteceria, Idril havia mandado construir em segredo um túnel que permitisse uma retirada rápida da cidade e, por ele, Tuor, Eärendil e ela conduziram parte da população do Reino Oculto em direção às montanhas do norte, onde foram emboscados por orcs e salvos por Thorondor. Dali, eles seguiram até o Mar. (TOLKIEN, 2011, p. 308-311)

Tanto as intervenções de Ulmo para as construções de Nargothrond e Gondolin como a de Manwë no resgate de Maedhros também representam a Divina Providência. No caso do resgate, Fingon pede ajuda a Manwë: “- Ó, Rei, que amas todos os pássaros” (TOLKIEN, 2011, p.132) O socorro enviado é uma águia, um dos servos desse Vala que ele mandara para viver no norte (TOLKIEN, 2011, p. 133), logo, não poderia ser ninguém mais a auxiliar a Fingon dessa forma. O benefício que essa intervenção traz é a reunião dos noldor que, até então, viviam em dois grupos separados e sem amizade.

Já Ulmo age ele mesmo e por conta própria. Em um primeiro momento, usa o artifício do sonho para falar a Finrod e a Turgon quando eles estão próximos à água, seu domínio. Depois, com a dificuldade que o filho de Fingolfin tem de encontrar um local para estabelecer seu novo reino, Ulmo volta a falar-lhe e o instrui para que chegue a Tumladen. A última vez que o Vala se envolve nesta questão é para dar avisos sobre o futuro quando Turgon está prestes a partir para Gondolin. Podemos

supor que, nestas duas vezes, Ulmo também tenha usado algum artifício envolvendo as águas, pois o elfo vivia à beira-mar. (TOLKIEN, 2011, p. 139) O benefício que esta intervenção traz aos elfos é a construção de reinos protegidos que serão as fortificações mais resistentes nas batalhas contra Morgoth.

A intervenção de Ulmo através de sonhos ecoa na passagem bíblica em que um anjo fala a José por este mesmo meio (BYRD, 2016, p. 24), o que também reforça a semelhança entre Valar e anjos. Assim como o Vala se dirige a Turgon mais de uma vez – apesar de que apenas na primeira claramente em sonhos –, o anjo usa este artifício para chegar a José duas vezes. Em um primeiro momento, José é instruído a fugir para o Egito com Jesus e Maria, pois Herodes queria matar o menino. Desse modo, Herodes não conseguiu encontrá-los. (Mateus 2, 13-18) Da mesma forma, a primeira intervenção de Ulmo é para instruir Turgon e Finrod a fugir de Morgoth, escondendo-se em reinos que o Inimigo não conseguia saber a localização. No caso de Turgon, assim como José, ele apenas se revelaria novamente em um momento determinado. José retornaria com sua família quando se cumprisse o que Deus havia dito através do profeta: “[d]o Egito chamei o meu filho” (Mateus 2, 15) O aviso para José retornar para Israel com Jesus e Maria também é dado por um anjo através de um sonho (Mateus 2, 19-20) O aviso de Ulmo é dado por Tuor, mas, diferentemente de José que atendeu ao chamado, Turgon ignora o conselho do Vala.

Mais de trezentos anos após o retorno dos noldor à Terra-média, o Rei Finrod Felagund encontrou os homens da família de Bëor, o Velho, os primeiros a chegar a Beleriand vindos do leste. Felagund cantou para eles sobre a história de Arda e permaneceu em sua companhia, ensinando-lhes muitas coisas. Assim, desde essa época, eles o adotaram como seu senhor e foram leais à Casa de Finarfin. Sobre o despertar dos homens, pouco o Rei pode saber, pois essas histórias não haviam sido contadas pelos ancestrais. Dentre os elfos, dizia-se que, quando os homens despertaram, o próprio Morgoth deixou o comando da guerra para Sauron e foi atormentá-los na tentativa de corrompê-los, o que deixou uma sombra no passado dos Sucessores. (TOLKIEN, 2011, p. 173-175) Isso e a vontade de esquecer o que houve ficam claros no que comenta Bëor:

- Atrás de nós, ficam as trevas – dizia Bëor –, e nós lhes demos as costas. Não desejamos voltar para lá, nem mesmo em pensamento. Nossos

corações estão voltados para o oeste, e acreditamos que encontraremos a Luz. (TOLKIEN, 2011, p. 175)

As trevas a que se refere Bëor podem ser interpretadas de duas formas: a sombra de um ato como o Fratricídio de Alqualondë que não é revelado, algo que abala aos homens e eles preferem esquecer; ou as investidas das trevas para corrompê-los, às quais eles deram as costas, entendendo-se trevas no sentido que Tolkien utiliza para se referir ao que tem relação com Melkor quando diz que, desde o início, por não poder dominar a Luz, ele se voltou às trevas.

Quando Felagund decidiu voltar para Nargothrond, Bëor pediu para acompanhá-lo e permaneceu a seu serviço até o fim de sua vida. Outras duas famílias de homens chegaram à região pouco tempo depois, os haladin e o grupo de Marach. Essas são as três famílias de amigos dos elfos que passaram a viver entre eles, pois os senhores dos noldor viam em seus jovens a força que necessitavam na luta contra Morgoth. Sobre isso, apenas Felagund procurou o conselho de Thingol, que declarou que nenhum homem, “nem mesmo os da Casa de Bëor, que serve a Finrod, o Amado”, poderia entrar em Doriath. (TOLKIEN, 2011, p. 176-178) Sobre isso, Melian comenta com Galadriel:

- Agora o mundo corre veloz na direção de grandes notícias. E um dos homens, exatamente da Casa de Bëor, de fato virá; e o Cinturão de Melian não o impedirá, pois um destino maior do que meu poder o estará enviando e os versos que brotarão dessa vinda persistirão quando toda a Terra-média estiver mudada. (TOLKIEN, 2011, p. 178)

Este homem é Beren, quem se casará com Lúthien, filha de Thingol e Melian. Podemos interpretar que a Maia sabe disso por alguma revelação de Ilúvatar aos Ainur, dos quais ela fazia parte antes da materialização de Arda. Assim, o destino maior do que o poder de Melian é a vontade do Ser Superior, os desígnios de Ilúvatar incorporados por seus temas na Música dos Ainur que define o destino do mundo.

Mas nem todos os homens estavam felizes com a convivência com os elfos e sentiam que eles eram a causa de seus problemas. Isso provocou a discórdia entre os Sucessores, que se reuniram para discutir a questão. Os amigos dos elfos defendiam que os males eram resultado das ações do Rei das Trevas e que o propósito de suas vindas do leste era auxiliar aos elfos nas batalhas contra Morgoth.

(TOLKIEN, 2011, p. 178-179) Alguém que parecia Amlach, da família de Marach, tomou a palavra:

- Tudo isso são histórias dos elfos, contos para enganar recém-chegados incautos. O Mar não tem fim. Não há Luz nenhuma no oeste. Vocês vieram atrás de um fogo-fátuo dos elfos até o fim do mundo! Quem de vocês viu o menor dos Deuses? Quem contemplou o Senhor do Escuro no norte? São os eldar que procuram dominar a Terra-média. Em sua ganância por riquezas, eles cavaram a terra em busca de seus segredos e despertaram a ira dos seres que moram abaixo dela, como sempre fizeram e sempre farão. Que os orcs fiquem com o reino que é deles, e nós com o nosso. Existe espaço no mundo, desde que os eldar nos deixem em paz! (TOLKIEN, 2011, p. 179-180)

Este discurso lembra o de Fëanor ao convocar os noldor para deixar Valinor. Se lá os Valar eram acusados de exploradores, aqui, os elfos o são. Assim como naquela fala, nesta, os deuses são renegados, mas por desconhecimento de sua existência, já que o discursista parece acreditar apenas no que pode ver, ou seja, elfos e orcs. Para ele, não há Valar nem Senhor do Escuro, pois nunca os viu e seu povo perdeu os relatos sobre o contato que tiveram com Morgoth. Assim, isso nos parece uma forma de Tolkien mostrar a importância da manutenção de narrativas sobre o passado dos povos, os mitos. Além disso, expressa a importância de que se conheça a própria História.

O efeito desse discurso também é o mesmo do de Fëanor: impressionados com as palavras, muitos homens decidem abandonar os domínios dos elfos. Mas Amlach declara que não estivera naquela reunião e, conseqüentemente, não proferira tais palavras. Os amigos dos elfos, então, questionaram se, com isso, os demais acreditariam na existência do Senhor do Escuro e que ele queria separá-los por temê-los. A resposta foi que Morgoth os odiava e isso aumentaria quanto mais tempo permanecessem junto aos elfos naquela disputa. (TOLKIEN, 2011, p. 180)

Vendo que o número e a força de elfos e homens reunidos era grande, o Rei Fingolfin voltou a planejar um ataque a Angband. Porém, nem todo seu povo lhe dava ouvidos nessa questão. Durante uma noite fria de inverno em que a vigia era pouca, Morgoth fez jorrar chamas envenenadas de suas montanhas em direção às terras dos noldor. Muitos morrerem nesse ataque e o território atingido se tornou um túmulo a céu aberto. Esse ataque deu início a mais uma batalha, na qual o dragão Glaurung participou. Balrogs e orcs romperam o Cerco a Angband, matando muitos elfos e homens e dispersando os demais. Percebendo seu povo ser destruído,

Fingolfin avançou em direção a Angband e enfrentou o próprio Morgoth. O Rei conseguiu atingir o Inimigo, causando temor nos exércitos das trevas, mas, ao fim, cansou-se e foi morto. Um fato importante dessa batalha é que o Rei Felagund foi cercado por inimigos e salvo por Barahir e seus homens. (TOLKIEN, 2011, p. 187-193) É esse salvamento que o deixa em dívida e o faz ajudar Beren, filho de Barahir, em sua jornada em busca de uma das Silmarils da coroa de Morgoth.

Como resultado dessa batalha, do grupo de Barahir, poucos restaram e, perseguidos pelos orcs, se tornaram proscritos. Alguns elfos foram capturados e escravizados em Angband, enquanto servos do Inimigo se misturaram aos povos, espalhando mentiras. Já os homens seguiram sendo perseguidos. Apesar de fingir compaixão e mentir que os ataques se deviam apenas a eles servirem aos noldor, poucos dos que se relacionavam com os elfos se voltaram às trevas. Mas, nessa época, outras famílias de homens chegaram à região e algumas já serviam a Morgoth e se aproximaram dos elfos como parte do plano do Inimigo. Outras, porém, serviam aos noldor com lealdade (TOLKIEN, 2011, p. 194-196)

Os homens proscritos do povo de Barahir foram assassinados aos poucos pelos servos de Morgoth até que restou apenas Beren, que passou a vagar sozinho. Mas, perseguido pelo exército de Sauron, foi obrigado a fugir. Vendo Doriath, o Reino Oculto de Thingol e Melian, ao longe, Beren sentiu que deveria ir para lá e, assim o fez (TOLKIEN, 2011, p. 203-207), cumprindo a previsão da Maia. (TOLKIEN, 2011, p. 178) Nos bosques de Doriath, Beren conheceu Lúthien. Eles se apaixonaram e passeavam juntos em segredo até que Daeron, o menestrel de Menegroth, descobriu-os e contou tudo a Thingol, que mandou seus servos capturarem Beren. Mas, antes que eles pudessem fazê-lo, Lúthien levou-o até o Rei, que quis saber o motivo de ele ter entrado em sua terra sem permissão. Beren respondeu que havia sido levado até ali pelo destino e que, ao chegar, havia conhecido Lúthien, de quem não queria se afastar nunca mais. O Rei, sabendo que essa era uma missão suicida, disse-lhe que sua filha poderia casar-se com ele se quisesse desde que Beren lhe trouxesse “na mão uma Silmaril da coroa de Morgoth” (TOLKIEN, 2011, p. 210) Beren aceitou a missão e partiu de Menegroth. (TOLKIEN, 2011, p. 207-211)

Sua primeira parada foi em Nargothrond, onde conseguiu o auxílio do Rei Felagund, que, cumprindo o juramento que fizera a Barahir (TOLKIEN, 2011, p. 190), partiu para Angband com Beren e mais dez elfos daquele reino. Além de

Felagund e seus súditos, Lúthien, Thorondor e outras águias e Huan, o cão de Valinor, atuam como aliados de Beren em sua jornada. Eles enfrentaram muitos obstáculos e, não sem perdas – Felagund morreu no calabouço de Sauron –, conseguiram cumprir a missão. Com a Silmaril roubada de Morgoth, Beren e Lúthien deixavam Angband quando foram atacados pelo lobo Carcharoth, que arrancou a mão de Beren que segurava a pedra com uma mordida e fugiu atormentado pela dor que a Silmaril causava em seu estômago. Quase morto pelo veneno das presas do lobo, Beren, junto a Lúthien, foi retirado de Angband e deixado nas proximidades de Doriath pelas águias. Quando Lúthien pensou que não havia mais salvação para Beren, ocorreu a eucatástrofe: ele despertou. Assim, eles se apresentaram novamente a Thingol e Beren tinha a pedra em sua mão como o Rei lhe pedira, porém, esta jazia no estômago do lobo. Considerando que a missão fora cumprida, Thingol deu permissão para que Beren se casasse com Lúthien. (TOLKIEN, 2011, p. 212-233)

Com a aproximação de Carcharoth de Menegroth, uma caça ao lobo foi organizada. Em um ataque, Carcharoth mordeu o peito de Beren e, em consequência desse ferimento, ele faleceu. O espírito de Lúthien foi, então, para os salões de Mandos, onde cantou uma canção que reunia “a tristeza dos eldar e o pesar dos homens” (TOLKIEN, 2011, p. 236). Isso comoveu a Mandos, que convocou o espírito de Beren e os reuniu. Porém, o Vala não tinha poderes sobre os espíritos mortais e pediu conselhos a Manwë. Duas opções foram dadas a Lúthien: unir-se aos Valar até o fim dos tempos, mas sem Beren; ou voltar para a Terra-média com Beren, mas como uma mortal e sujeita a uma morte, assim como ele. Ela escolheu a segunda opção. (TOLKIEN, 2011, p. 233-236)

Byrd (2016, p. 27) aponta alguns paralelos entre passagens bíblicas e essa estória. Para ele, Beren ter de cumprir uma missão para receber a mão de Lúthien em casamento reflete as uniões de Raquel e Jacó, quem tem de trabalhar sete anos para que seu tio Labão permita-lhe casar com sua filha (Gênesis 29, 27), e de Micol e Davi, quem deveria matar cem filisteus para receber a filha do Rei Saul em casamento (I Samuel 18,25).

Não entendemos essas uniões como paralelos, apesar de que ecoam na narrativa de Tolkien. No primeiro caso, assim como Beren é obrigado a cumprir uma missão para poder casar com quem ama, Jacó é obrigado a trabalhar para o tio. Mas isso se dá em um contexto muito diferente do que o de Beren e Lúthien. Jacó

fora mandado por seu pai Isaac para Padã-Aram para escolher uma esposa dentre as filhas de seu tio Labão. Ele se apaixonou por Raquel e se propôs a trabalhar para o tio por sete anos em troca da permissão para o casamento. Cumprido o acordo por parte de Jacó, Labão o enganou e, à noite, em vez de entregar-lhe Raquel, levou-lhe Lia, sua filha mais velha. Percebendo o erro no dia seguinte, Jacó questionou o tio sobre o motivo de ter sido enganado. Labão respondeu que, naquela terra, não era costume casar a filha mais nova antes da mais velha e que lhe entregaria Raquel também se Jacó trabalhasse outros sete anos para ele. Jacó aceitou o acordo e, assim, casou-se com as duas filhas de Labão. (Gênesis 28,1-29,30)

Já no que diz respeito à união de Micol e Davi, as semelhanças ficam por conta da paixão que a filha do rei sente por Davi e por Saul querer, na verdade, a morte dele. Davi, ao contrário de Beren – que não se importava com sua condição social – não se sentia digno de ser genro do rei e relutava em aceitar a oferta da mão de Micol. (I Samuel 18, 17-30) Outra semelhança entre Davi e Beren não está nessa união, mas em um dos acontecimentos que levou a ela: o enfrentamento com Golias. Davi era menor e mais fraco, mas tinha o apoio de Javé para vencer o oponente assim como Beren tinha o apoio de Lúthien, Maia por parte de mãe, logo, uma semideusa. Morgoth era um deus – caído, mas um deus – e, assim como Golias, mais forte que qualquer guerreiro que se apresentasse para o combate. Da mesma forma que Javé entrega Golias a Davi (I Samuel 17, 45-51), Lúthien entrega a Silmaril para Beren ao colocar Morgoth e seus servos em um sono profundo. (TOLKIEN, 2011, p. 227-228)

O roubo da Silmaril por Beren e Lúthien deu novo ânimo a Maedhros, que percebeu que Morgoth não era invencível, nem conseguiria vencer a todos os povos se eles se unissem. Porém, o Juramento de Fëanor e suas consequências impediram seu sucesso. De Nargothrond, apenas um pequeno grupo atendeu ao seu chamado e, de Doriath, apenas dois elfos: Mablung e Beleg (TOLKIEN, 2011, p. 237-238), pois Curufin e Celegorm haviam tentado usurpar o trono de Felagund (TOLKIEN, 2011, p. 213-214); Celegorm, após aprisionar Lúthien em Nargothrond, tentou forçá-la a casar-se com ele (TOLKIEN, 2011, p. 218); e mensagens ameaçadoras haviam sido enviadas a Thingol exigindo a devolução da Silmaril que Beren lhe entregara. (TOLKIEN, 2011, p. 238)

Os homens tomaram parte nesta nova batalha contra o Inimigo, assim como os anões, que tanto forneceram armamento como combatentes. Em um dia

marcado, a hoste conduzida por Maedhros deveria avançar contra Angband de um lado enquanto a de Fingon fazia o mesmo por outro. Mas Maedhros iniciou seus ataques antes do momento devido, expulsando orcs do norte de Beleriand e Dorthonion, o que alertou Morgoth sobre a nova investida, dando tempo para que se preparasse. O Inimigo conseguiu impedir a partida de Maedhros com o auxílio de espiões, que alertaram o elfo sobre um falso ataque de Angband. Para atrair Fingon, Morgoth enviou um exército com um elfo prisioneiro. Arautos dos orcs decapitaram-no em provocação, o que levou a hoste de Fingon a atacá-los e persegui-los até os portões de Angband. Porém, ali, eles foram rechaçados por reforços enviados da fortaleza e estavam cercados quando Turgon, sem aviso prévio, surgiu para socorrer a seus parentes. Em seguida, a hoste de Maedhros também chegou, o que fez os orcs recuarem. Porém, quando Morgoth enviou suas feras, incluindo Glaurung, uma parte dos homens traiu aos elfos e atacou o grupo que acompanhava Maedhros, que se dividiu. Reunindo parte dos anões e dos noldor e fugindo para o leste, os filhos de Fëanor conseguiram sobreviver; Glaurung foi ferido por um dos anões e fugiu do campo de batalha, sendo seguido pelas outras feras de Angband; Fingon foi separado de Turgon e assassinado por um balrog; Turgon foi convencido a retornar com os elfos que restavam para Gondolin enquanto alguns homens continham o exército do Inimigo. (TOLKIEN, 2011, p. 239-246)

Como consequência dessa batalha, os elfos se afastaram dos homens, com exceção daqueles das três famílias que primeiro chegaram a Beleriand; o reino de Fingon foi destruído; os filhos de Fëanor passaram a vagar pelos bosques; e as feras de Angband circulavam livremente por Beleriand. Morgoth voltou sua atenção para o reino de Círdan³⁰ e, em apenas um ataque, seus portos foram destruídos e a maioria de seu povo exterminada ou escravizada. Mas alguns conseguiram fugir para a Ilha de Balar. (TOLKIEN, 2011, p. 246-248)

Com isso, Morgoth passou a preocupar-se com Turgon. Húrin foi levado até ele, pois o Inimigo sabia de sua amizade com o Rei. Mas Húrin desafiou e zombou de Morgoth, motivo pelo qual ele e sua família foram amaldiçoados com “uma sina de escuridão e tristeza”. (TOLKIEN, 2011, p. 248-249) É em decorrência dessa maldição que o reino de Nargothrond é destruído. Tudo em que Túrin, filho de Húrin, se envolve tem um final trágico. Em determinado momento de sua vida, ele mora na

³⁰ Senhor dos teleri que desistiram da travessia para Valinor e permaneceram na costa da Terra-média. (TOLKIEN, 2011, p. 60)

fortaleza de Felagund. Sabendo quem era aquele homem, Orodreth, que assumiu o comando do reino com a morte de Felagund, lhe concedeu honrarias e ele se tornou poderoso, influenciando no modo de guerrear daquele povo e fazendo mudanças no lugar, como a construção de uma ponte sobre o rio Narog. Porém, conselhos de Ulmo quase a fizeram ser destruída. O Vala dizia para fechar a fortaleza e não sair de lá. Mas Túrin não permitiu a destruição, pois ignorou o aviso do Vala e queria tudo feito a sua maneira. (TOLKIEN, 2011, p. 266-269) Nesse aviso de Ulmo, vemos uma tentativa frustrada da interferência da Divina Providência. Ao dizer “que lance as pedras de seu orgulho ao rio ruidoso, para que o mal rastejante não encontre o portão” (TOLKIEN, 2011, p. 270), o Vala avisa para destruírem a ponte para que Glaurung, o dragão de Morgoth, não possa acessar Nargothrond. “[A]s pedras de seu orgulho” são a ponte, que deve ser destruída e lançada “ao rio ruidoso”, ou seja, jogadas ao Narog para que Glaurung, “o mal rastejante”, não possa entrar no reino. Com a recusa em obedecer ao Vala, Tolkien mostra Túrin como alguém que não dá ouvidos aos conselhos dos deuses, orgulhoso e apegado ao que constrói como Fëanor. As consequências da manutenção da ponte, como as da rebelião do elfo em Valinor, foram catastróficas, pois, quando Morgoth atacou, o exército de Orodreth foi vencido na batalha em campo aberto, não conseguindo deter os orcs e Glaurung, que, graças à ponte, entraram facilmente no reino e o destruíram completamente. (TOLKIEN, 2011, p. 270-271)

Como parte de seu plano contra os elfos, Morgoth libertou Húrin para utilizá-lo como um mecanismo para atingir seu objetivo. Foi assim que conseguiu descobrir a região onde Turgon construía Gondolin e causar a destruição de Doriath. Em sua dor pela perda da família, Húrin considerou culpados do que ocorrera com eles a todos com que se relacionaram e decidiu vingar-se. Passou por Nargothrond e levou consigo Nauglamír, o colar que os anões haviam presenteado a Felagund. Em Doriath, jogou-o aos pés de Thingol dizendo ser o pagamento por haver cuidado de sua família. Nesse momento, o poder do Cinturão de Melian livrou-o do mal imposto pela prisão em Angband e ele pode ver tudo com clareza. Então, juntou o colar do chão e entregou-o nas mãos do Rei como um presente. Thingol decidiu refazer o colar, engastando nele a Silmaril que Beren lhe trouxera. Pediu aos anões que o fizessem, mas, ao contemplarem as pedras, tanto a Silmaril quantos as postas por seus antepassados no Nauglamír, eles foram tomados pelo desejo de possuí-las. Os anões fizeram o que o Rei pedira, mas se negaram a entregar-lhe o colar dizendo

que ele não tinha direito sobre o objeto. O elfo falou-lhes com escárnio e eles o mataram, sendo perseguidos e mortos na fuga de Menegroth. Porém, dois anões sobreviveram e, chegando à cidade onde moravam, relataram que os demais haviam sido mortos porque o Rei não queria pagar por seus serviços. Uma vingança foi planejada e os anões atacaram Doriath, de onde levaram o Nauglamír com a Silmaril. Quando retornavam para sua cidade, foram atacados por Beren, seu filho Dior e alguns elfos, que recuperaram o colar. Dior foi com sua esposa e filhos viver em Menegroth para comandar Doriath e o Nauglamír foi dado a Lúthien, com quem permaneceu até sua morte, momento em que passou para Dior. Com isso, os filhos de Fëanor exigiram que o novo Rei de Doriath lhes entregasse a Silmaril. Mas não receberam resposta, então, invadiram Menegroth, assassinaram Dior e sua esposa e abandonaram dois de seus filhos na floresta. Ainda assim, não conseguiram recuperar a pedra, pois Elwing, filha de Dior, havia fugido com alguns elfos de seu reino levando-a consigo. (TOLKIEN, 2011, p. 289-302)

Os elfos de Doriath fugiram para perto do Mar, onde se juntaram aos sobreviventes de Gondolin. A esse novo povo, uniram-se também os elfos de Círdan que haviam fugido para a ilha de Balar após a última batalha. Mas nada disso chegou ao conhecimento de Morgoth, que pensava restarem apenas os povos dos filhos de Fëanor e acreditava que as consequências do Juramento seriam o suficiente para livrar-se deles. (TOLKIEN, 2011, p. 311)

Eärendil, o filho de Tuor e Idril, e Elwing se casaram. Eärendil sentia um anseio para navegar ao oeste e pedir ajuda aos Valar. Com o auxílio de Círdan, ele construiu o barco Vingilot para tentar sua empreitada e partiu. Elwing, sendo descendente de Thingol, estava de posse da Silmaril que Beren retirara da coroa de Morgoth. Forçados pelo Juramento, os filhos de Fëanor exigiram que a pedra lhes fosse devolvida, mas não foram atendidos e atacaram o povo de Eärendil e Elwing, os elfos do Sirion. Círdan e Gil-galad, filho de Fingon e o então Rei Supremo dos Noldor, não chegaram a tempo para ajudá-los e Elwing jogou-se ao mar com a Silmaril, sendo erguida das ondas na forma de uma ave branca por Ulmo. Ela, então, voou em busca do marido e caiu desfalecida em Vingilot. Agora com a esposa ao lado e graças ao poder da Silmaril, Eärendil conseguiu seu objetivo. Foi recebido por Eönwë, o arauto de Manwë, que o convocou a ir até os Valar, que atenderam a seu pedido. Desse momento em diante, o filho de Tuor passou a navegar Vingilot pelos céus portando a Silmaril. (TOLKIEN, 2011, p. 313-319)

Indo a Valinor pedir a misericórdia dos deuses para com elfos e homens, Eärendil cumpre o papel de mediador. (BYRD, 2016, p. 38) Frente aos Valar, “[p]erdão pediu ele para os noldor e compaixão por seu enorme sofrimento; pediu também piedade para homens e elfos, e auxílio em sua necessidade.” (TOLKIEN, 2011, p. 317) Na mitologia bíblica, um exemplo de mediador é encontrado em Aarão, quem é o responsável por ir ao santuário de Deus fazer sacrifícios para expiar o pecado dos filhos de Israel. (Levítico 16, 1-34)

Já navegando pelos céus em Vingilot, Eärendil cumpre o papel de Estrela da Manhã que, na Bíblia, pertence a Jesus (Apocalipse 22,16). A Estrela da Manhã é o símbolo do fim da escuridão, mostrando que o mal está perto do fim. No mito de Tolkien,

[...] quando Vingilot foi posta pela primeira vez a navegar pelos mares do firmamento, ela surgiu de modo inesperado, brilhante, a refulgir. E o povo da Terra-média a contemplou de longe, perguntando-se o que seria. E a consideraram um sinal, e a chamaram de Gil-Estel, Estrela da Grande Esperança. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 319)

Eärendil estava em Valinor e de lá foi erguido com Vingilot, logo, isso ocorreu ao oeste da Terra-média, onde se encontravam os deuses. Assim, é possível entender que o sinal que os elfos viam nesse surgimento fosse o de que as divindades estavam vindo em seu auxílio. De certa forma, isso é comprovado em uma fala de Maglor que abre a possibilidade de esse ter sido um ato dos Valar: “- Se for de fato a Silmaril – respondeu Maglor – que vimos ser lançada ao mar e que se ergue novamente pelo poder dos Valar, então devemos nos alegrar.” (TOLKIEN, 2011, p. 319)

Entendendo aquela aparição nos céus dessa forma, os elfos “não mais se desesperaram; mas Morgoth estava cheio de dúvidas.” (TOLKIEN, 2011, p. 319) Orgulhoso, o Inimigo pensava que os Valar não ajudariam os elfos jamais e que ninguém ousaria guerrear contra ele novamente. Sentia-se tranquilo e acreditava que dominaria a Terra-média para sempre. Assim, foi surpreendido ao ser atacado em um confronto que ficou conhecido como Guerra da Ira e que causou muitas mudanças na geografia da Terra-média. Vendo-se acossado e restando poucos de seus combatentes, Morgoth enviou os dragões, que fizeram o exército dos Valar recuar. Porém, Eärendil apareceu acompanhado de aves comandadas por Thorondor para enfrentá-los e “houve batalha no ar o dia inteiro e toda uma noite

escura de dúvidas”. Ao fim, quase todos os dragões foram mortos e Angband, destruída. (TOLKIEN, 2011, p. 319-321) Essa luta remete à dos anjos de Deus contra Satanás em Apocalipse 12, 7-9:

⁷Aconteceu então uma batalha no céu: Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. ⁸O Dragão batalhou juntamente com seus Anjos, mas foi derrotado, e no céu não houve mais lugar para eles. ⁹Esse grande Dragão é a antiga Serpente, é o chamado Diabo ou Satanás. É aquele que seduz todos os habitantes da terra. O Dragão foi expulso para a terra, e os Anjos do Dragão foram expulsos com ele. (Apocalipse 12, 7-9)

Nesse caso, quem cumpre o papel de Miguel antes exercido por Tulkas é Eärendil. Já as aves representam os Anjos que acompanham Miguel. Como vimos anteriormente, em Tolkien, Melkor é uma figura equivalente a Satanás. Como o Dragão na passagem bíblica, Morgoth foi derrotado (TOLKIEN, 2011, p. 321) e expulso, porém, diferentemente daquele, não para a terra, mas para o Eterno Vazio. (TOLKIEN, 2011, p. 324) Outra diferença entre eles é que o ser tolkieniano não vai para a batalha junto a seus exércitos. Pelo contrário, foge dela:

[...] Antes que nascesse o Sol, Eärendil matou Ancalagon, o Negro, o mais poderoso de exército de dragões, e o lançou das alturas. O dragão caiu sobre as torres das Thangorodrim, que foram destruídas com sua queda. Nasceu então o Sol, e o exército dos Valar saiu vencedor, enquanto quase todos os dragões foram exterminados. E todas as escavações de Morgoth foram destruídas e expostas a céu aberto; e o poder dos Valar penetrou nas profundezas da terra. Ali Morgoth finalmente ficou acuado, e mesmo assim continuou sem coragem. Fugiu para as mais profundas de suas minas e implorou paz e perdão; [...] (TOLKIEN, 2011, p. 321)

Esta não é a primeira vez que Tolkien mostra Morgoth como um ser que teme a outros. Ele apenas cumpre sua promessa a Ungoliant porque sente medo diante da forma horrenda que ela toma ao devorar tanta luz poderosa em Valinor.

Se Morgoth equivale ao Dragão, seus exércitos são um paralelo para os Anjos do Dragão, mas, ao contrário do que acontece com eles – serem expulsos do céu junto ao Diabo –, os servos do Inimigo não deixam Arda, permanecendo na Terra-média para atormentar os povos que lá habitam.

Acabada a batalha, as Silmarils da coroa de Morgoth foram guardadas por Eönwë, que convocou os elfos a partirem da Terra-média. Os filhos de Fëanor não quiseram obedecer e se prepararam para tentar cumprir o Juramento. Enviaram ao arauto de Manwë uma mensagem pedindo a devolução das pedras, ao que foi

respondido que eles já não tinham mais direito a elas por todo o mal que haviam feito. Invadindo o acampamento de Eönwë, os filhos de Fëanor mataram os guardas e roubaram as Silmarils. Com isso, todos os demais se voltaram contra eles, mas o arauto não permitiu que fossem mortos e eles fugiram. Maedhros carregava uma pedra e Maglor a outra. Não aguentando a dor da Silmaril queimando em sua mãe, em desespero, Maedhros jogou-se em um abismo “e a Silmaril que ele portava foi levada para as profundezas da Terra”. Já Maglor, também sem suportar o toque da Silmaril, jogou-a ao mar de forma que uma acabou nos céus, outra na Terra e a terceira nas águas. (TOLKIEN, 2011, p. 321-324)

4.3 O *Silmarillion* e outras mitologias

Na análise dos contos do “Quenta Silmarillion” realizada anteriormente, abordamos os paralelos entre eles e a mitologia bíblica, que representa a fé professada por Tolkien. Passemos agora aos paralelos entre *O Silmarillion* e as mitologias que Tolkien tanto apreciava ler na juventude, como a nórdica, a grega, a celta e a galesa.

Os primeiros paralelos com a mitologia nórdica já podem ser notados na análise da estrutura da mitologia tolkieniana. Pensemos no poema “Völuspá”, que “nos fornece a primeira história completa do mundo mitológico nórdico. El[e] contém muitos mitos, ou referência a mitos, que unidos criam uma narrativa-mestra coerente” (ABRAM, 2019, p. 220). Nele, uma völva³¹ fala a Odin sobre o destino do mundo mítico, começando com um relato da criação do universo, evento no qual “os Æsir são responsáveis por determinar a forma final do cosmos” (ABRAM, 2019, p. 220) assim como os Valar o são no legendário de Tolkien. A isso se segue a narrativa sobre a chegada de “três garotas gigantes” (ABRAM, 2019, p. 221), o que marcou o início das crises no mundo, como ocorre quando Melkor destrói o trabalho dos Valar causando o fim da Primavera de Arda. O “Völuspá” prossegue trazendo relatos do passado alternando com o presente mítico até chegar às previsões sobre o Ragnarök, uma batalha que causa o fim do mundo como até então era conhecido, após a qual uma nova ordem será estabelecida. (ABRAM, 2019, p. 219-227) É

³¹ Profetisa pagã na mitologia nórdica.

assim que o mundo tolkieniano deveria terminar: em uma guerra entre os deuses quando Melkor retornasse do Eterno Vazio. Isto é mencionado em *O Silmarillion* apenas indiretamente (TOLKIEN, 2011, p. 355)

Com base no “Völuspá”, sabemos que, assim como na mitologia tolkieniana, os deuses não conheciam tudo sobre o futuro. Na estória de Tolkien, a Música dos Ainur é composta a partir de temas propostos por Ilúvatar e, apesar de que são os deuses de segunda e terceira ordem que a desenvolvem, há pensamentos que o Ser Superior mantém em segredo. (TOLKIEN, 2011, p. 7) Um exemplo disso é o destino dos homens. Enquanto é sabido por todos que os elfos vão para os Salões de Mandos quando morrem ou se cansam da vida, sobre o que passa aos Sucessores é um mistério que levanta muitos boatos, mas, ao certo, apenas Ilúvatar sabe a resposta. Aos Ainur, apenas foi revelado que, no fim dos tempos, eles se juntariam às divindades e aos elfos para compor a Segunda Música dos Ainur. (TOLKIEN, 2011, p.35-37)

Outra semelhança está em como os locais de habitação dos seres não divinos são chamados em ambas as mitologias. No caso nórdico, os homens vivem em Midgard, cuja forma nórdica de seu nome, “Miðgarðr corresponde ao antigo inglês Middan-geard, Middan-eard, que são a base da forma posterior Middle-earth” (TOLKIEN, C., 2010, p. 248), em português, Terra-média, local onde vivem homens e elfos na mitologia tolkieniana.

Voltando-nos aos contos do “Quenta Silmarillion”, temos “De Thingol e Melian” (TOLKIEN, 2011, p. 57-58), que remete a relatos celtas sobre um mesmo motivo: um homem entra em uma floresta, encontra uma donzela élfica e acaba preso nesse ambiente com ela. (BYRD, 2016, p. 15) Um exemplo está na relação entre Merlin e Vivien³², a Dama do Lago do ciclo Arthuriano³³.

³² Mais parecida com o relato de Tolkien é a versão desse mito em “O prisioneiro de Brocéliande”, de autoria e data desconhecidas, encontrado no site Valinor, um reconhecido fórum de discussões sobre a obra de Tolkien, e disponível em: <<https://de-vagaesemhybrazil.blogspot.com/2009/09/o-prisioneiro-de-beleriand-digo>> (acesso em 24 mai. 2020). Neste poema, Vivien é uma fada e está com Merlin na floresta de Broceliande “num estranho círculo mágico” onde “um eterno sono ali reina”. Eles vivem há muito tempo nesse círculo encantado, no qual Merlin, “embriagado de amor”, é feito prisioneiro por Vivien, sem receber notícias do mundo exterior, sem vontade de sair e sem perceber a passagem do tempo, tal como ocorre com Thingol e Melian em Nan Elmoth. Assim como os olhos de Merlin “se alimentam de Viviana”, os de Thingol saciam seu desejo pela luz de Valinor através do brilho dela que é refletido no rosto de Melian. O “estranho círculo mágico” em que Merlin e Vivien permanecem pode ser interpretado também como Doriath, reino criado por Thingol, Melian e seus parentes. Doriath é protegido pelo Cinturão de Melian, uma espécie de fronteira encantada que esconde o reino, permitindo que apenas o encontrem e nenê entrem aqueles que a deusa ou o elfo desejam. (TOLKIEN, 2011, p. 113) Essa é também uma característica do local onde Merlin e Vivien estão:

No poema “Merlin and Vivien”, de Lord Alfred Tennyson, Vivien chega à corte do rei Arthur, onde conhece Merlin e finge-se apaixonada pelo mago, tentando conquistá-lo para que conte a ela como realizar o feitiço capaz de prender um homem em um lugar de forma que ninguém possa encontrá-lo e ele apenas veja quem o enfeitiçou. Após alguns meses, sentindo-se melancólico, Merlin busca exílio no bosque de Broceliande e é seguido por Vivien, que insiste em saber sobre o feitiço. Desconfiado dos sentimentos dela, o mago reluta em revelar o encantamento até que uma tempestade cai e, assustada, Vivien corre para seus braços. Valendo-se da oportunidade, ela pede uma vez mais que Merlin conceda seu desejo. Ele cede, ela o enfeitiça e o abandona em Broceliande. (ARANA, 1883, p. 163-223)

No conto tolkieniano é dito que Melian era a mais bela, sábia e hábil em canções de encantamento dentre os Maiar e se mudou para a Terra-média quando os Primogênitos despertaram. Thingol era o senhor dos teleri e, durante a migração dos elfos para Valinor, saía pelos bosques buscando Finwë, seu amigo. Foi durante uma dessas saídas que ele encontrou Melian. Ao chegar ao bosque de Nan Elmoth, Thingol ouviu o cantar dos rouxinóis da Maia e caiu sob encantamento, permanecendo imobilizado. Quando seus sentidos identificaram a voz da Maia em meio ao canto dos pássaros, ele esqueceu-se de tudo e, embrenhando-se no bosque, encontrou-a em uma clareira. O elfo aproximou-se e segurou a mão de Melian. Então, um novo encantamento caiu sobre ele, deixando ambos na mesma posição por muitos anos e escondidos pelas árvores de modo que não puderam ser encontrados. (TOLKIEN, 2011, p. 57-58)

Podemos perceber que Tolkien adapta esse mitema celta à classe de personagens que utiliza. Assim, em lugar de um homem, encontramos um elfo, um ser que possui seus próprios poderes; e, em lugar de uma donzela élfica, nos deparamos com uma deusa, que também possui poderes, mas superiores aos de um elfo. O espaço é mantido: eles se encontram em um bosque, onde acabam presos por um encantamento.

“Todo o mundo está fora desse maravilhoso círculo,/ Nada por ele passa”. Entendemos melhor a relação desse motivo celta com o conto tolkieniano ao tomarmos essa versão da história devido às muitas semelhanças que possuem. Mas o fato de não podermos datá-lo impede que saibamos se ele é realmente anterior ao texto de Tolkien – e, logo, não inspirado em sua narrativa – e que nos aprofundemos em uma discussão com base nele. Além disso, foi apenas encontrado nessa fonte, que não é reconhecida academicamente. Por tudo isso, optamos por trazê-lo nesta nota.

³³ Há versões da lenda arturiana que não incluem Vivien como uma Dama do Lago, porém, isso é feito nas mais aceitas. Além disso, esta personagem também aparece com outros nomes, como Vivienne, Viviana e Nimue, dentre outros.

Ao comparar o conto tolkieniano com a versão de Lord Tennyson, não encontramos semelhanças além do uso do mesmo mitema, que os autores trabalham de forma diferente, e do fato de os quatro personagens possuírem poderes, o que, segundo a explicação de Byrd (2016, p. 15) citada anteriormente, parece não ser uma regra na utilização desse motivo. Não fica claro se, para Tennyson, Vivien é uma donzela élfica, a personagem pode ser entendida como uma espécie de feiticeira. O que podemos afirmar é que ela é uma mulher com poderes semelhantes aos de Merlin, apesar de menores. Ela, ao contrário do mago, busca fazer sempre o mal. Sua ida a Camelot já se deve a um desejo de destruir aquele reino por culpar Arthur pela morte de seus pais no campo de batalha, mesmo local e momento em que ela nasceu. (ARANA, 1883, p. 168-169) Seu objetivo ao encantar Merlin era alcançar a fama:

[...] E Vivien estava sempre buscando uma oportunidade de por em prática o malefício sobre o grande encantador da época, imaginando que a fama que com isso alcançaria estaria relacionada com o renome altíssimo daquele a quem pensava aniquilar. (ARANA, 1883, p. 178-179, tradução nossa)³⁴

Para conseguir o que queria, fingia-se apaixonada pelo mago e tentava convencê-lo com promessas e gestos. Ele, em seu íntimo, sabia que, ao descobrir como realizar o encantamento, ela o utilizaria contra ele e, por isso, negava-se a contar. Porém, ao fim, “Merlin, cansado da conversa da jovem e vencido por seus encantos, havia cedido, havia dito a ela todo o feitiço e havia dormido profundamente”, sendo abandonado por Vivien em Broceliande (ARANA, 1883, p. 223, tradução nossa)³⁵.

Assim, pode-se dizer que Tolkien e Tennyson mostram que um argumento pode ser trabalhado de formas completamente opostas. Tolkien conta o início de uma longa história de amor em um relato que reflete a perfeição do momento em que dois amantes se conhecem; Tennyson conta uma história de ódio, onde uma mulher má busca vingança e fama, o que permite perceber que há uma diferença de caráter entre sua Vivien e a Maia Melian. Na versão de Tolkien, Melian apaixona-se verdadeiramente por Thingol e permanece em Nan Elmoth com ele; já Vivien apenas

³⁴ [...] Y Bibiana estaba siempre buscando ocasión de operar el maleficio sobre el gran encantador de la época, imaginando que la fama que con ello alcanzára, estaría en relación con el renombre altísimo de aquel á quien pensaba aniquilar. (ARANA, 1883, p.178-179)

³⁵ “[...] Merlín, cansado de la charla de la joven y vencido por sus encantos, había cedido, le había dicho todo el hechizo, y se había dormido profundamente.” (ARANA, 1883, p. 223)

finge, nunca se apaixonou por Merlin e o deixa sob encantamento em Broceliande, o que significa que nunca mais alguém poderá encontrá-lo.

Conforme Richard C. West (2003, p. 261), Tolkien gostava de repetir padrões em suas histórias. Assim, vemos esse motivo celta novamente em “De Beren e Lúthien” (TOLKIEN, 2011, p. 203-236). Neste caso, Beren é um homem, mas, de novo, temos uma adaptação à classe de personagens de Tolkien. Lúthien não é uma donzela completamente élfica, pois é filha de Melian, uma Maia, e Thingol, um elfo.

Uma modificação com relação a “De Thingol e Melian” e “Merlin and Vivien” diz respeito à natureza do encantamento que cai sobre Beren. Este não é como o que afeta a Merlin e Thingol, que ficam presos imóveis e sem poder ser encontrados, mas sim um que o priva da fala, de modo que ele permanece por muito tempo observando Lúthien pelo bosque e ouvindo-a cantar e dançar sem poder falar-lhe. (TOLKIEN, 2011, p. 207-208)

Além desse paralelo com a mitologia celta, “De Beren e Lúthien” possui outros com os mitos de Orfeu e Eurídice, de Culhwch e Olwen e de Rapunzel. A ida de Lúthien a Mandos para unir-se novamente a Beren (TOLKIEN, 2011, p. 235-236) tem seu paralelo na mitologia grega, no mito de Orfeu e Eurídice, invertendo os papéis dos protagonistas (WEST; BYRD, 2003, p. 265, 2016, p. 27-28). Segundo a versão relatada por Gustav Schwab (2015, p.119-122), Orfeu era um “incomparável cantor”, cuja música encantava a todos, incluindo animais, árvores e rochas. Ele casou-se com Eurídice e, pouco tempo depois, ela pisou em uma cobra, que a mordeu e a matou. Orfeu cantou seu pesar, mas não obteve misericórdia. Então, decidiu procurar a esposa no mundo dos mortos. Assim como Lúthien diante de Mandos (TOLKIEN, 2011, p. 235-236), Orfeu cantou para Hades e Perséfone. Sua canção pedia que lhe devolvessem Eurídice ou o deixassem permanecer nos Inferos. Na versão tolkieniana, a devolução da pessoa amada é uma das opções oferecidas a Lúthien. (TOLKIEN, 2011, p. 236) Todos se comoveram com a canção de Orfeu, inclusive Hades e Perséfone: “pela primeira vez o tristonho casal foi tocado de compaixão”. (SCHWAB, 2015, p. 120) Com isso, Eurídice foi chamada. O mesmo ocorre com Lúthien:

A canção de Lúthien diante de Mandos foi a mais bela canção jamais criada em palavras, e a mais triste que o mundo um dia ouvirá. [...] E, enquanto estava ajoelhada diante dele, suas lágrimas caíram sobre os pés de Mandos como chuva sobre as pedras. E Mandos se comoveu, ele, que nunca se comovera desse modo até então, nem depois.

Convocou, portanto Beren; [...] (TOLKIEN, 2011, 235-236)

Orfeu obteve permissão de levar Eurídice consigo com a condição de não olhar para ela enquanto não tivessem retornado ao mundo superior. Mas, sem conseguir sentir nenhum indício de que a esposa realmente o seguia, Orfeu virou-se para se certificar e Eurídice foi levada de volta aos Ínferos. Já o fim do relato de Tolkien é feliz: Lúthien retorna de Mandos com Beren e eles vivem juntos até a morte. (TOLKIEN, 2011, p. 236) Esse final lembra o de um dos romances favoritos de Tolkien, *Sir Orfeo*, onde “o herói é bem sucedido no resgate de sua esposa”³⁶ (WEST, 2003, p. 265-266, tradução nossa)

Na mitologia galesa, encontramos um paralelo em “Culhwch e Olwen”, onde aparece o mitema do herói que deve cumprir uma missão impossível para conseguir permissão para se casar com a filha de um rei. Na versão dessa estória apresentada por Carmen Seganfredo (2015, p. 93-116), a madrasta do príncipe Culhwch faz uma previsão sobre ele e a filha do gigante Yspaddaden Penkawr, Olwen, por quem Culhwch se apaixonou apenas de ouvir falar. Seu pai, então, mandou-o a Camelot para que o Rei Artur, seu parente, o tornasse cavaleiro e pedisse a mão de Olwen para o príncipe. Mais de um ano após o início da procura pela filha do gigante, a comitiva conseguiu encontrar o castelo de Yspaddaden, que ficava próximo à casa de uma tia de Culhwch. Essa tia foi quem o ajudou a conhecer Olwen antes que o príncipe fosse até o gigante para fazer o pedido. Foram necessárias três visitas antes que Yspaddaden aceitasse dar sua filha em casamento com a condição de que Culhwch cumprisse uma missão, que consistia em uma série de tarefas difíceis. Para isso, o príncipe conta com a ajuda de Artur e seus cavaleiros, assim como do cão do Rei, Cavall. Após muitas complicações, a missão é cumprida e Culhwch recebe permissão para se casar com Olwen.

Artur e os cavaleiros auxiliando Culhwch são um paralelo para Felagund e os elfos de seu reino ajudando Beren (TOLKIEN, 2011, p. 214), assim como Cavall, o cão de Artur, matando um javali (SEGANFREDO, 2015, p. 111) o é para Huan, o cão de Valinor, matando o lobo Carcharoth (TOLKIEN, 2011, p. 234). Olwen difere de Lúthien no ponto em que não está disposta a contrariar o pai:

³⁶ “the hero is successful in retrieving his wife” (WEST, 2003, p. 266)

[...] Case-se comigo e vamos embora daqui, eu [Culhwch] lhe garanto que será comigo a mais feliz das mulheres, pois farei tudo para que isso aconteça.

- Isto é impossível – respondeu ela. – Isso mataria meu pai de desgosto. Jurei que jamais o abandonaria sem sua permissão. (SEGANFREDO, 2011, p. 100)

Já “Lúthien estava disposta a vagar na mata sem voltar [a Menegroth], deixando no esquecimento a casa, as pessoas e toda a glória dos reinos élficos”. (TOLKIEN, 2011, p. 231) Ela é, de modo geral, uma personagem forte e determinada que enfrenta todas as barreiras para ficar ao lado de Beren. Um exemplo disso é sua fuga da casa em que Thingol a trancara para que não fosse à procura de Beren. É nesse trecho que temos o paralelo com “Rapunzel” (GRIMM, J; GRIMM, W, 2010, p. 153-160) Rapunzel foi presa em uma floresta por uma feiticeira “numa torre que não tinha escadas nem portas” (GRIMM, J; GRIMM, W, 2010, p. 155), apenas uma pequena janela por onde ela jogava suas tranças quando chamada para que a feiticeira pudesse escalar e entrar. Um dia, um príncipe estava perto da torre, ouviu Rapunzel cantando e passou a retornar sempre à floresta para ouvi-la. Até que viu a feiticeira chamá-la e descobriu como entrar na torre. No dia seguinte, o príncipe imitou a feiticeira, subiu, explicou a Rapunzel que estava apaixonado por ela e pediu-a em casamento. Rapunzel aceitou, mas disse que não sabia como sair daquela torre. Então, pediu ao príncipe que, sempre que fosse visitá-la, levasse uma meada de seda, que ela transformaria em uma escada para descer. Porém, a feiticeira descobriu o plano, enviou Rapunzel para o deserto e permaneceu à espera do príncipe, que, quando descobriu o que acontecera, jogou-se da torre, ferindo os olhos e ficando cego. Ele vagou por muito tempo até chegar ao deserto, onde encontrou Rapunzel. As lágrimas dela curaram seus olhos e eles retornaram para o reino do príncipe.

Quando Lúthien descobriu que Beren estava preso nas masmorras de Sauron, quis partir em seu auxílio, mas o Rei Thingol mandou construir “uma casa da qual ela não pudesse fugir” na “mais alta de todas as árvores na Floresta de Neldoreth” e de onde “as escadas foram retiradas e guardadas” (TOLKIEN, 2011, p. 216) Sendo metade elfo e metade Maia, Lúthien possuía grandes poderes e os utilizou para fazer “com que seus cabelos crescessem até um comprimento enorme”, fazendo deles um manto e “uma corda que deixou suspensa na janela”, através da qual fugiu de sua prisão (TOLKIEN, 2011, p. 217). Assim, Lúthien e Rapunzel ficam

presas em uma floresta, num local alto, sem escadas, com uma janela como única forma de acesso e necessitam utilizar seus cabelos como uma corda – para que alguém entre, no caso de Rapunzel, e para sair, no caso de Lúthien.

Voltando à estória de Thingol e Melian, quando o elfo reencontrou seus parentes e amigos que haviam ficado procurando por ele em Beleriand (TOLKIEN, 2011, 61), tornou-se um poderoso rei. Os sindar eram seu povo e Melian sua rainha. Eles habitavam a região de Doriath e a morada real era Menegroth. (TOLKIEN, 2011, p. 58) Durante a primeira era do cativeiro de Melkor, o poder dos reis crescia na Terra-média e, apesar de a maior parte do território estar sob o Sono de Yavanna, em Beleriand, graças ao poder de Melian, “havia vida e alegria; e as estrelas brilhantes refulgiam como raios de prata” (TOLKIEN, 2011, p. 105)

Quando os anões chegaram a Beleriand, causaram espanto aos elfos, que acreditavam serem os únicos habitantes da Terra-média “a falar com palavras ou a trabalhar com as mãos”. (TOLKIEN, 2011, p. 106) Esse espanto é justificado pelo desconhecimento tanto sobre a existência dos anões quanto sobre a chegada dos homens. Sem completar a jornada para Aman, os sindar não tiveram mais nenhum contato com os Valar ou com os outros povos élficos. E mesmo aqueles que haviam chegado a Valinor apenas souberam sobre os Sucessores através das mentiras de Melkor. Assim, os sindar, o “povo abandonado” (TOLKIEN, 2011, p. 61), não tiveram nenhum tipo de aviso sobre isso.

Apesar de que elfos e anões se comunicassem através da fala, o entendimento entre os povos foi dificultado pela diferença entre suas línguas. (TOLKIEN, 2011, p. 106) Aqui, vemos um paralelo com fatos reais, o encontro de duas civilizações, cada uma com sua língua própria, das quais apenas uma prevalecerá. Neste caso, é a língua dos elfos que prevalece no contato entre esses povos. Tolkien (2011, p. 106) justifica isso dizendo que os anões tinham facilidade de aprendizado e eram mais dispostos a aprender a língua dos sindar do que a ensinar a sua àquele povo estranho. Assim, a amizade entre eles era distante e suas relações eram mais comerciais. De todos os elfos, os noldor foram os mais próximos aos anões devido a sua reverência a Aulë.

Ao cabo da segunda era do cativeiro de Melkor, Melian avisou a Thingol que o fim da paz em Arda se aproximava. O rei foi aconselhar-se com os anões sobre como proteger seu reino caso o mal despertasse novamente na Terra-média. Assim,

foi construída Menegroth. (TOLKIEN, 2011, p. 107) A descrição da morada de Thingol lembra a de castelos medievais:

[...] por onde fluía o Esgalduin, separando Neldoreth de Region, havia no meio da floresta uma colina rochosa, e o rio passava junto ao seu sopé. Ali os anões ergueram os portões do palácio de Thingol e construíram uma ponte de pedra sobre o rio, único meio de acesso aos portões. Do outro lado, amplos corredores desciam a salões e aposentos imponentes [...] [...] As pilastras de Menegroth foram esculpidas para se assemelharem às faias de Oromë [...] Melian e suas servas encheram os salões com tapeçarias nas quais podiam ser lidos os feitos dos Valar, e muitos fatos que haviam acontecido em Arda desde seu início, além de indícios de acontecimentos que ainda estavam por vir. [...] (TOLKIEN, 2011, p. 107-108)

Assim como os castelos medievais eram construídos com pedras para aumentar a segurança, a morada de Thingol foi feita. A diferença fica por conta de que o palácio fora escavado na própria rocha da montanha como as mansões dos anões tolkienianos. Daí seu nome, Menegroth, que significa as Mil Cavernas. (TOLKIEN, 2011, p. 106-107)

Quando já estava na terceira era do cativeiro de Melkor, os anões avisaram a Thingol que os servos do deus caído começavam a reaparecer pela Terra-média, causando tormento aos elfos que permaneceram em Cuiviénen. Pouco tempo depois, as feras já podiam ser vistas em Beleriand e Thingol se viu obrigado a conseguir armas. Os anões as forjaram e ensinaram esse ofício aos sindar, que puderam, com elas, livrar-se dos inimigos. Outra proteção foi feita pela Rainha: “Melian acionou seu poder e cercou todo o território ao redor com uma muralha invisível de sombras e desorientação: o Cinturão de Melian” (TOLKIEN, 2011, 113), cuja função era impedir que entrasse em “Doriath, o reino protegido” (TOLKIEN, 2011, p. 113) qualquer um que os reis não desejassem e que tivesse poder inferior ao de um Maiar. (TOLKIEN, 2011, p. 108-113)

O Cinturão de Melian lembra a proteção formada pelo encantamento utilizado por Vivien em Merlin e pela própria Maia em Thingol do ponto de vista de que é algo invisível que impede o contato de quem está de fora dele com quem está sob seu efeito. O Cinturão impede que aquele que Melian ou o rei não desejem encontre seu reino da mesma forma que o feitiço impede que quem fora encantado seja encontrado.

Sobre a semelhança com um castelo medieval, o mesmo pode ser dito de Valinor depois das mudanças operadas pelos Valar quando do ataque de Melkor a

Tilion. As paredes enormes erguidas nas Montanhas Pelóri as tornaram intransponíveis como as dos castelos. A região passou a estar guardada em tempo integral, sendo circundada por encostas cobertas de gelo e grandes precipícios que cumprem a função dos poços existentes para dificultar o acesso ao portão, única entrada disponível nas fortificações e intensamente vigiada. Em Valinor, Calacirya era a única passagem restante, sendo guardada por muitos sentinelas em altas torres. (TOLKIEN, 2011, p. 120-121)

Outro conto que traz paralelos com a mitologia grega é “Da volta dos noldor” (TOLKIEN, 2011, p. 127-141) Como dissemos na seção anterior, Fingon decidiu salvar Maedhros, que estava acorrentado a uma das paredes das Thangorodrim, sobre um precipício, para retomar a amizade entre os noldor. Auxiliado pelas nuvens negras que Morgoth lançara aos céus para combater às luzes do Sol e da Lua, ele chegou à Angband, mas não encontrou uma entrada. Então, entoou um canto de Valinor que foi respondido por Maedhros. Dessa forma, Fingon descobriu onde o parente estava, mas apenas conseguiu chegar à base do precipício onde o refém era mantido. Não vendo como ser salvo, o filho de Fëanor pediu que o antigo amigo o matasse e acabasse com seu sofrimento. Empunhando arco e flecha, pronto para atirar, Fingon suplicou a Manwë que lhes auxiliasse. Atendido prontamente, ele foi erguido por Thorondor, que o levou até Maedhros. Sem ter como livrá-lo da corrente que o prendia à montanha, Fingon decepou a mão do amigo e a ave os levou dali. (TOLKIEN, 2011, p. 132-133)

Essa passagem remete ao relato grego sobre Prometeu (SCHWAB, 2015, p. 17-22), segundo o qual o protagonista, após ter criado o ser humano e lhe ensinado várias coisas, entregou-lhe o fogo, o que havia sido negado a eles por Zeus. Como punição, Prometeu, por ordem de Zeus, foi acorrentado na parede de um abismo na montanha do Cáucaso com correntes inquebráveis, acompanhado de uma águia que devorava seu fígado diariamente. Héracles, passando por ali a caminho do jardim das Hespérides, matou a ave com uma flechada e libertou Prometeu das correntes, levando-o consigo.

Como Prometeu, Maedhros foi acorrentado à parede de uma montanha sobre um precipício por ordem de um deus. Em ambos os casos, as correntes que os prendiam eram inquebráveis e foi necessária uma intervenção externa para que eles pudessem se livrar da tortura. Fingon e Héracles, os salvadores, são semelhantes apenas na valentia e por, nesse caso, portarem arco e flecha. Por sua reconhecida

força, podemos imaginar que Héracles tenha quebrado as correntes. Já Fingon teve que amputar a mão de Maedhros. Nos dois salvamentos, refém e salvador se vão juntos, mas de formas diferentes, pois, em “Da volta dos noldor”, se faz necessária uma ajuda externa. Pode-se considerar a presença das águias mais uma semelhança entre as narrativas, mas cada uma delas cumpre um papel distinto. No caso grego, a ave está ao lado do deus punitivo e faz parte do castigo imposto a Prometeu. Já no tolkieniano, ela pertence ao deus salvador e vem para auxiliar Fingon a cumprir sua missão.

Um paralelo com um mito narrado na “Völsunga Saga” e que mostra o ouro dos anões como amaldiçoado (BYRD, 2016, p. 33) é encontrado na estória de Nauglamír causando a queda de Doriath. Esse mito também é contado no “Skáldskaparmál”, de Snorri Sturluson; no “Reginismál”, da *Edda Poética* (LINDOW, 2019, p. 79); e o próprio Tolkien o traz em *A lenda de Sigurd e Gudrún* (2010).

Segundo esse mito, Loki matou Otr, filho de Hreidmar, que, como compensação, exigiu que o corpo do filho fosse coberto de ouro. O deus, então, capturou o anão Andvari e roubou todo seu ouro, até mesmo um pequeno anel que ele não queria entregar. Por isso, Andvari amaldiçoou o anel, tornando-o causa de morte e discórdia. Cumprida a exigência, o ouro despertou a cobiça de Fáfnir e Regin, irmãos de Otr. Eles pediram a Hreidmar uma parte do tesouro, mas isso lhes foi negado. Fáfnir matou o pai, mas não entregou nada ao irmão. Regin contou ao herói Sigurd essa estória e onde Fáfnir habitava na forma de um dragão, incitando-o a matá-lo. Quando o herói o fez, Regin ficou muito agradecido, mas logo pássaros avisaram a Sigurd que ele tramava vingar o irmão e o herói o matou também, tomando para si o ouro. (LERATE; LINDOW; TOLKIEN, J. R. R., 1986, p. 241-257, 2019, p. 79, 2010, p. 71-145)

Tanto nessa estória quanto na de Tolkien, temos uma joia que pertenceu a um anão e a um dragão que acaba morto por um herói. Glaurung toma posse dos tesouros de Nargothrond (TOLKIEN, 2011, p. 273) e, posteriormente, é morto por Túrin da mesma forma que Sigurd mata Fáfnir:

[Túrin] Turambar então reuniu toda a sua vontade e coragem e escalou o penhasco sozinho, chegando abaixo do dragão. Sacou [a espada] Gurthang e, com toda a força de seu braço e de seu ódio, enfiou a espada no ventre macio do Lagarto [Glaurung], até o punho. (TOLKIEN, 2011, p. 283)

Sigurd e Regin foram a Gnitahaid, e ali viram as marcas do caminho de Fáfnir quando se arrastava até a água. Sigurd fez ali um grande buraco no caminho y entrou nele. Quando Fáfnir deixou seu ouro, soltou veneno, e este caiu na cabeça de Sigurd. Mas quando Fáfnir passou sobre o buraco, então Sigurd lhe cravou sua espada até o coração [...] (LERATE, 1986, p. 249, tradução nossa)³⁷

Após a morte de Glaurung, Mîm, um anão que Túrin havia conhecido quando viveu junto a proscritos, passa a habitar a fortaleza de Felagund e se apodera de suas riquezas (TOLKIEN, 2011, p. 293).

Além dessas semelhanças, ambas as joias causam discórdia e morte. Para o Rei Thingol, o colar lhe pertence; para os anões, ele não tem direito ao tesouro (TOLKIEN, 2011, p. 295-296). Assim, para se apossar do colar, eles matam o Rei, o que leva o povo de Doriath a persegui-los e matá-los (TOLKIEN, 2011, p. 297). Mas uma ressalva deve ser feita: no caso do conto tolkieniano, não é o ouro dos anões do qual é feito o colar que é amaldiçoado, mas sim a Silmaril que é engastada nele.

A última estória a ser abordada nessa seção é a de Tuor, que remete à de Teseu. Segundo uma versão do mito, o herói grego era filho de Etra e do rei ateniense Egeu, quem escondeu sob um rochedo à beira-mar sua espada e sapatos, dizendo a Etra que, quando o filho crescesse, o enviasse para Atenas com aqueles objetos. No momento adequado, ela levou Teseu até aquele local, contou-lhe tudo e ele seguiu em busca do pai. Na morada do rei, sacou a espada e, através dela, Egeu reconheceu o filho (SCHWAB, 2015, p. 242-247)

Além da semelhança de ter objetos deixados em um local à beira-mar para que fosse reconhecido, Teseu, assim como Tuor, tem inimigos motivados pelo desejo de poder – Palas e seus cinquenta filhos (SCHWAB, 2015, p. 247) – e traz benefícios ao reino a que chega – dominou o touro de Maratona (SCHWAB, 2015, p. 247), acabou com a obrigação de pagar tributo a Creta (SCHWAB, 2015, p. 248-249), proporcionou o crescimento de Atenas e paz para seu povo. (SCHWAB, 2015, p. 250-251)

Outra versão do mito diz que Teseu, na verdade, era filho de Poseidon, o deus das águas na mitologia grega, e apenas pensava ser filho de Egeu (BRANDÃO, 2015, p. 159-160). Assumindo que Tolkien tenha se baseado no mito

³⁷ Sígurd y Regin fueron a Gnitahaid, y allí vieron las huellas del camino de Fáfnir cuando reptaba al agua. Sígurd hizo allí un gran agujero en el camino y 'se metió en él. Cuando Fáfnir dejó su oro, resopló veneno, y éste le cayó en la cabeza a Sigurd. Pero cuando Fáfnir pasó sobre el agujero, entonces Sigurd le clavó su espada hasta el corazón. [...] (LERATE, 1986, p. 249)

grego, podemos dizer que é dessa versão que ele adapta a intervenção do Senhor das Águas.

Com o exposto até aqui, podemos perceber que Tolkien se baseia em diversas mitologias para criar a própria, utilizando-se dos mesmos mitemas em suas narrativas. Isso pode dar a impressão de que o autor não inovou em nada, apenas repetiu esses trabalhos com outros personagens, mas o grande diferencial entre a obra tolkieniana e as demais é que Tolkien construiu todo um mundo novo, desde os seres que o habitam até as línguas que eles falam, atribuindo características próprias a cada um de seus povos. Além disso, Tolkien mescla suas histórias de fadas com referentes pagãos, trazendo uma espécie de ensinamento religioso, como quem diz ao leitor que o que passou aos elfos na Terra-média ocorreu por os noldor terem se rebelado contra os deuses. Não se trata de mera imitação, mas de um retrabalho de argumentos consagrados, aos quais foi adicionada a genialidade tolkieniana.

5. Considerações finais

Em sua mitologia tomada no todo, J. R. R. Tolkien nos leva a um tempo primordial fictício, no qual deuses, elfos, homens, anões, hobbits, orcs, ents e diversas outras criaturas convivem, para mostrar uma versão do surgimento de nosso mundo. As ações podem ser localizadas na região onde atualmente encontramos a Inglaterra, pois o objetivo do autor era a construção de uma mitologia para seu país com a mesma riqueza e valor que ele encontrava nos mitos que conhecia e apreciava.

Começamos por um apanhado teórico sobre mitos que nos permite entender o que eles são, como se caracterizam e como são encarados pelas sociedades às quais pertencem e por aquelas que têm algum tipo de contato com eles como algo estrangeiro. Isso é importante para sabermos o que encontraremos nas obras ficcionais, pois são desses relatos primitivos que se extraem os mitemas. Ou seja, eles estão em sua base.

Em um resumo do que foi explicado por Tolkien (2020b, p. 35-36), podemos dizer que há uma evolução dos mitos primitivos protagonizados pelos deuses, passando pelas narrativas heroicas até chegar às histórias de fadas, os mitos de nossa época. Sobre narrativas como estas, Mircea Eliade (2016, p. 15) diz que, apesar de também contarem eventos que causam transformações no mundo, elas, diferentemente dos mitos primordiais, não modificam a condição humana. Disso discordamos, assim como, com base em seus escritos, acreditamos que Tolkien faria. As histórias de fadas trazem lições úteis para a vida, como, por exemplo, qual é a forma correta de agir, o que é certo e o que é errado, não desistir frente às adversidades, a importância da união para atingir os objetivos, etc. Hoje em dia, com todas as explicações científicas a que temos acesso, se alguém nos dissesse, como ocorria nos povos primitivos, que algo acontece de determinada forma porque um deus assim o determinou, no mínimo, desconfiaríamos da explicação. Também já não nos serve dizer que não devemos fazer algo ou agir de determinada maneira porque despertaríamos a ira de um ser divino. Já não o tememos – e, muitas vezes, sequer se acredita na sua existência –, de modo que essas mensagens têm de chegar a nós de outras formas e de maneira verossímil, permitindo sua internalização. O veículo para isso, na atualidade, são as narrativas que Tolkien

define como estórias de fadas. Como isso se dá é um assunto que pretendemos estudar em trabalhos futuros.

Nesse apanhado teórico, vimos, dentre outras coisas, que os mitos relatam algo que ocorreu em um passado muito remoto, cujos protagonistas são os deuses, mostrando que existe um local sagrado onde as deidades estão. Este é ligado de alguma forma a um espaço profano habitado por seres não divinos. Neste lugar, eles não têm nenhuma orientação – que entendemos como sendo algo que os ajudará de alguma maneira e não necessariamente uma espécie de passo a passo sobre como agir ou como fazer – e, se quiserem obtê-la, devem voltar-se ao sagrado, buscando a ajuda dos deuses.

No presente trabalho, focamos nos feitos da Primeira Era de Arda, desde os dias mais antigos de sua História, seu passado mais remoto. Nesse período, após uma tentativa de habitar a Terra-média e vê-la ser profanada por Melkor, os deuses Valar e Maiar construíram a Terra de Aman para si, no mesmo plano da outra e ligada a ela pelo Grande Mar do Oeste. Tempos depois, a Terra-média se tornou a morada dos Filhos de Ilúvatar, que eram atormentados por Melkor/Morgoth e não tinham nenhuma orientação para resolver esse problema. Num primeiro momento, quando apenas os elfos haviam despertado, os deuses agem por ordem de Ilúvatar e combatem o Inimigo eles mesmos, aprisionando-o e levando os Primogênitos para habitar no espaço sagrado. Mas, algum tempo depois, Melkor é libertado, corrompe os noldor, foge para a Terra-média e causa a expulsão daquele povo élfico do espaço sagrado por se voltar contra os Valar e cometer um fratricídio. De volta à profanada Terra-média, estes elfos recebem a companhia dos Sucessores e são, novamente, atormentados pelo Inimigo. Como da primeira vez, eles não tinham orientação sobre como agir nesse caso e, agora, travam batalhas infrutíferas. Para conseguir a ajuda de que necessitavam, Eärendil, que é descendente tanto de elfos quanto de homens e, assim, representa a ambos, tem de ir até o território sagrado de Aman. Mas como o povo élfico com o qual possuía laços de sangue havia se voltado contra os deuses, deve mostrar-se arrependido pelos atos de seus antepassados. Com isso, os deuses tomam o partido dos Filhos de Ilúvatar novamente e os ajudam na Guerra da Ira. Assim, Tolkien mostra seus deuses como misericordiosos, que perdoam e auxiliam quem é fiel a eles, mesmo após terem cometido graves pecados, desde que demonstrem arrependimento pelo que fizeram.

Dessa forma, a estória de fadas nos ensina que, quando cometemos um erro, devemos assumi-lo, mostrar-nos arrependidos e pedir perdão.

Mas, antes que tudo isso aconteça, temos o mito cosmogônico que diz que Ilúvatar orquestrou a Música dos Ainur e, assim, definiu o destino de Arda. Dessa narrativa, podemos depreender a seguinte cosmovisão: o que acontece no mundo é obra de deuses, dos quais Ilúvatar é o maior e desejava apenas coisas boas para suas criações, assim como seus auxiliares, os Ainur. Porém, um deles se rebelou e, no momento em que o destino do mundo era definido, criou dissonâncias, que foram combatidas por Ilúvatar, mas, ainda assim, têm influência na vida. Por isso, ocorrem alguns percalços, mas, ao final, tudo ficará bem, pois, sendo Ilúvatar o Superior, sua vontade é mais forte.

Retomando, a diferença entre sagrado e profano mostra os espaços como heterogêneos. Segundo as teorias que abordamos, o tempo também possui essa característica: no momento em que alguém vive um ritual para se aproximar dos deuses de sua crença, o tempo corrente é, metaforicamente, interrompido e a pessoa levada ao tempo primordial no qual os deuses viviam. Isso também ocorre com a leitura ou transmissão oral das ficções. No momento em que um livro é aberto ou uma estória começa a ser contada, o leitor/ouvinte interrompe sua vida cotidiana, muda de espaço – do Mundo Primário para o Mundo Secundário – e muda, também, de tempo, saindo do seu presente para o momento em que a narrativa se situa. Isso é também um rito.

Dois pontos mais específicos sobre a obra de Tolkien merecem atenção. Como vimos, dentro dos mitos tolkienianos para os ingleses, há um mito pertencente aos elfos que remete à época de seu despertar e fala do horror que Melkor causou a eles tentando destruí-los e afastá-los dos deuses. Esse relato foi transmitido de forma oral em canções, o que o aproxima dos relatos dos povos primitivos. Já os homens não possuíam nenhum mito, porque as histórias de seu passado não foram preservadas. Assim, não sabiam nada sobre seus antepassados, nem sobre o que eles viveram em Arda. Dessa forma, Tolkien mostra a importância da mitologia e de sua preservação para uma sociedade através do contraponto entre elfos e homens.

Também devemos destacar o fato de que, na obra tolkieniana, os deuses cultuam outro deus. Isso é mostrado em uma passagem na qual os Valar promovem uma festa dedicada a Eru/Ilúvatar em que realizam um tributo ao Ser Superior com a primeira colheita das frutas (TOLKIEN, 2011, p. 83-84). Como ainda viviam em

Valinor, os elfos tomam parte nesta comemoração, mas, após a migração dos noldor de volta à Terra-média, não há registro de que qualquer oferenda ao deus, nem qualquer festividade semelhante a essa tenha sido realizada. Assim, como mostramos, Ilúvatar desaparece do culto e se torna um *deus otiosus*.

A partir da análise empreendida, pudemos perceber, ao longo de toda a narrativa, a presença de muitos paralelos tanto com mitos bíblicos – como o êxodo dos filhos de Israel e a expulsão de Adão e Eva do Éden –, quanto com mitos gregos, celtas, galeses e nórdicos – como as histórias de Prometeu e de Culhwch e Olwen. Este estudo nos permitiu notar, também, que há uma transição no aparecimento desses paralelos: enquanto os noldor se mantêm perto dos deuses, são notadas mais relações com a *Bíblia* e, ao passo que eles vão se afastando das deidades, estas vão dando lugar aos paralelos com outras mitologias, mais precisamente às narrativas em que os protagonistas não são os deuses, mas sim os heróis. Dessa forma, podemos ver que, quando se trata de ações no espaço sagrado, apesar de que os Valar e os Maiar apresentem características comparáveis às de deuses gregos e nórdicos, Tolkien dá preferência aos relatos mitológicos relacionados com a fé que professava e, quando se trata do espaço profano, o autor se volta às outras narrativas. Mas isso não significa que não há paralelos com outras mitologias na parte inicial do material analisado, nem que não há paralelos bíblicos em seu final.

Por fim, resta falar sobre a influência da vida pessoal de Tolkien em seu legendário. Esses paralelos que encontramos se apresentam em seus textos porque tratam de coisas importantes em sua vida: a religião e as leituras que tanto lhe davam prazer. Mais do que simples fé, a vivência do catolicismo supriu a ausência deixada pela perda da mãe, proporcionando conforto a ele.

Além disso, há a questão das amizades e da relação com Edith. Os amigos de Tolkien eram muito importantes, seja compartilhando experiências e sonhos na infância/adolescência ou sendo o público que tinha acesso a seus trabalhos em manuscritos e fazendo críticas a eles. De uma forma ou de outra, Tolkien contava com seu apoio. No âmbito das amizades, destacam-se G. B. Smith e C. S. Lewis. O primeiro, como último pedido, encarrega Tolkien de por em prática o que sonhavam na época do T. C. B. S; o segundo estimula-o a seguir em frente com o projeto.

No que diz respeito à história de Tolkien com a esposa, vemos Edith como uma presença constante desde o início, quando, com o marido doente em um

hospital, encarregou-se de fazer as cópias de seus escritos. É possível que a perda de Edith tenha influenciado para que Tolkien não tenha podido terminar de compor os mitos do seu legendário. Com a leitura das cartas publicadas em *As cartas de J. R. R. Tolkien*, pudemos perceber que, após o falecimento da esposa, o autor muda o tom e se torna mais melancólico. Fato é que a relação do casal contribuiu diretamente para a mitologia, afinal Tolkien e Edith são Beren e Lúthien.

A partir da pesquisa realizada, pudemos perceber que a vivência religiosa e a leitura de diversas mitologias foram fundamentais para a construção do trabalho de Tolkien, refletindo-se em seus textos através de muitos paralelos. Religião e mitologia, em Tolkien, são a base dos escritos, pois são algo que o autor considerava fundamental para o crescimento pessoal dos indivíduos. Ele tenta passar a seus leitores o que entendia por religião e mitologia, que considerava trazerem informações importantes que os povos devem manter sobre si mesmos. Assim, relatos bíblicos, que representam o catolicismo, misturam-se a relatos pagãos vindos de outras mitologias para transmitir ensinamentos úteis à vida dos leitores e, dessa forma, atingir o objetivo de um mito/estória de fadas.

Referências bibliográficas

ABRAM, Christopher. **Mitos do Norte pagão**: os deuses nórdicos. Tradução: Renan Marques Birro. Petrópolis: Vozes, 2019. 352p.

ARANA, Vicente de (org.). **Poemas de Alfredo Tennyson**. Barcelona: [s. n.], 1983.

ASCASO, Joaquín Sanmartín. Misterio de Dioses: el diluvio en las tradiciones babilónica y bíblica. **ARYS: Antigüedad, Religiones y Sociedad**, Huelva, v. 10, p. 35-64, 2012. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10272/7736> >. Acesso em: 12 jul. 2019.

BÍBLIA: Novo Testamento: os quatro Evangelhos. Tradução: Frederico Lourenço. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. v. 1.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo, SP: Paulus, 1990.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2018. 440p. v. 3.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução: David Jardim. Rio de Janeiro: Agir, 2014. 360p.

BYRD, Alfred D. **Biblical parallels in the Silmarillion**. Los Gatos, CA: Smashwords Edition, 2016. 49p. *E-book*. Disponível em: <<https://www.smashwords.com/books/view/638499>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill; FLOWERS, Betty Sue (org.). **O poder do mito**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 2017. 288p.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007. 416p.

CARPENTER, Humphrey. **J.R.R. Tolkien**: uma biografia. Tradução: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018. 384p.

CARTER, Lin. **O senhor do Senhor dos Anéis**: o mundo de Tolkien. Tradução: Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2003. 226p.

DURIEZ, Colin. **J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis**: o dom da amizade. Tradução: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018. 304p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. 192p.

_____. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016. 180p.

ESPINOSA, Enrique Romerales. El legado metafísico de las cosmogonías. Una tensión recurrente entre las concepciones monistas y las pluralistas. **Éndoxa**,

Madrid, n. 36, p.11-30, 2015. Disponível em:
<<https://doi.org/10.5944/endoxa.36.2015.14534>>. Acesso em 23 maio 2019.

EVSLIN, Bernard. **Heróis, deuses e monstros da mitologia grega**. Tradução: Marcelo Mendes. São Paulo: Benvirá, 2012. 230p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 506p.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento. O mito, o herói, o artista. **Ohun**, Salvador, BA, v. 4, n. 4, p. 84-99, dez. 2008. Disponível em: <
http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/luciane_ruschel.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019.

GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega**. Tradução: Rejane Janowitz. Porto Alegre: L&PM, 2019. 128p.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Rapunzel. In.: **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Tradução: Maria Luiza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p.153-160.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 907p.

KYRMSE, Ronald. **Explicando Tolkien**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 184p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017a. 432p.

_____. **Antropologia estrutural dois**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017b. 432p.

LERATE, Luis (ed.). **Edda Mayor**. Madrid: Alianza Editorial, 1986. 367p.

LINDOW, John. **O livro da mitologia nórdica**. Tradução: Lukas Gabriel Grzybowski. Petrópolis: Vozes, 2019. 480p.

LÓPEZ, Rosa Sílvia. **O Senhor dos Anéis e Tolkien**: o poder mágico da palavra. São Paulo: Devir: Arte & Ciência, 2004. 224p.

MEISTER, Mauro Fernando. A questão dos pressupostos na interpretação de gênesis 1.1 e 2. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 5, n. 2, 2000. Disponível em: <
<https://cpaj.mackenzie.br/fides-reformata/fides05-n2>> Acesso em: 23 mai. 2019.

MONGELLI, Lênia Márcia. Apresentação: a história de Arthur além da História. In.: PYLE, Howard. **Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 7-25

MORAES, H. J. P.; MÁXIMO, W. C. O dilúvio mítico e o mito da grande inundação de Tubarão (1974): recorrências e convergências no imaginário. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO, 2., 2016.

Criciúma, SC. *Anais...* Criciúma: UNESC, 2016. Disponível em: <
<http://dx.doi.org/10.18616/ce.v0i0.2895> >. Acesso em: 12 jul. 2019.

MÜLLER, Max. **Mitología comparada**. Traducción: Pedro Jarbi. Barcelona: Edicomunicación, [1988?]. 308p.

OJALA, Raisa. Prefácio. In.: LÖNNROT, Elias. **Kalevala**: poema primeiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 9-11.

ORCHARD, Andy. **Dictionary of Norse Myth and Legend**. Londres: Cassell, 1997. 224p.

PLATÃO. **Timeu e Crítias ou a Atlântida**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012. 192p.

PYLE, Howard. Prefácio. In.: _____. **Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda**. Tradução: Vivien Kogut Lessa de Sá. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.29.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Interpretação histórico-social das duas narrativas de dilúvio da Bíblia Hebraica. **Horizonte**, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 48, p. 1446-1479, out./dez. 2017. Disponível em: <
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n48p1446> >. Acesso em: 12 jul. 2019.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 288p.

SCHWAB, Gustav Benjamin. **As mais belas histórias da Antiguidade Clássica: metamorfoses e mitos menores**. Tradução: Luís Krausz. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 336p. (As mais belas histórias da Antiguidade Clássica: os mitos da Grécia e de Roma, v.1).

SEGANFREDO, Carmen. Culhwch e Olwen. In.: _____. **As mais originais histórias da mitologia galesa: Mabinogion**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2015. p. 93-116.

SILVA, Larissa Cândido da. A cosmogonia em Hesíodo, Ovídio e Tolkien: a eterna contemporaneidade da mitologia na compreensão de universos. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188918>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

STRONG, James. **Dicionário bíblico Strong**: léxico hebraico, aramaico e grego de Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. *E-book*.

TORRES, José Victor Estrada. **Cosmovisión y cosmogonía de los pueblos indígenas costarricenses**. San José: Ministerio de Educación Pública, 2012. 60p.

TOLKIEN, Christopher. Comentário sobre Völsungakviða en Nýja. In.: TOLKIEN, J. R. R.; TOLKIEN, Christopher (ed.). **A lenda de Sigurd e Gudrún**. Tradução: Ronald Kyrmse. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 245-295.

_____. Prefácio. In: TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e folha**. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperColins. 2020. p.9-13.

_____. O poema não escrito e sua relação com O Silmarillion. In.: TOLKIEN, J. R. R.; TOLKIEN, Christopher (ed.). **A queda de Artur**. Tradução: Ronald Eduard Kyrmse São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013a. p. 155-200.

_____. O poema na tradição arturiana. In.: TOLKIEN, J. R. R.; TOLKIEN, Christopher (ed.). **A queda de Artur**. Tradução: Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013b. p. 101-151.

TOLKIEN, J.R.R. Völsungakviða en Nýja. In.: _____.; TOLKIEN, Christopher (ed.). **A lenda de Sigurd e Gudrún**. Tradução: Ronald Kyrmse. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 57-241

_____.; TOLKIEN, Christopher (ed.). Comentários complementares à tradução de Beowulf. In.: _____. **Beowulf**: uma tradução comentada, incluindo o conto Sellic Spell. Tradução: Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015. p.229-455.

_____.; CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Tradução: Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006. 472p.

_____. **O Silmarillion**. Tradução: Waldéa Barcellos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 470p.

_____. **O Senhor dos Anéis**: a sociedade do anel. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pissetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 450p.

_____. Mitopeia. In: _____. **Árvore e folha**. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperColins. 2020a. p.91-101.

_____. Mitopoeia. In: _____. **Árbol y hoja**. Traducción: Luis Domènech.. Barcelona: Ediciones Minotauro. 1994a. p.131-143.

_____. Sobre estórias de fadas. In: _____. **Árvore e folha**. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020b. p.17-88.

_____. Sobre los cuentos de hadas. In: **Árbol y hoja**. Traducción: Julio César Santoyo y José M. Santamaría. Barcelona: Ediciones Minotauro. 1994b. p.13-100.

WEST, Richard C. Real-world myth in a secondary world: mythological aspects in the story of Beren and Lúthien. In.: CHANCE, Jane (org.). **Tolkien: the medievalist**. Londres: Routledge, 2003. p.259-267. *E-book*.